



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Ciência da Informação – FCI
Mestrado em Ciência da Informação

**As representações sociais no ensino médio do Distrito
Federal: a biblioteca escolar pública sob o olhar do
estudante**

YACIARA MENDES DUARTE

Brasília
2015

YACIARA MENDES DUARTE

**As representações sociais no ensino médio do Distrito Federal:
a biblioteca escolar pública sob o olhar do estudante**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Ciência da Informação.

Orientadora: Prof. Dra. Ivette Kafure

Área de concentração: Gestão da Informação.

Brasília

2015

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: As representações sociais no ensino médio do Distrito Federal: a biblioteca escolar pública sob o olhar do estudante

Autor (a): Yaciara Mendes Duarte

Área de concentração: Gestão da informação

Linha de pesquisa: Comunicação e Mediação da Informação

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Faculdade em Ciência da Informação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre** em Ciência da Informação.

Dissertação aprovada em: 01 de Julho de 2015.



Prof.^a Dr.^a Ivette Kafure Muñoz
Presidente (UnB/PPGCINF)



Prof.^a Dr.^a Andréa Pereira dos Santos
Membro Externo (UFG)



Prof. Dr. Cláudio Gottschalg-Duque
Membro Interno (UnB/PPGCINF)

Prof.^a Dr.^a Lillian Maria A. de Resende Álvares
Suplente (UnB/PPGCINF)

Dedico aos alunos de escola pública que merecem uma educação de qualidade para que possam sonhar com futuros melhores e também a minha querida amiga Vivianne que mais do que eu, acreditou em mim para a realização deste sonho. Gratidão eterna.

Agradecimentos

Agradecer é a forma de reconhecer que tudo que temos e somos, faz parte de um conjunto de mãos que colaboram para dar forma a diversos sonhos. Esta dissertação que hoje se materializa em forma de texto, foi feita além de muito estudo, a partir da contribuição acadêmica (ou não) de várias pessoas a quem tenho o prazer de dividir momentos da minha existência.

No cotidiano, que percebo que sou soma dessas grandes pessoas que passam em minha vida e deixam algo que modifica minha visão de mundo. Pessoas próximas, pessoas distantes, pessoas que nem sabem da minha existência. Pessoas. A elas, que já passaram por este mundo, as que estão, as que virão, eu agradeço. Cada vida neste mundo é uma grande história, uma pena eu não poder escutar todas.

A vida é difícil, cansativa, complicada, mas é meu maior presente. Agradeço sabe-se lá a quem ou ao acaso cosmológico que compôs a pessoa que sou hoje.

A minha família, obrigada. Pelo cuidado, preocupação, pelas críticas e principalmente por aceitarem minhas escolhas. Difíceis, mais longas, às vezes infrutíferas, mas são minhas. Obrigada Mãe, Inês e Pai por me deixarem sonhar.

Aos meus amigos, a parte doce da vida, só tenho a agradecer:

Karol, Isabelle e Dona Marilene. Eu queria ser irmã de sangue, mas o coração já me incluiu na família de vocês. Agradeço além da amizade, pelos infinitos almoços, pelo tratamento de rainha que recebo quando estou em suas casas, pelo cuidado demonstrado durante todos estes anos.

Thays (irmã de leite), amizade mais longa, carinho sem fim.

Aos falsinhos: Fernando, Stephany, Hérika, Patrícia: minha ironia é a forma de amar vocês! Obrigada por tudo.

Filipe e Leonardo, esta vida que sempre muda e o laço forte que ainda permanece.

Héryta, que mesmo longe está sempre no meu coração.

Thiago Resende, meu grande amigo, por acompanhar meus sonhos

desde muito tempo.

Alan, Ailton e Elton por sempre estarem por perto e me proporcionarem grandes histórias, pelo cuidado de irmãos que vocês tem comigo.

Marcos pela [des]agradável companhia e pela colaboração em busca dos sinônimos ideais.

Miqueli, minha grande amiga, dona da risada mais contagiante e da mente mais criativa que já conheci.

Ao Rômulo pela ajuda no resumo e pelo bom exemplo de professor que me oferece em suas aulas.

Aos biblioamigos: Diego Henrique, Jonniery, Mariana, Tainá, Fabi, Vivi, Ana Flávia que desde 2006 fazem meus dias mais felizes. A Biblioteconomia é mais bonita com vocês.

Obrigada as minhas irmãs de coração: Weslane, Luana e Wanne pelas alegrias, brigas, crescimento mútuo, trocas de experiência e apoio. Vocês são minha família. E aos seus filhotes, Julia e Ian que me mostram o quanto o milagre da vida é infinito.

Aos meus colegas de trabalho, bibliotecários ou não que me ensinaram um pouco do que sabiam e que moldaram a profissional que sou hoje: Raquel, Rívea, Vanessa, Tiago Amaro, Andréa, Ariane, Fátima, Cassimira, Cláudia, Cris, Pedro, Sueli, Igor, Dani, Dayanne, Tia Cida, Dulce, Valma e muitos outros que talvez eu não me lembre agora.

Agradeço a professora Ivette, que é um ser humano dotado de muita humanidade e de sensibilidade ímpar. Sua compreensão, cuidado e carinho são exemplo para mim.

Agradeço também de coração a minha banca e em especial a todos os alunos que colaboraram partilhando um pouco do seu tempo para falar daquilo que eu mais amo: bibliotecas!

*A minha escola não tem personagem.
A minha escola tem gente de verdade.*

(Renato Russo)

*Se dizem que é impossível, eu digo: é necessário!
Se dizem que estou louca, fazendo tudo ao contrário...
Eu digo que é preciso. Eu preciso, é necessário.*

(Humberto Gessinger)

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo de identificar as representações sociais dos estudantes de ensino médio a respeito da biblioteca escolar. A teoria das representações sociais, apresentada por Moscovici na década de 1950, é uma forma de interpretação de diferentes elementos que compõem a vida humana, construídas a partir de experiências, ideologias e de pensamentos repassados por membros do mesmo grupo ou pelos meios de comunicação. Busca-se conhecer as representações sociais dos estudantes de ensino médio sobre a biblioteca para que seja possível alinhar as necessidades informacionais e culturais destes com o papel da biblioteca escolar. A pesquisa bibliográfica apresenta os temas: ensino médio, representações sociais, biblioteca escolar e comunicação e mediação da informação. Foram utilizados como instrumentos de coleta o questionário sobre questões informacionais dos estudantes e um roteiro de entrevista semiestruturada, para aprofundar nas experiências em bibliotecas e uso da informação 20 alunos de dez escolas públicas diferentes. Foi utilizado o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) para analisar e categorizar os dados das entrevistas realizadas. Alguns resultados ilustraram a visão existente dos estudantes sobre a biblioteca, a busca por um ambiente informacional de interação com os colegas, com uma atmosfera mais alegre e dinâmica.

Palavras Chaves: Biblioteca escolar. Ensino Médio. Discurso do sujeito coletivo. Alunos de escola pública. Representações sociais.

Abstract

This study aims to identify the social representations of high school students about the school library. The theory of social representations, by Moscovici in the 1950s, is a form of interpretation of different elements that make up human life, built from experiences, ideologies and passed by members of the same group or by the media thoughts. It's necessary understanding the social representations of high school students about the library that can possible align the informational and cultural needs of those with the role of the school li brary. The literature presents the themes: high school, social representations, school library and mediation and communication of information. They were used as collection instruments the questionnaire on informational issues of students and a semi-structured interview guide, to deepen the experiences in libraries and use of information 20 students from ten different public schools. The Collective Subject Discourse (DSC) was used to analyze and categorize data through interviews. Some results have illustrated the existing students' views about the library, the search for an informational environment interaction with peers, with a more lively and dynamic atmosphere.

Keywords: School library. High School. Collective subject discourse. Students in public schools. Social representations.

Lista de ilustrações

Figura 1- Mudanças do ENEM de 1998 a 2009	34
Figura 2 - Modelo de comunicação de Lasswell (1948)	49
Figura 3 - Diagrama do modelo da Teoria Matemática de Shannon	50
Figura 4 – Esferas de pertença das representações sociais	62
Figura 5 – Nuvem de adjetivos sobre a biblioteca.....	72
Figura 6 - Acervo Biblioteca Colégio Dom Pedro II	79
Figura 7 – Projeto de incentivo à leitura – Biblioteca CEM Setor Leste	80
Figura 8 – Biblioteca CED 15 – Ceilândia	80
Figura 9 – Biblioteca CEM 310.....	81
Figura 10 – Acervo Biblioteca CEM 111	82
Figura 11 – Espaço físico CEM 111	82
Figura 12 – Parte do acervo CEM 304	83
Figura 13 – Biblioteca CEM 304.....	84
Figura 14 – Espaço físico da biblioteca do CEM 404 Santa Maria.....	84
Figura 15 – Tapete da biblioteca CEM 404.....	85

Lista de gráficos

Gráfico 1 – Série dos estudantes pesquisados (Pré-teste)	69
Gráfico 2– Faixa etária dos estudantes (Pré-teste)	69
Gráfico 3– Quantidade de livros lidos nos últimos três meses (Pré-teste)	70
Gráfico 4 – Uso da Internet pelos estudantes (Pré-teste)	71
Gráfico 5 – Gênero dos participantes.....	88
Gráfico 6 – Idade dos participantes da pesquisa.	
Gráfico 7 – Pergunta 1: Você gosta de ler?	89
Gráfico 8 - Você leu algum livro nos últimos três meses?	89
Gráfico 9 - Seus pais/responsáveis/familiares já comentaram algo sobre bibliotecas com você?	90
Gráfico 10 - Você teve experiências em bibliotecas quando criança?.....	91
Gráfico 11 - Você frequenta outras bibliotecas?	91
Gráfico 12 - Você costuma ir na biblioteca de sua escola?	92
Gráfico 13 - Quanto tempo você fica conectado na internet?.....	92
Gráfico 14 – Ideias centrais da pergunta 1: “O que vem em sua mente quando falam em biblioteca? O que te chama atenção quando está em uma?”	94
Gráfico 15 - Ideias centrais da pergunta 2 - “Sua família, amigos ou professores falaram ou falam com você sobre a biblioteca?”	97
Gráfico 16 - Ideias centrais da pergunta 3 “O que você já viu na TV, jornais ou na internet sobre bibliotecas?”	101
Gráfico 17 – Ideias centrais sobre a importância da biblioteca para a sociedade.....	105
Gráfico 18 – Ideias centrais a respeito das experiências positivas do estudante na biblioteca	109
Gráfico 19– Ideias centrais sobre experiências negativas na biblioteca	113
Gráfico 20 – Ideias centrais sobre a biblioteca da escola	116
Gráfico 21 - Ideias centrais sobre a biblioteca ideal	119
Gráfico 22 – Ideias centrais sobre o papel da biblioteca no resultado do ENEM.....	123

Lista de quadros

Quadro 1 – Componentes curriculares do ENEM	33
Quadro 2- Mudanças do ENEM de 1998 a 2009.....	34
Quadro 3 – Discursos do sujeito coletivo sobre imagem da biblioteca.....	95
Quadro 4 - Discursos do sujeito coletivo sobre a participação família, professores e amigos no incentivo do uso da biblioteca.	99
Quadro 5 - Discursos do sujeito coletivo sobre a participação da mídia na construção das RS	103
Quadro 6- Discursos do sujeito coletivo sobre a importância da biblioteca nos dias atuais	107
Quadro 7 – Discursos do sujeito coletivo sobre as experiências positivas na biblioteca.	111
Quadro 8 – Discursos do sujeito coletivo correspondentes às experiências negativas na biblioteca.....	115
Quadro 9 – Discursos do sujeito coletivo sobre a percepção da biblioteca da escola.....	117
Quadro 10 – Discursos do sujeito coletivo sobre a biblioteca ideal.....	121
Quadro 11- Discursos do sujeito coletivo sobre a participação da biblioteca nos resultados do Exame Nacional do Ensino Médio	124

Lista de abreviaturas e siglas

BE – Biblioteca escolar

CEM – Centro de Ensino Médio

CEMAB - Centro de Ensino Médio Ave Branca

CI - Ciência da Informação

CNLD - Comissão Nacional do Livro Didático

CODEPLAN - Companhia de Planejamento de Distrito Federal

COLTED - Comissão do Livro técnico e Livro didático

DF – Distrito Federal

DSC – Discurso do Sujeito Coletivo

EM – Ensino Médio

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

Fename - Fundação Nacional de Material escolar

IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC - Ministério da Educação

Plidef - Programa do Livro didático para o Ensino Fundamental

PNBE - Programa NACIONAL Biblioteca na Escola

PNLL - Plano Nacional do Livro e da Leitura

Prodelivro - Programa de desenvolvimento e Preservação do Livro

PROLER - Programa Nacional de Incentivo à Leitura

RA – Regiões administrativas

RS – Representações sociais

SECULT – Secretaria de Cultura do Distrito Federal

SEDF – Secretaria de Educação do Distrito Federal

SENAC - Nacional de Aprendizagem Comercial

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SNBP - Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas

Sumário

1 Introdução	15
1.1 Justificativa	17
1.2 Objetivos.....	20
2 Um passeio pela história da educação para entender o Ensino Médio	21
2.1 A mudança da capital e o sonho educacional de Anísio Teixeira	27
2.2 O ensino médio no Distrito Federal	30
2.2.1 Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e seus impactos na educação brasileira	31
3 A biblioteca escolar e seu papel educativo	38
3.1 A biblioteca escolar que queremos.	42
3.2 A biblioteca na comunicação e mediação da informação.....	46
4 As representações sociais frente à biblioteca escolar no ensino médio	57
4.1 Processos de geração de representações sociais: ancoragem e objetivação .	63
5 Metodologia	66
5.1 Instrumentos de coleta	66
5.2 Pré – teste	67
5.3 Delimitações da pesquisa e amostragem para coleta final	76
5.4 Coleta de dados.....	78
5.4.1 Perfil das escolas visitadas.....	78
a) Colégio Militar Dom Pedro II (CMDP II):	78
b) Centro de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional Técnica do Gama (CEMI)	79
c) Centro de Ensino Médio Setor Oeste (CEMSO)	79
d) Centro de Ensino Médio Setor Leste	79
e) Centro Educacional 15 de Ceilândia	80
f) CED 310 - Santa Maria	81

g) Centro de Ensino Médio 111 – Recanto das Emas	81
h) Centro de Ensino Médio Elefante Branco	82
i) Centro de Ensino Médio 304.....	83
j) Cem 404 Santa Maria.....	84
5.5 Discurso do sujeito coletivo (DSC)	85
5.5.1 Perfis dos participantes.....	87
5.5.2 DSC 1 – Aspectos sobre a percepção da biblioteca	93
5.5.3 DSC 2 – Aspectos relacionados aos grupos de convivência do estudante ..	97
5.5.4 DSC 3 – Aspectos relacionados à influência da mídia na construção de representações sociais.	101
5.5.5 DSC 4 – Importância da biblioteca para a sociedade	105
5.5.6 DSC 5 – Experiências positivas na biblioteca	109
5.5.7 DSC 6 – Experiências negativas na biblioteca.....	113
5.5.8 DSC 7 – Aspectos sobre a biblioteca da escola.....	116
5.5.9 DSC 8 – Aspectos sobre a biblioteca ideal	119
5.5.10 DSC 9 – Contribuição da biblioteca para os resultados do ENEM.	123
6 Considerações finais.....	126
7 Referências	129
APÊNDICE A - Questionário.....	139
APÊNDICE B – Roteiro para entrevista	141
APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	143
ANEXO A - Carta de apresentação da pesquisa.....	144
ANEXO B – Documento da Secretaria de Educação sobre a quantidade de bibliotecários no Distrito Federal.....	145
ANEXO C – Lista de escolas públicas que participaram do ENEM 2013.....	146

1 Introdução

A escola é um mecanismo de inserção do indivíduo que além das habilidades de leitura e escrita, é um dos primeiros espaços extrafamiliar onde se privilegia a convivência em grupo e a compreensão em uma esfera micro do funcionamento da sociedade.

As etapas educacionais, que acompanham o indivíduo desde a primeira infância, proporcionam a ele, um acúmulo de conhecimento e experiências que o fazem capaz de fazer parte de uma rede que utiliza de competências e habilidades humanas para desenvolvimento social, político, entre outros.

Atualmente, a educação brasileira obrigatória corresponde a pré-escola, ensino fundamental e médio, sendo oferecida pelas escolas para crianças na idade de 4 anos, para início na pré-escola e finalizando com 17 anos, ao término do ensino médio (BRASIL, 1996).

O ensino médio (EM) é a etapa final da educação básica brasileira e atualmente passa por problemas em sua estrutura. Dados de 2011 apresentam que menos da metade dos jovens de 15 a 17 estão cursando esta etapa. Além disso, o índice de abandono entre 1999 e 2011 dobrou (de 7,4% para 16,2%) (FUNDAÇÃO, 2013).

Teoricamente, o ensino médio prepara o jovem para o ingresso no nível superior ou para desenvolver habilidades profissionalizantes. Com os índices de avaliação cada vez mais decrescentes e também o uso dos resultados provenientes do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) para ingresso no nível superior, pergunta-se o que pode ser feito para aprimorar esta etapa, possibilitando ao jovem que está prestes a fazer parte do mundo do trabalho, melhores oportunidades para seu futuro.

De acordo com Carneiro (2012), as escolas de EM que apresentam resultados satisfatórios em suas atividades, trabalham com práticas interdisciplinares, com avaliação efetiva, presença de professores, dentre outros aspectos. Vale ressaltar que programas orientados de leitura e uma biblioteca atuante e dinâmica também são determinantes neste processo de melhoria.

A biblioteca escolar permite ao estudante o acesso a diferentes fontes informacionais, permitindo à ampliação da aprendizagem por meio da busca, avaliação e seleção da informação que seja pertinente a necessidade educacional ou pessoal. A escola com o apoio da biblioteca escolar, “deixa de ser a transmissora do conhecimento e passa a ser mediadora no processo de construção do conhecimento pelos alunos” (GUIMARÃES, 2009, p. 3).

Campello (2012) indaga sobre os significados construídos na interação entre os estudantes em vivências na biblioteca escolar e apresentou o resultado dos pesquisadores Louise Limberg e Mikael Alexandersson sobre as imagens formadas a partir de experiências no local. Os recursos, as atividades oferecidas e o ambiente físico influenciam na edificação do imaginário do estudante sobre este espaço.

Aproximando a Ciência da Informação com a Psicologia social, a teoria das representações sociais defendida por Moscovici, busca compreender como o conhecimento dos grupos reforçam as identidades que se criam, influenciando seus pensamentos e a interação com o meio.

Nesta pesquisa buscou-se criar uma conexão entre a Ciência da Informação, trazendo como tema a biblioteca escolar; a Pedagogia, apresentando os desafios do Ensino Médio, passo final da educação básica que passa por dificuldades e a Psicologia Social, com a Teoria das Representações Sociais que estuda a construção do imaginário e suas influências no cotidiano do indivíduo.

O primeiro capítulo apresenta informações sobre a consolidação do ensino médio e sua elaboração durante a história do Brasil, suas modificações entre os governos e o sonho de Anísio Teixeira para a educação no Distrito Federal e também questões a respeito do Exame Nacional do Ensino Médio. O segundo traz uma miscelânea entre a questão das bibliotecas escolares, apresentando sua história e conceitos e seu papel mediador e a questão da comunicação na sala de aula. A terceira parte oferece ao leitor a estruturação da teoria das representações sociais juntamente com as reflexões a cerca do papel da biblioteca escolar.

Como metodologia utiliza-se o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) como recurso de análise de dados de 20 alunos de dez escolas visitadas. Nesse capítulo discute-se sobre os resultados encontrados.

1.1 Justificativa

O ensino médio (EM) na história da educação brasileira tem passado por mudanças e transformações em suas diretrizes, buscando a consolidação de suas práticas de ensino para uma juventude cada vez mais tecnológica e consciente de seu espaço na sociedade.

O que pode ser percebido dentro da organização escolar atual é que tal etapa de ensino ainda não atende as demandas sociais. Carneiro (2012), afirma que o EM é “quase sempre opaco, dado que percebido como mera etapa de transição no ciclo da escolarização essencial”.

De acordo com Krawczyk (2009), os grandes impasses em relação ao EM advém de um processo tardio de “democratização da educação”. As atuais deficiências do ensino médio no Brasil expressam as articulações políticas e educacionais que muitas vezes não envolvem o contexto dos jovens a partir de diferentes realidades observadas no país.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (1996) regulariza a educação brasileira baseada em princípios norteadores da Constituição de 1988, define as funções do EM da seguinte forma:

- I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
- III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina (BRASIL, 1996).

Para atingir tais objetivos para consolidação do ensino médio, é

necessário contar com diversos recursos educacionais que auxiliem na construção de uma educação multifacetada, trabalhando a ética e a aprendizagem independente.

Neste caso, a biblioteca escolar deveria ter um papel fundamental dentro deste contexto, colaborando diretamente para as diversas possibilidades que o EM pode oferecer, contudo, o que é visto atualmente são bibliotecas muitas vezes deficitárias ou distantes da realidade e necessidade do corpo discente e docente.

O que este jovem, prestes a seguir outros caminhos após três anos nesta etapa educacional, leva consigo que tipo de imagem da biblioteca? Tais respostas influenciarão na sua postura autônoma para a edificação do conhecimento, habilidade necessária para suprir demandas informacionais numa sociedade moderna que requer profissionais capacitados e cidadãos mais conscientes de seu papel nos espaços que vivem.

[...] a maioria ingressa na universidade sem habilidades leitoras amadurecidas. Isso fica mais acentuado na cultura de pré-vestibular, já que o ensino médio tem se voltado quase exclusivamente para facilitar o acesso à universidade (ROSA; ODDONE, 2006, P. 185).

Para se conhecer o imaginário destes estudantes sobre a biblioteca e seu papel na aprendizagem, a participação em resultados eficientes no ENEM, a teoria das representações sociais apresenta em suas ideias, o entendimento de imagens conceituais de uma comunidade sobre diversos aspectos e situações.

Jodelet apresenta que as representações sociais (RS) se edificam por meio de aspectos intelectuais, “emocionais, linguísticas e discursivas” (JODELET, 2009) tendo interferência naquilo que envolve as vivências de práticas e atividades, juntamente com o contexto do ambiente.

Trazendo tal problemática para o ambiente da biblioteca, as vivências dos estudantes neste local colaboram para a solidificação de estigmas que podem comprometer o uso futuro dos recursos informacionais, sabendo que a realidade das bibliotecas escolares nas escolas públicas às vezes chega a ser

precária e aquém das necessidades do setor educativo.

O projeto educacional brasileiro foi imaginado para ser modelo no país a partir das ideias inovadoras de Anísio Teixeira, que tinha como núcleo central, uma escola multitarefa e de formação cultural, técnica e científica. A capital, em 1960, trazia no seu nascimento, a possibilidade de uma nova experiência educacional. Anísio Teixeira imaginava a rede pública de ensino brasileiro da seguinte forma:

Daí falar-se antes em Centro do que em Escola. O Centro de Educação Elementar compreende pavilhões de "jardim de infância", de "escola-classe", de "artes industriais", de "educação física", de "atividades sociais", de "biblioteca escolar" e de "serviços gerais". É, portanto, algo como se fôsse (sic) uma Universidade Infantil. O Centro de Educação Média também possui um programa consideravelmente (sic) diversificado, destinando-se a oferecer a cada adolescente real oportunidade para cultivar o seu talento e aí se preparar diretamente para o trabalho ou para prosseguir a sua educação no nível superior (TEIXEIRA, 1961).

A realidade se distanciou de tais idealizações e apesar do ensino público brasileiro ser considerado superior dentre outras unidades federativas, ainda são necessárias mudanças para que sejam formados estudantes capazes de construir seus próprios conhecimentos.

Para se propor ideias condizentes às necessidades dos estudantes da educação básica é necessário conhecer de que forma eles enxergam a biblioteca. A partir disso, pode-se adaptar ou criar atividades a serem desenvolvidas segundo as demandas das comunidades escolares. Entender a concepção da biblioteca dentro do ambiente escolar pode favorecer uma maior utilização deste espaço e colaborar para desenvolvimento da aprendizagem no indivíduo.

1.2 Objetivos

Objetivo Geral (OE):

Identificar as representações sociais dos estudantes de ensino médio de escola pública sobre a biblioteca escolar.

Objetivos específicos (OE):

OE 1: Identificar os elementos que permeiam as representações sociais dos estudantes do ensino médio sobre a biblioteca.

OE 2: Entender a influência dos diferentes grupos (família, escola e mídia) no processo de construção das representações sociais da biblioteca.

OE 3: Investigar sobre os efeitos das representações sociais na interação com o ambiente informacional.

2 Um passeio pela história da educação para entender o Ensino Médio

Para tentar compreender as atuais conjunturas da educação brasileira, é preciso conduzir-se a águas passadas da história, buscando pontos que possam elucidar o porquê de tantos resultados insatisfatórios em avaliações. É possível que a educação brasileira tenha se construído em pilares incertos? Que importância o ensino brasileiro teve em governos anteriores?

Para melhor organização da colônia de Portugal, foram criadas as capitanias hereditárias por D. João III em 1532. A nova colônia começa a se arranjar para atender as demandas do Governo Geral, instaurado em 1549 tendo como seu primeiro governador, Tomé de Sousa, militar e político português (FAVERO, 2000).

Juntamente com o governador, os jesuítas chegaram às terras do Novo Mundo em 1549 e começam a trabalhar com o ensino religioso para a educação indígena. O padre Manoel de Nóbrega criou o primeiro plano educacional, focando este modelo para uma educação para fé e divulgação da cultura portuguesa (RIBEIRO, 2007).

O Irmão Vicente Rijo ensina a doutrina aos meninos cada dia e também tem *escola* de ler e escrever; parece bom modo este para trazer os índios desta terra, os quaes têm grandes desejos de aprender e, perguntados si querem, mostram grandes desejos. Desta maneira ir-lhes-ei ensinando as orações e doutrinando-os na Fé até serem hábeis para o baptismo. Todos estes que tratam conosco, dizem que querem ser como nós, sinão que não têm com que se cubram como nós, e este só inconveniente têm (NOBREGA, 1931) (sic).

O ensino, neste primeiro momento, possuía funções doutrinantes para a fé católica e era baseado nos projetos de colonização dirigido por Portugal, que também tinha como objetivo o ensino da língua portuguesa.

A Companhia de Jesus, originada na França em 1534 e liderada por Inácio de Loyola, tinham em seus princípios uma educação para fé e de onde se originaram os nossos primeiros professores. Em 1552, existiam três escolas de ensino elementar. Nestas escolas eram ensinadas a língua portuguesa,

doutrinas religiosas e música.(TOBIAS, 1985, p. 47).

Uma segunda fase da educação colonial começa a partir de 1570, que após a morte de Nóbrega, se desprende de uma educação vista como democrática, para uma educação que excluía o índio e o pobre, sendo conduzida visando o ingresso dos filhos dos colonos ao ensino superior em Lisboa. As mulheres também ficaram de fora dos planos educacionais, sendo que apenas em 1815 foi autorizado em Lisboa a criação de escola femininas. (TOBIAS, 1985, p. 47).

Para conduzir o ensino colonial de forma uniforme, consonantes aos propósitos da Companhia de Jesus, foi elaborado o *Ratio Studiorum* como modelo norteador da educação oferecida pelos jesuítas, tendo como base educativa a leitura, a escrita e o cálculo.

Nos 210 anos de hegemonia da educação jesuítica, a fé cristã foi o marco essencial para o ensino. Devido aos conflitos político-religiosos, o Marquês de Pombal expulsa em 1759 a Companhia de Jesus, gerando de forma desastrosa e desorganizada, a primeira reforma educacional no Brasil.

De acordo com Fonseca (2009), para justificar a expulsão dos jesuítas, entendeu-se que:

Os jesuítas teriam sido, assim, os instrumentos do atraso cultural de Portugal, justificativa mais que suficiente para sua expulsão em 1759. O fato de que as políticas pombalinas em relação à educação não tivessem alcançado os resultados esperados não diminuiria a sua importância como tentativa de promoção do desenvolvimento do Império português (FONSECA, 2009, p.114).

No período da educação pombalina prestigiaram-se os conceitos iluministas, difundidos por toda a Europa buscando a consolidação dos preceitos capitalistas trazidos pelo período da Revolução Industrial, embora, até sua readequação aos novos moldes desejados pelo Marques de Pombal, houve um limbo educacional no país. As aulas régias eram a nova forma de ensino brasileiro:

As aulas régias, baseadas no enciclopedismo, constituíam-se

em unidades de ensino, com professor único, instalada para determinada disciplina, que deveriam substituir as disciplinas antes oferecidas nos colégios Jesuítas. Eram aulas autônomas e isoladas, não havendo um currículo, no sentido de um conjunto de estudos ordenados e hierarquizados, nem a duração prefixada se condicionava ao desenvolvimento de qualquer matéria (ZOTTI, 2004, p. 28).

De acordo com Maciel e Shigunov Neto (2006), este intervalo de 17 anos entre a expulsão jesuítica e a implementação de uma nova proposta educativa geraram grandes consequências educacionais desde então.

Com a vinda da Família Real em 1808 e a Independência do Brasil em 1822, institucionaliza-se o ensino profissionalizante em tese para suprir as necessidades mercadológicas de um país que a passos curtos, começa a se modernizar. Porém, essa educação ainda privilegia a elite que desejava cursar o ensino superior e não ser mão de obra qualificada para atuação no país (ZOTTI, 2004).

Com a Constituição de 1824, garante-se pelo menos em teoria o ensino gratuito a todos os cidadãos, contemplando a educação primária e superior, criando-se enfim um sistema oficial de educação brasileiro. A agitação política dos primeiros anos de independência dispersou os planos educacionais (ROCHA, 2013).

O decreto do dia 15 de outubro de 1827 define diretrizes para a construção do sistema de ensino, que adotava o Método Lancaster (focado na memorização), minimizando a presença do professor. Com a falta de investimentos e de profissionais capacitados, o país estava mais uma vez em uma crise velada na educação (ZOTTI, 2004).

O novo decreto imperial de fevereiro de 1854, apesar de ser bastante abrangente, não saiu do papel. Conforme Fortes (2012, p. 12), “o Brasil passou por mais de meio século sem investimentos educacionais concretos, sem acompanhar os progressos que de fato aconteceram neste século, principalmente na Europa”. Contudo, este decreto define de forma mais clara os conteúdos a serem abordados nas escolas brasileiras.

Art. 47. O ensino primario nas escolas publicas comprehende:

A instrucção moral e religiosa; A leitura e escripta, As noções essenciaes da grammatica; Os principios elementares da arithmetica; O systema de pesos e medidas do municipio. Póde comprehender tambem: O desenvolvimento da arithmetica em suas applicações praticas; A leitura explicada dos Evangelhos e noticia da historia sagrada; Os elementos de historia e geographia, principalmente do Brasil; Os principios das sciencias phisicas e da historia natural applicaveis aos usos da vida; A geometria elementar, agrimensura, desenho linear, noções de musica e exercicios de canto, gymnastica, e hum estudo mais desenvolvido do systema de pesos e medidas, não só do municipio da Côrte, como das provincias do Imperio, das Nações com que o Brasil tem mais relações commerciaes. (BRASIL, 1854)

Ainda assim, neste decreto, fica vaga a atribuição da responsabilidade de manutenção do sistema de ensino. Fortes (2012, p. 14) questiona: [no decreto] “não ficavam claros quais seriam os responsáveis pela educação no império. O governo Central? Os Municípios da Corte? Ou as Províncias?”

A última intervenção legislativa do império foi em 1879 com o decreto n. 7247 de 19 de abril, onde institui o ensino obrigatório dos 7 aos 14 anos, sendo passível de pagamento de multa para os pais que não matriculassem seus filhos na escola (BRASIL, 1879).

Neste decreto apresenta a proposta de criação de bibliotecas e museus: “ Art. 7º Serão creadas nos differentes districtos do mesmo municipio pequenas bibliothecas e museus escolares” (BRASIL, 1879).

Segundo Zotti (2004, p. 63):

as orientações do currículo primário presentes em leis de 1827, 1854 e 1879, nunca passaram de “intenções”. Na prática o aplicado resumia-se a aulas de leitura, escrita e cálculo àqueles que tinham as condições econômicas para a contratação de preceptores. O ensino primário não foi atendido pelo Império e as províncias pouco fizeram para sua implantação.

Com a proclamação da República em 1889, não houve grandes avanços na educação brasileira. A política do café com leite intercalava São Paulo e Minas Gerais no poder e basicamente o ensino continuava beneficiando a elite latifundiária e cafeeira. Neste período também, ocorre a descentralização do ensino, ou seja, cada estado mantém a sua máquina educacional. (ZOTTI,

2004)

A partir do declínio das oligarquias dominantes na década de 20, a educação brasileira começa a dar passos para maior democratização. Em 1924, nasce a Associação Brasileira de Educação. Com a entrada de Getúlio Vargas no poder em 1930, nasce o Ministério da Educação e Cultura e também o lançamento do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (DELANEZE, 2006).

Dois momentos foram marcantes na história da educação brasileira: A reforma Francisco Campos em 1931, onde se inicia o processo de organização curricular e a Reforma Campanema em 1942, de onde nasce a Lei Orgânica do Ensino Secundário, que tinha objetivo:

1. Formar, em prosseguimento da obra educativa do ensino primário, a personalidade integral dos adolescentes.
2. Acentuar a elevar, na formação espiritual dos adolescentes, a consciência patriótica e a consciência humanística.
3. Dar preparação intelectual geral que possa servir de base a estudos mais elevados de formação especial (BRASIL, 1942).

Com um pouco da história educacional apresentada, nota-se o quanto a educação pública brasileira foi construída de forma desorganizada. Muito do que é visto isto hoje, pode ser reflexo de um caminho percorrido de forma descompromissada, sem dar a devida importância a políticas públicas eficazes, que de fato atendessem às necessidades populacionais por qualificação e conhecimento.

O sistema de ensino brasileiro é dividido atualmente em três fases: Educação infantil, Ensino fundamental e Médio, denominada no geral como Educação básica.

A duração mínima do ensino médio é de três anos e de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais, a função desta etapa é garantir a preparação básica para o trabalho, desenvolvimento da pessoa humana, envolvendo formação ética, autonomia intelectual e pensamento crítico e compreensão tecnológica e científica da sociedade contemporânea (BRASIL, 2012).

A efetivação desta modalidade de ensino inicia-se na década de 40, de

forma desarticulada e segregada. Enquanto para a elite brasileira, o ensino médio servia para ingresso no ensino superior, para a grande parte da população, servia como qualificação profissional.

Com a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e o Comercial (SENAC) também neste mesmo período, desenvolve-se o ensino profissionalizante, separado do ensino propedêutico. Em 1961, visando desfazer tal divisão velada entre os saberes, o ensino profissionalizante passa a equivaler ao ensino voltado à academia. Com essa visão de atender a questões mercadológicas, sendo elas científicas ou trabalhistas, o ensino médio construiu suas bases de forma indefinida. (KUENZER, 2009).

É recente a conquista do ensino médio gratuito para todos os estudantes. A Emenda n.59/2009 tornou a educação básica obrigatória e gratuita dos 4 aos 17 anos de idade, também para aqueles que não tiveram oportunidade na idade adequada.

A proposta do ensino médio é trabalhar com uma pluralidade de alcances, que se constituem a partir dos seguintes objetivos:

- I - formação integral do estudante;
- II - trabalho e pesquisa como princípios educativos e pedagógicos, respectivamente;
- III - educação em direitos humanos como princípio nacional norteador;
- IV - sustentabilidade ambiental como meta universal;
- V - indissociabilidade entre educação e prática social, considerando-se a historicidade dos conhecimentos e dos sujeitos do processo educativo, bem como entre teoria e prática no processo de ensino-aprendizagem;
- VI - integração de conhecimentos gerais e, quando for o caso, técnico-profissionais realizada na perspectiva da interdisciplinaridade e da contextualização;
- VII - reconhecimento e aceitação da diversidade e da realidade concreta dos sujeitos do processo educativo, das formas de produção, dos processos de trabalho e das culturas a eles subjacentes;
- VIII - integração entre educação e as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura como base da proposta e do desenvolvimento curricular (BRASIL, 2012).

A universalização do ensino não pode ser sinal de homogeneidade.

Explorar as nuances regionais e as experiências, são importantes para se alcançar um ensino mais contextualizado. O número de matrículas no ensino médio teve queda em 2013, com diferentes razões apontadas: desinteresse, descontextualização, currículo disfuncional, precariedade do ensino e má gestão escolar (NEUBAUER, 2010; BRASIL, 2013).

As taxas de abandono chegam a 20% nos últimos 10 anos. O jovem brasileiro precisa entrar no mercado de trabalho, mas não possui qualificação para melhores oportunidades. Com isso, a educação média profissional é importante para a construção de habilidades para o mercado de trabalho.

Com base na população de 15 a 17 anos em 2010, não obstante os 5,4 milhões de alunos matriculados no ensino médio dentro da referida faixa etária, havia 4,9 milhões de jovens em idade adequada à escola média, mas que não estavam nela (COSTA, 2013, p. 193).

Nessa situação alarmante do ensino médio no Brasil, é necessário, de forma imediata, por em discussão o papel e o futuro desta etapa educacional. Percebe-se que a divisão entre duas perspectivas (profissional e propedêutica), não é mais suficiente. O mercado não precisa apenas de trabalhadores operacionais e monotarefas, como alguns cursos profissionalizantes formam, mas também não há espaço para teóricos sem vivência prática e de conhecimento genérico e superficial.

O desafio é explorar a força e vitalidade da juventude para a construção de um país igualitário, de forma a atender as necessidades pessoais dos indivíduos que são autônomos na construção de seus caminhos, juntamente com o Estado que necessita de novos olhares para conduzir mudanças.

2.1 A mudança da capital e o sonho educacional de Anísio Teixeira

A vinda da capital do Brasil para o centro do país foi um sonho que vem permeando a história do Brasil desde o Império. A partir da capital planejada, buscava-se um modelo piloto de excelência para práticas educacionais. Com o nascimento de Brasília, era possível consolidar uma organização para

educação diferente de todo o território. E assim ela foi pensada.

Anísio Teixeira, ao elaborar o Plano de Construções escolares em 1961 afirma que tal iniciativa “obedeceu ao propósito de abrir oportunidade para a Capital federal oferecer à nação um conjunto de escolas que pudessem constituir exemplo e demonstração para o sistema educacional do país” (TEIXEIRA, 1961).

A escola sonhada neste documento era vista como um espaço que ia além das práticas de ensino-aprendizagem. Imaginavam-se complexos que garantiriam convívio entre a comunidade circundante e a escola.

A arquitetura, que é uma marca registrada dos edifícios em Brasília foi pensada para as escolas, buscando a materialidade dos objetivos a serem atingidos. Construir espaços planejados para diferentes atividades poderiam garantir maiores recursos e projetos.

A educação brasileira que tanto se pautou na separação entre o ensino científico-acadêmico e o técnico profissionalizante, via com a criação de Brasília, o nascimento de um espaço democrático de ensino, uma possibilidade de se explorar as aptidões pessoais e as diferentes inteligências.

Trata-se pois de estruturar um sistema de educação único, democrático, acessível a todos, independente da classe especial, centrado no indivíduo e no desenvolvimento de suas potencialidades e sem a velha dicotomia entre formação geral e formação especial, entre formação para o trabalho e formação para o lazer, enfim, entre o útil e o ornamental, que tem caracterizando a educação brasileira ao longo do tempo (PEREIRA, 2011, p. 35).

De acordo com o Plano de construções escolares, o modelo seria constituído de forma a abranger as três fases da educação básica: infantil, fundamental e médio. No plano de Lúcio Costa, existiam 28 escolas-parques que faziam parte do plano de educação integral de Teixeira. A intenção do projeto era de que além da formação intelectual, os alunos também explorassem outros tipos de habilidades.

Tendo em vista o desenvolvimento desse programa abrangente, o plano educacional estabelece, ainda, que os

alunos frequentem diariamente a “escola-parque” e a “escola-classe”, em turnos diferentes, passando quatro horas nas classes de educação intelectual e outras quatro nas atividades da escola parque, com intervalo de almoço. Nessas condições, a educação elementar associa o ensino propriamente intencional, da sala de aula, com a autoeducação resultante de atividades de que os alunos participem com plena responsabilidade. Por isto, o horário escolar se estende por oito horas, divididas entre as atividades de estudo e as de trabalho, de arte e de convivência social (ROCHA; PEREIRA, 2006, p. 5).

A primeira escola pública de Brasília, a Escola Classe Julia Kubitschek era localizada na Candangolândia e contava inicialmente com 5 professores e 150 alunos em 1957. O primeiro Centro de Ensino Médio foi construído em 64 dias em maio de 1960. As obras para construção de outras escolas iam a passos lentos e faltavam professores. Convidou-se profissionais de outros estados, mas a nova capital ainda não tinha estrutura de oferecer condições mínimas de alojamento. Houve greve e demissões no primeiro ano de Brasília (PEREIRA, 2011, p. 108).

É a partir da falta de estrutura, que o sonho de Anísio Teixeira começa a ruir. O plano imaginado para a nova capital era composto de toda a organização educacional desde o jardim de infância até o ensino superior, com a Universidade de Brasília. Escolas parques, Escolas classes, Centro de educação média e a escola secundária compunham um sistema educacional visionário que buscava explorar as diferentes competências humanas. Questões políticas e econômicas impediram a continuidade do plano audacioso para a educação básica.

Atualmente, o Distrito Federal conta com 664 escolas, divididas entre todos os módulos da educação básica, dentre essas, 86 de ensino médio. De acordo com a Secretaria de Educação (2014), é a unidade federativa que possui melhor índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB), porém, de acordo com os resultados de 2011, o ensino médio ficou abaixo da média nacional estipulada.

Apesar disso, ainda se tem muito a fazer, tanto no DF, quanto no Brasil. É necessário compreender o prospecto histórico da educação brasileira,

entendendo as singularidades de cada região, as necessidades dos indivíduos para que de fato, se tenha uma educação plural e de qualidade.

2.2 O ensino médio no Distrito Federal

O DF conta atualmente com 86 escolas de ensino médio em suas regiões administrativas, com aproximadamente 82 mil estudantes. É uma das unidades federativas que é bem avaliada no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (DISTRITO FEDERAL, 2014).

De acordo com a Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF) existem muitas fragilidades na estrutura educacional do Distrito Federal. As taxas de reprovação, queda no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) interferem na qualidade do ensino médio na capital brasileira.

O Ensino Médio do Distrito Federal, em 2011, teve um índice de reprovação da ordem de 22,89%, o que significou o terceiro maior índice de reprovação entre as redes estaduais de todo o Brasil. Essa taxa de reprovação fez com que nosso IDEB não alcançasse a meta estabelecida em 2009, de 3,4, ficando com o índice de 3,3. As médias do ENEM/2011 das unidades escolares públicas do DF que o INEP divulgou, também apresentaram uma queda no rendimento de nossos estudantes (DISTRITO FEDERAL, 2013, p. 14).

O currículo atualmente é organizado em quatro eixos temáticos: Linguagem, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas, abordando de forma interdisciplinar questões sobre tecnologia, ciência, cultura e mundo do trabalho (DISTRITO FEDERAL, 2014).

Em 2013 surgiu uma movimentação para ciclos semestrais e não anuais das disciplinas oferecidas. Cabe a reflexão a respeito desta nova proposta de semestralidade, onde embora busque o progresso desta etapa educacional, no documento disponibilizado pela SEDF (Currículo em Movimento, 2014) em defesa da nova proposta, em nenhum momento a palavra biblioteca é citada ou comentada. Será que o caminho para a reformulação de um currículo com inúmeros problemas é novamente ignorar a finalidade da biblioteca?

Atualmente, a Secretaria de Educação atua em diversos projetos para dinamizar as atividades para esta etapa, envolvendo cinema, cultura, iniciação científica, intercâmbio para outros países, entre outros. Em destaque é importante ressaltar o Plano Distrital do Livro e da Leitura, criado juntamente com a Secretaria de Cultura do Distrito Federal (SECULT) que busca criar alternativas eficazes para melhor uso das bibliotecas públicas e escolares.

Existem diversos problemas estruturais e conceituais no ensino médio. Reestruturá-lo e entender sua função educacional na vida de um jovem cidadão pode garantir melhores perspectivas na elaboração de um futuro e em mudanças sociais.

2.2.1 Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e seus impactos na educação brasileira

O ENEM foi criado em 1998 como ferramenta para avaliar a qualidade do ensino médio das escolas no país. A partir de 2009, começou a ter sua nota utilizada para ingresso no ensino superior em algumas universidades e institutos federais (INSTITUTO, 2015). Neste mesmo ano, a estrutura do ENEM sofreu alterações para contemplar as necessidades avaliativas das universidades que utilizam as notas do exame.

Os eixos temáticos eram divididos em Ciências Humanas e suas Tecnologias (História, Geografia, Filosofia e Sociologia); Ciências da Natureza e suas Tecnologias (Química, Física e Biologia); Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Redação (Língua Portuguesa, Literatura, Língua Estrangeira - Inglês ou Espanhol, Artes, Educação Física e Tecnologias da Informação e Comunicação); Matemática e suas Tecnologias (Matemática) (INSTITUTO, 2015).

O ENEM, em sua proposta original, tinha como objetivo acompanhar o desenvolvimento do estudante em sua fase final de escolarização. Por isso, sua estrutura era voltada mais a construção do raciocínio e da interpretação de informações, desvinculando, em certos aspectos, ao currículo rígido das escolas.

As competências avaliadas na proposta inicial eram 5 (cinco) e definidas como “modalidades estruturais da inteligência, ou melhor, ações e operações que utilizamos para estabelecer relações com e entre objetos, situações, fenômenos e pessoas que desejamos conhecer” (INSTITUTO, 2000, p. 11). As competências iniciais propostas pelo ENEM são:

- I. Dominar a norma culta da língua portuguesa e fazer uso das linguagens matemática, artística e científica.
- II. Construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas.
- III. Selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representados de diferentes formas, para tomar decisões e enfrentar situações-problema.
- IV. Relacionar informações, representadas em diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em situações concretas, para construir argumentação consistente.
- V. Recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural (INSTITUTO, 2000, p.12).

De certa forma, esperava-se a partir das competências descritas, avaliar a contextualização do conhecimento acumulado durante toda a vida em aplicações diretas e fora do contexto puramente escolar. Afinal, com o conhecimento obtido pelo estudante, como ele poderá enfrentar um mundo competitivo e as demandas do mercado de trabalho?

As habilidades, de acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INSTITUTO, 2000, p. 11) são “especificações das competências estruturais em contextos específicos [...] ao plano imediato do saber fazer. Por meio das ações e operações, as habilidades aperfeiçoam-se e articulam-se, possibilitando nova reorganização das competências”.

Neste caso, as habilidades vão desde a leitura de gráficos, interpretação de dados, relação entre as linguagens coloquiais e formais, análise ambiental sobre os recursos naturais, conhecer o contexto histórico e geográfico, analisando suas projeções na realidade, entre outros (INSTITUTO, 2000).

Como o próprio documento norteador do ENEM (INSTITUTO, 2000) afirma, almeja-se que o participante seja um leitor do mundo, fazendo

referência a Paulo Freire (1981), onde afirma que a “leitura do mundo antecede a leitura da palavra”, portanto, o aluno deve a partir de suas experiências escolares e pessoais, refletir e analisar o mundo que o cerca.

Com a mudança em 2009 no exame, os eixos temáticos foram reduzidos a quatro áreas do conhecimento: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e suas Tecnologias.

A prova é composta por 45 questões que contemplam cada um dos eixos temáticos supracitados, mais uma redação em língua portuguesa. Os componentes curriculares avaliados em cada área de conhecimento estão listados abaixo:

Quadro 1 – Componentes curriculares do ENEM

Áreas de Conhecimento	Componentes Curriculares
Ciências Humanas e suas Tecnologias	História, Geografia, Filosofia e Sociologia
Ciências da Natureza e suas Tecnologias	Química, Física e Biologia
Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Redação	Língua Portuguesa, Literatura, Língua Estrangeira (Inglês ou Espanhol), Artes, Educação Física e Tecnologias da Informação e Comunicação
Matemática e suas Tecnologias	Matemática

Fonte: (INSTITUTO, 2013)

Nesta alteração acrescentaram-se os 5 eixos cognitivos, comuns a todas as áreas do conhecimento, que são: dominar linguagens, compreender fenômenos, enfrentar situações-problema, construir argumentação e elaborar propostas. Agora, são 30 competências e 120 habilidades avaliadas, provocando certa confusão para os educadores e estudantes.

Quadro 2- Mudanças do ENEM de 1998 a 2009

Característica	De 1998 a 2008	De 2009 em diante
Objetivo principal	Avaliar a preparação para a cidadania	Avaliar a preparação para o Ensino Superior *
Objetivos específicos	3 objetivos (em 1998)	7 objetivos
Matriz de referência	5 competências organicamente relacionadas a 21 habilidades	4 áreas de conhecimento, 5 eixos cognitivos, 30 competências hierarquicamente relacionadas a 120 habilidades, conteúdos (objetos e conhecimento)
Dimensões supostamente avaliadas (número de notas disponíveis nos microdados)	5 notas de prova e 5 de redação (relativas às competências)	4 notas de prova (relativas às áreas do conhecimento) e 5 de redação (competências)
Formato da prova	1 prova de 63 itens e 1 redação	4 provas de 45 itens e 1 redação
Duração da prova	1 dia (5 horas)	2 dias (4,5 horas e 5,5 horas)
Análise dos resultados	Teoria Clássica dos Testes	Teoria da Resposta ao Item
Itens	Fornecem informações necessárias para resolução	Algumas delas pressupõem domínio prévio de informação

Fonte: TRAVITZKI, 2013.

Comparando as duas perspectivas, nota-se que a primeira fase do ENEM, era voltada a aspectos mais amplos da educação, permitindo ao estudante aplicar seu conhecimento em diferentes contextos. Na proposta atual, ainda é possível encontrar questões que trabalhem um aspecto mais subjetivo, contudo, o foco principal é a utilização da nota para ingresso no Ensino Superior, que modificou a avaliação para um viés mais voltado à estrutura do vestibular tradicional.

Neste trabalho, não cabe a discussão sobre qual proposta do ENEM é a mais vantajosa, contudo, fica o questionamento sobre as possibilidades que poderiam ser exploradas em um universo mais amplo que uma forma de ingresso ao Ensino Superior. Afinal, esta é a única possibilidade que um estudante possui ao sair do ensino médio?

A nota final no exame do estudante é composta a partir da nota da redação que vale de zero a mil pontos, atribuindo-se de 0 (zero) a duzentos (200) pontos nas 5 competências avaliadas na redação, que são:

I - Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa.

II - Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.

III - Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.

IV - Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.

V - Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos (INSTITUTO, 2013, p.74).

Outrossim, a nota da prova objetiva, que corresponde ao escore de acertos dos 180 (cento e oitenta) itens, é composta com base na análise da metodologia Teoria de Resposta ao Item (TRI), que analisa os padrões de resposta do estudante, a partir das proficiências avaliadas em diferentes contextos e aplicações, por exemplo. Para obter a certificação no ensino médio, é necessário que o estudante obtenha no mínimo 450 pontos em cada área do conhecimento e 500 pontos em redação.

O modelo logístico da TRI parte do princípio de que quanto maior a proficiência do respondente, maior a sua probabilidade de acerto, traço latente acumulativo. O seu parâmetro de dificuldade é medido na mesma escala da proficiência, fato este que permite a comparabilidade entre resultados de diferentes testes e a construção e interpretação de escalas de proficiência [...] Uma outra leitura para esse parâmetro, a qual nos parece mais apropriada, é dizer que ele representa a proficiência mínima que um respondente deve possuir para que sua probabilidade de acerto seja alta, ou seja, ele poderia ser chamado de proficiência do item (INSTITUTO, 2013).

Caso o estudante possua, de fato, tal conhecimento em seu cotidiano, este saberá aplicá-lo em diferentes situações, levando a acertar itens de acordo com sua escala de conhecimento. Neste caso, o valor de questões acertadas por mero acaso, que fujam do padrão de respostas obtidos, tem valor diminuído.

Anualmente, com os resultados do ENEM, são criados rankings com as escolas que obtêm as melhores médias nas áreas de conhecimento contempladas no exame. As escolas são avaliadas a partir da nota das provas objetivas e redação dos alunos concluintes do ensino médio, a partir da média

simples das seguintes áreas:

- I. Proficiência Média em Ciências da Natureza e suas Tecnologias;
- II. Proficiência Média em Ciências Humanas e suas Tecnologias;
- III. Proficiência Média em Linguagens, Códigos e suas Tecnologias;
- IV. Proficiência Média em Matemática e suas Tecnologias;
- V. Proficiência Média em Redação (INSTITUTO, 2013, p.2)

Com o ranking criado a partir das proficiências médias obtidas, é possível, de certa forma, obter-se um panorama da educação nas escolas públicas e privadas de EM no país. Ultimamente, o ranking criado a partir das notas do ENEM é o único indicador de desempenho nacional para as escolas de ensino médio, divulgado desde 2004 (ANDRADE; SOIDA, 2012). O IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) é realizado por amostragem, criando-se apenas um ranking por estado, não servindo como avaliação das escolas.

Além do aspecto intelectual dos estudantes, no ranking são disponibilizadas informações sobre a formação docente do professor e indicadores de renda.

O Distrito Federal em 2013 teve a participação de 178 escolas, sendo 83 públicas e 95 privadas. A melhor média nas provas objetivas é de uma escola privada que obteve 701,60 pontos. A menor nota é de 417,26, de uma escola rural pública (INSTITUTO, 2013).

Na redação, o resultado da melhor escola do DF também é de uma outra escola privada, com a média de 775,76. A menor nota pertence a mesma escola que teve o menor resultado na prova objetiva, com média de 505 pontos.

Comparando a realidade nacional, a melhor escola segundo o *ranking* do ENEM, é de São Paulo, privada e obteve a média de 741,94 pontos. A com média mais baixa, é uma escola pública no Maranhão, com a média de 397,03 pontos.

Na redação, a melhor escola é de Belo Horizonte e alcançou 869 pontos e a escola com a menor média, do mesmo estado teve 196,67 pontos.

Não obstante, o ranking das escolas é apresentado em números

absolutos e não levado em consideração alguns aspectos como quantidade de alunos, quantidade de participantes por escola, entre outros. Contudo, estes dados são disponibilizados pelo INEP para maior esclarecimento e contextualização destes dados a partir de diferentes ângulos.

O ranking do ENEM será utilizado para recorte da pesquisa e explicado de maneira mais abrangente na metodologia. O intuito deste tópico é conhecer os indicadores de qualidade da educação média, permitindo avaliar outras nuances a partir dos resultados obtidos.

Fica a partir deste entendimento sobre o exame, o questionamento sobre se a biblioteca escolar poderia ter alguma influência para acumulação e assimilação de conteúdos cobrados no ENEM. Qual papel a biblioteca possui e pode assumir na preparação para a prova a partir da percepção dos estudantes?

3 A biblioteca escolar e seu papel educativo

A biblioteca escolar marcou a minha vida quando estava na escola. Foi a partir das simples experiências, de passear no meio das estantes e poder escolher algo para ler, me faziam sentir livre, autônoma e é isso que acredito que a biblioteca escolar deva ser: um espaço de liberdade, autonomia e construção coletiva de conhecimento.

A partir desta breve introdução, partimos para a etimologia da palavra biblioteca. Originada do grego *bibliothēke*, no latim transformou-se em *bibliotheca*, e que seu significado basicamente significa depósito de livros.

Diante da complexidade humana em relação às suas necessidades de informação, a uma biblioteca, cabe um papel muito maior do que um mero depósito de livros. Além de ser parte da memória e da história da transformação do conhecimento humano, é o local que reúne, em tese, informações de forma globalizada e de forma democrática, sem preconceitos, visando o progresso intelectual do indivíduo.

Indo além da etimologia, a biblioteca possui em sua essência a função social de garantir o acesso à informação de acordo com a seu público. A partir de suas subdivisões para atender seus diversos públicos, busca-se maior efetividade em seus produtos e serviços direcionados a grupos com necessidades específicas, de acordo com as peculiaridades percebidas.

A biblioteca pode ser definida por Lemos (2005, p. 101-102):

Nem toda coleção de livros é uma biblioteca, do mesmo modo que nem toda biblioteca é apenas uma coleção de livros. Para haver uma biblioteca, no sentido de instituição social, é preciso que haja três pré-requisitos: a intencionalidade política e social, o acervo e os meios para sua permanente renovação, o imperativo de organização e sistematização; uma comunidade de usuários, efetivos ou potenciais, com necessidades de informação conhecidas ou pressupostas, e, por último, mas não menos importante, o local, o espaço físico onde se dará o encontro entre os usuários e os serviços da biblioteca.

A intencionalidade política e social é notada a partir da contextualização da biblioteca com demandas do meio em que ela pertence. Acreditar que um

espaço informacional modifica realidades é trabalhar para que todos os seus produtos e serviços, desde o acervo ao seu espaço físico, atividades culturais sejam para proporcionar aos seus usuários a possibilidade de conhecimento e autonomia na busca pela informação.

A biblioteca escolar deve atender seu público como ponto de apoio pedagógico e educacional para a comunidade escolar: docentes e discentes, provocando melhores resultados na aprendizagem e na criação do hábito de leitura.

De acordo com a UNESCO (2005, p. 3) a biblioteca escolar tem como missão:

A biblioteca escolar proporciona informação e ideias fundamentais para sermos bem sucedidos na sociedade actual, baseada na informação e no conhecimento. A biblioteca escolar desenvolve nos estudantes competências para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, permitindo-lhes tornarem-se cidadãos responsáveis

A história dos livros e das bibliotecas, assim como a história da educação, passou por períodos turbulentos. Talvez, podemos fazer tal afirmação no presente, já que a situação das bibliotecas escolares brasileiras não se encontra de forma satisfatória.

Assim como a educação ficou a cargo dos jesuítas, as bibliotecas e livros no Brasil também ficaram em responsabilidade dos conventos e eram mantidas através de doações e compras. Após a expulsão dos jesuítas em 1759, as bibliotecas foram praticamente abandonadas. A biblioteca do Convento de Salvador ficou desamparada até início do século XIX, transformando-se em biblioteca pública da Bahia em 1811 (MAROTO, 2009).

Com os pequenos acervos que mal atendiam às necessidades das propostas pedagógicas da Companhia de Jesus, os padres faziam cópias das cartilhas para poderem ensinar as primeiras letras ao alunos do Brasil Colônia.[...] Com a vinda dos livros pedidos, os padres passaram a utilizar os acervos das bibliotecas dos conventos na alfabetização dos indígenas e dos filhos dos colonos. Pouco a pouco os acervos foram aumentando e tornaram-se de uso particular dos jesuítas, não havendo no país nenhum outro tipo de biblioteca ou livraria, que promovesse a formação de leitores, pois ninguém mais se

interessava em lê-los, uma vez que mais de 80% da população era constituída de analfabetos (VÁLIO, 1990, p. 15).

Com a vinda da família Real, juntamente com a Biblioteca Real, que foi instalada no Rio de Janeiro, provocou-se as primeiras mudanças em relação ao acesso à informação. Cria-se a lei de depósito legal para preservação da memória nacional (MAROTO, 2009).

Logo após a proclamação da República em 1889, inicia-se movimentações a respeito de acervos escolares. Em 1894, é lançada a primeira publicação para o público infantil, começando a criação de acervos infantis para os pequenos brasileiros (VÁLIO, 1990).

Da mesma forma que a educação brasileira neste período ainda levava consigo um caráter elitista e segregado, a biblioteca neste aspecto também não possuía um viés democrático e popular:

Essas bibliotecas, como agências de instituições sociais de uma sociedade subdesenvolvida e dependente, atenderam às necessidades de segmentos dessa sociedade. Com seu caráter elitista, decorrente dessa situação, serviram, assim como a educação, instituição a que estiveram mais ligadas na República Velha, de meio de produção social e aperfeiçoamento pessoal (GOMES, 1983, p. 85).

Conforme Assis (2010) apenas em 1901, Decreto nº 3.890, de 1º de janeiro de 1901 (Reforma Epiácio Pessoa), fala-se sobre a biblioteca escolar em 28 artigos, com um capítulo específico. Contudo, o acesso a este ambiente, não era facilitado, sendo esta iniciativa repetida no Decreto nº 34.742, de 02 de dezembro de 1953 (Regimento do Colégio Pedro II):

Ao recinto da biblioteca, propriamente dito, somente os membros do corpo docente e seus auxiliares, e os empregados do estabelecimento tinham acesso, aos alunos e demais pessoas que não fossem do Colégio, e que desejavam consultar as obras, havia uma sala apropriada ao lado, com os catálogos mesas e cadeiras necessários. Isso significa dizer que o acesso era através de um sistema fechado, o usuário consultava os catálogos e solicitava ao atendente o material desejado; o atendente localizava o material nas estantes e entregava a este, procedendo ao empréstimo caso fosse

requisitado (ASSIS, 2010, p. 68)

As bibliotecas escolares nascem com as escolas normais, aproximadamente em 1880, sem diretrizes de funcionamento. Na década de 1930 e 1940 aumenta-se a criação de bibliotecas escolares nos ginásios. Iniciativas para o livro didático foram criadas entre o final da década de 40 e 80: Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD) em 1938; Comissão do Livro técnico e Livro didático (COLTED) em 1966; Programa do Livro didático para o Ensino Fundamental (Plidef) em 1971; a Fundação Nacional de Material escolar (Fename) de 1976; Programa de desenvolvimento e Preservação do Livro (Prodelivro) de 1983. Tais ações perderam força por conta de esquemas políticos (VÁLIO, 1990; AVALIAÇÕES, 2011).

Com o fim da ditadura militar no final da década de 1980, foram criados órgãos mais específicos em relação às questões das bibliotecas, como por exemplo: Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) e o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER). Em 1997, nasce o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) que:

tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. O atendimento é feito em anos alternados: em um ano são contempladas as escolas de educação infantil, de ensino fundamental (anos iniciais) e de educação de jovens e adultos. Já no ano seguinte são atendidas as escolas de ensino fundamental (anos finais) e de ensino médio. Hoje, o programa atende de forma universal e gratuita todas as escolas públicas de educação básica cadastradas no Censo Escolar (BRASIL, 2014)

O Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL) criado em 2011, têm como objetivos:

- I - a democratização do acesso ao livro;
- II - a formação de mediadores para o incentivo à leitura;
- III - a valorização institucional da leitura e o incremento de seu valor simbólico; e
- IV - o desenvolvimento da economia do livro como estímulo à

produção intelectual e ao desenvolvimento da economia nacional (BRASIL, 2011).

De fato, foram iniciativas importantes para a consolidação do papel da leitura e da biblioteca dentro do espaço social. Porém, pouco se trata do ambiente da biblioteca, dos profissionais capacitados e de uma estrutura participativa e condizente com diferentes realidades encontradas no país.

Como incluir a biblioteca dentro do espaço educativo? De que forma a comunicação e mediação da informação podem fazer parte da sala de aula? Este tema é o assunto do próximo tópico.

3.1 A biblioteca escolar que queremos.

A biblioteca escolar, a partir da literatura, apresenta diversos conceitos, formatos para a sua construção como espaço educativo. Ela não deve se construir sozinha, isolada – é a partir da soma entre diferentes profissionais, que a BE atinge uma pluralidade de objetivos, permeando pelo apoio pedagógico, mas também sendo agente cultural e social dentro das comunidades.

Nos estabelecimentos em que a presença do bibliotecário já está consolidada, o corpo pode ir se compondo pela integração de outros profissionais, como pedagogos e licenciados, visando construir programas de atuação consistentes com a formação do aluno leitor habitual e autônomo e com o auxílio ao professor que contribui com os reforços pedagógicos necessários para essa formação (GARCEZ; SOUZA, 2008. p. 94).

A parceria professor e bibliotecário é defendida por diversos autores. A integração das atividades da biblioteca com o currículo escolar envolve um planejamento conjunto com as atividades realizadas dentro de sala de aula e incluídas no cotidiano da biblioteca escolar. Para reforçar tal ideia, Pimentel (2007, p. 23) apresenta que:

[a biblioteca escolar] é organizada para integrar-se com a sala de aula e no desenvolvimento do currículo escolar. Funciona como um centro de recursos educativos, integrado ao processo de ensino-aprendizagem, tendo como objetivo primordial

desenvolver e fomentar a leitura e a informação (PIMENTEL, 2007, p. 23).

Entende-se que objetivo primordial, não quer dizer único ou exclusivo. Ampliar o olhar da BE para a comunidade que a cerca, trazendo para sua responsabilidade, os pais, professores e moradores circundantes, pode aumentar o impacto que suas ações promovem.

Hoje, com a facilidade do uso da tecnologia entre os jovens, é necessário pensar em um espaço multifacetado, que contemple um maior leque de atuação do bibliotecário e da própria biblioteca escolar. É necessário criar um ambiente que desenvolva hábitos de leitura e ainda trabalhe no amadurecimento de vínculos afetivos a partir de experiências marcantes, que vão além dos serviços básicos de emprestar e devolver livros (DUARTE, SILVA, DUQUE, 2013). Reforçando tal ideia:

Neste quadro de transição paradigmática, em que existe indefinição das fronteiras, é necessário investigar no sentido de criar ambientes híbridos, que usufruam de séculos de experiência da leitura, como ferramenta cognitiva de aquisição de conhecimentos e olhar para novos suportes e novas ferramentas, como os livros digitais e as redes sociais na Internet, entre outras, como novas formas de dar continuidade às boas práticas da leitura e da escrita a partir do ato de ler (FURTADO; OLIVEIRA, 2010, p. 14).

A boa prática de leitura atualmente não se dá apenas no suporte físico, mas pode ser trabalhada pela internet, redes sociais e também com diferentes manifestações culturais e artísticas que permitem a agregação de conteúdo pelos estudantes.

A leitura, para a sociedade, ainda possui um peso e importância, juntamente com o papel da escola, permeando representações sociais que envolvem a emancipação, desenvolvimento humano e interação com o outro através do desenvolvimento desta prática (MORO, 2011). É importante valer-se de tal pensamento coletivo para agregar a BE como espaço primordial para consolidação das diferentes tipologias de leitura.

Com as novas tecnologias e a reflexão sobre os paradigmas educacionais, a biblioteca escolar deve refletir sobre o seu papel e seus serviços.

Jonhson (2013, p. 84) apresenta um conceito de biblioteca escolar mais interativo e dinâmico:

The modern library is a place for teams to work together, formally and informally. For schools that have no other spaces for recreation and play, such as a student commons or a playground, the library can provide such spaces, especially before and after school. A successful library adopts a liberal definition of what constitutes a constructive activity, allowing users to engage in gaming and research on topics of personal interest. Such a library may be the only place at school where some students feel at home.¹

Permitir que o aluno se sinta em casa em uma biblioteca escolar é preocupar-se muito mais que a organização e aquisição de acervos. É preciso preparar um ambiente que favoreça o acolhimento e a sensação de conforto. É dar a biblioteca escolar, a oportunidade de ser o cartão de visita da instituição escolar, que oferece informação, mas também se atenta ao conforto e a tecnologia. Johnson (2013) afirma que os estudantes devem se sentir, bem vindos, seguros e valiosos.

Sem políticas públicas consolidadas e efetivas, falta de profissionais bibliotecários nas escolas, acervo insuficiente, não é possível enxergar uma participação da biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem, existe um aparente abandono político relacionado a este espaço no Distrito Federal.

Para reforçar estes fatos preocupantes, Gasque e Tescarolo apresentam uma reflexão sobre o olhar atual da biblioteca escolar brasileira:

Professores e alunos deparam-se com estruturas e ambientes escolares precários, acervo obsoleto, recursos insuficientes ou inadequados e um sistema de serviços impropriamente chamado de biblioteca escolar. A retórica da sociedade reconhece a importância fundamental das bibliotecas escolares do processo de ensino-aprendizagem. No entanto, esse reconhecimento não se traduz, no Brasil, em políticas efetivas

¹ A biblioteca moderna é um local para as equipes trabalharem formalmente e informalmente. Para escolas que não possuem local para recreação e lazer, como uma área comum para os estudantes ou um playground, a biblioteca pode ser este espaço, principalmente antes e depois da escola. Uma biblioteca de sucesso adota uma definição liberal do que constitui uma atividade construtiva, permitindo que os usuários participem de jogos e pesquisas sobre temas de interesse pessoal. Essa biblioteca pode ser o único lugar na escola onde alguns alunos se sintam em casa. (Tradução da autora).

de implantação, desenvolvimento e avaliação de bibliotecas nas escolas públicas e privadas, em conformidade com parâmetros delineados por profissionais da informação e educadores que definam com clareza a natureza e as funções da biblioteca escolar. Por isso, elas têm sido, via de regra, ignoradas ou negligenciadas e, quando existentes, consideradas meros apêndices do sistema educacional (GASQUE; TESCAROLO, 2010, p. 13).

Como afirma Campello (et al, 2012), a literatura a respeito do tema no país apresentam a situação desoladora das bibliotecas escolares. O grande desafio para a classe bibliotecária é adaptar esta realidade à novas práticas profissionais. O que é preciso ser feito para que as bibliotecas comecem um movimento de renovação?

O projeto de lei (PL) do Senado nº 28 de 2015, propõe a criação de uma Política Nacional das Bibliotecas. O objetivo dessa PL é além de esclarecer as diferentes definições de bibliotecas para a Administração Pública, defender a criação de espaços condizentes às diferentes especificidades das comunidades atendidas. A biblioteca, de forma ampla, tem como função, segundo a PL:

- I – selecionar, reunir, organizar e preservar os bens de que trata o art. 5º desta Lei;
- II – promover o acesso universal e irrestrito aos conhecimentos sob sua gestão;
- III – promover a valorização dos cidadãos, propiciando-lhes o exercício do direito de livre acesso à informação;
- IV – contribuir para a inclusão social e o desenvolvimento intelectual dos cidadãos;
- V – estimular e promover a diversidade cultural;
- VI – zelar pela preservação do patrimônio intelectual e cultural;
- VII – realizar atividades que valorizem, preservem e difundam a memória local, regional e nacional;
- VIII – estabelecer e manter redes de cooperação e empréstimo de materiais entre suas congêneres e com instituições que lidam com guarda e preservação do conhecimento, de pesquisa e de educação (BRASIL, 2015).

Neste projeto de lei, a BE tem como dever de “assegurar o apoio e o fomento para a consecução dos objetivos educacionais” (BRASIL, 2015). Com a Lei 12. 244 de 2010 sobre a universalização das bibliotecas escolares, o projeto de Lei n 28 de 2015 e outras iniciativas individuais nos estados brasileiros, é possível perceber uma movimentação governamental para a

melhoria das condições deste espaço. Cabe aos bibliotecários, a Academia e aos profissionais da educação lidar com o desafio de propor alternativas mais rápidas e condizentes com as realidades em cada comunidade. É necessário a biblioteca escolar, inicialmente, reinventar-se com o que já possui.

3.2 A biblioteca na comunicação e mediação da informação

Tentar compreender o processo de comunicação na sala de aula coopera para uma reflexão sobre os papéis estabelecidos dentro deste espaço: do professor que fala e o aluno que ouve passivamente. Será esta a melhor forma para o compartilhamento de informações para a formação intelectual dos alunos? Ou melhor, é esta a única forma de comunicação utilizada na sala de aula? Qual o papel da tecnologia para a mediação da informação? A biblioteca ainda possui espaço neste contexto? Como?

São muitas as perguntas e por este caminho do questionamento e da indagação de velhas práticas é que se buscam singelas mudanças, ou se isso ainda não for possível que a reflexão possa ser frutífera para modificações futuras.

Este debate é trazido para a Ciência da Informação (CI) por entender que dentro da escola são claras as transformações sociais causadas pelo uso da informação. Não se procura respostas ou verdades, afinal, a comunicação se manifesta de formas plurais e contextualizadas em diferentes realidades. A proposta neste capítulo é abordar em forma ampla alguns conceitos da comunicação discutidos no âmbito da CI e a partir disso, aproximá-los da comunidade escolar.

Para que seja possível compreender o fenômeno da comunicação e mediação dentro do contexto escolar a partir da ótica da CI, é necessário permear pelas teorias da comunicação, que foram fundamentais para o entendimento deste processo em diversos meios informacionais.

Para Paiva (2002), a Ciência da Informação e da Comunicação são tão próximas que se convergem em suas metodologias e se diferenciam em suas

abordagens epistemológicas. É mister ressaltar que por se tratarem de ciências que estudam fenômenos sociais, comunicacionais e informacionais, seus conceitos e paradigmas se fundem buscando uma resposta de maior pluralidade em vista dos fenômenos multifacetados pesquisados.

O caráter interdisciplinar do trabalho do comunicólogo, do pesquisador da comunicação e do cientista da informação demonstra a natureza de sua contingência, ou seja, marcada pelo pluralismo das práticas e habilitações. Trata-se de uma experiência que se realiza no contato com os vários campos da ação pragmática (trabalho, vida, sociedade). Deste modo, é compreensível que o feixe de reflexões teóricas sobre a informação e a comunicação dificilmente se deixe apreender nos limites de um campo homogêneo; as chamadas “Ciências da Informação e da Comunicação” se definem antes enquanto um domínio do conhecimento que abrange diferentes enfoques (PAIVA, 2002)”.

Comunicar-se faz parte da premissa humana em transmitir e receber informação, dentro de diversos contextos e formatos. Entender o processo de comunicação na comunidade escolar diante da perspectiva da CI aproxima e traz para reflexão a problemática da escola, do papel da biblioteca e dos recursos informacionais para benefício de seus atores, sendo aquela, uma ciência social e interdisciplinar que possui “a preocupação [...] para o ser social que procura informação” (LE COADIC, 2003, p. 21).

Sousa (2006), parte do princípio etimológico da palavra comunicação, em latim, *communicatione*, que significa “participar, por em comum, ação comum” (SOUSA, 2006, p.22) Seguindo ainda o raciocínio deste autor, a comunicação se dá quando algo se torna comum entre os seres, podendo isso ser uma informação, sensação, emoção ou experiências.

Essa ação participativa dentro das bibliotecas escolares poder ser implantada a partir de uma maior ação dos estudantes nos processos de seleção e aquisição de materiais, de atividades a serem realizadas no ambiente informacional, entre outros. O estudante ao fazer parte deste meio, se apropria de autonomia para compartilhar suas vivências e opiniões.

Precisamos escutar mais os leitores de carne e osso que temos diante de nós. Não apenas acerca das histórias que leram ou estão lendo, mas a respeito de si mesmos e de sua vida, de

seu itinerário como pessoa. [É importante] conhecer muitos livros e poder produzir elos e ligações dessas obras com os interesses, motivações, acontecimentos trazidos pelos leitores (SILVA; FERREIRA; SCORSI, 2009, p. 55).

Martino (2010, p.14) ao abordar a questão da etimologia da palavra amplia o significado de comunicação para um estado maior e mais complexo do que a coletividade de uma experiência, para ele:

O termo comunicação não se aplica nem as propriedades ou ao modo de ser das coisas, nem exprime uma ação que reúne os membros de uma comunidade. Ele não designa nem o ser, nem a ação sobre a matéria tampouco a práxis social, mas um tipo de relação intencional exercida sobre o outro. [...] Portanto, em sua acepção mais fundamental, o termo comunicação refere-se ao processo de compartilhar um mesmo objeto de consciência, ele exprime a relação entre consciências.

A relação entre consciências da qual o autor se refere, amplia o fenômeno da comunicação para situações não humanas ou racionais. Os animais possuem a sua forma de comunicação e os aparelhos também se comunicam (dois computadores e um modem, por exemplo). Por compreender a complexidade de seu conceito e para não restringir a uma forma exclusiva, não se encontra na literatura um consenso do que se é (FRANÇA, 2010; MCQUAIL; WINDAHL, 1993; SARACEVIC, 1996).

Na busca de estruturar o processo comunicacional, diversos teóricos começam a analisar o fluxo comunicacional em diversos aspectos. Apesar de pesquisas em comunicação terem sido trabalhadas antes da construção da teoria matemática, estudos iniciaram-se nos anos 20, de forma marginal nos Estados Unidos (ARAUJO, 2010, p. 120).

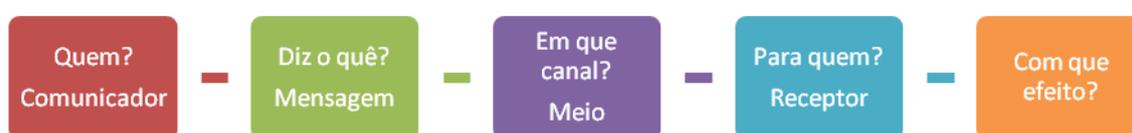
Foi a partir da década de 40 que as pesquisas empíricas começaram a ter destaque, principalmente pelo período da Segunda Guerra Mundial, em que a área desenvolveu grandes pesquisas para técnicas de persuasão das populações em busca de adeptos às ideologias, por exemplo, o nazismo (MELO, 1977, p. 42).

Laswell propõe seu modelo em 1948. Para ele, a comunicação poderia ser decomposta a partir de três óticas: “ *a) the surveillance of the environment;*

b) *the correlation of the parts of society in responding to the environment; (3) the transmission of the social heritage from one generation to the next.*² (LASWELL, 1948, p.217)

O Modelo de Lasswell a partir das indagações: “Quem?, Diz o quê? Em que canal? Para quem? Com que efeito?” indicou aos pesquisadores algumas questões nas quais poderiam centrar seus estudos referentes à comunicação. Contudo, por não ter incluído a questão do feedback, o modelo foi criticado por alguns teóricos (MCQUAIL. 1993, p, 15).

Figura 1 - Modelo de comunicação de Lasswell
(1948)



Fonte: LASWELL, 1948, p.217

Aproximando tais conceitos de comunicação aplicáveis à biblioteca escolar, que também pode transmitir mensagens por meio de suas ações, é possível questionar a partir deste esquema, um processo de comunicação entre a biblioteca e a comunidade escolar:

- a. Quem?: Qual é o profissional atuante naquele espaço?
- b. Diz o quê: Qual é a mensagem que a biblioteca passa a seus usuários a partir de seus produtos e serviços?
- c. Em que canal? Quais são os meios pelo qual a biblioteca transmitirá seus valores e objetivos?
- d. Para quem?: Quais são os públicos que a biblioteca pretende atingir com suas ações?
- e. Com que efeito?: Qual é o intuito dos produtos e serviços oferecidos na comunidade? Qual tipo de mudança será provocada dentro do

² Tradução da autora: (a) a vigilância do ambiente, (b) a correlação das partes da sociedade em resposta ao ambiente, (c) o transmissão da herança social de uma geração para a seguinte.

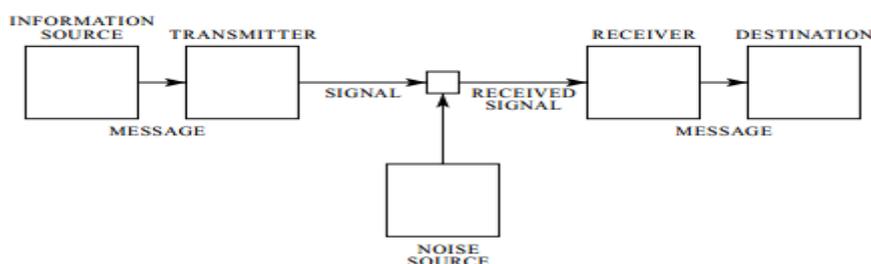
contexto escolar?

É possível perceber que a biblioteca também faz parte de um processo comunicacional no ambiente escolar. A transmissão de mensagens a partir de suas ações mediadoras constroem imagens sobre a biblioteca que influenciam na percepção do local.

O processo de comunicação é complexo, determinado por diversos fatores que estão além do emissor e receptor. A teoria matemática de Shannon, teve seu destaque juntamente com a formalização da Ciência da Informação na década de 1960 (em uma reunião do *Georgia Institute of Technology*), foi bastante utilizada nos estudos deste processo na área, deslumbrada pelo crescente número de sistemas de recuperação da informação e base de dados (BRAGA,1995).

A teoria matemática de Shannon e Weaver apresenta um modelo linear e clássico do processo de comunicação. Tem como elementos: fonte de informação, mensagem, transmissor, sinal, ruído, sinal recebido, receptor, mensagem e destinatário. Para a CI, sua ligação com este estudo se dá pelas relações em com todos os estágios da teoria com questões informacionais e os ruídos, proporcionam novas possibilidades de pesquisa em ambas as áreas (MENDONÇA; MIRANDA, 2006).

Figura 2 - Diagrama do modelo da Teoria Matemática de Shannon



Fonte: SHANNON, 1949.

Partindo deste modelo, outras propostas foram desenvolvidas para compreender o processo comunicacional. Elementos e movimentos foram acrescentados buscando abranger os diversos caminhos que a comunicação possui, como por exemplo: Osgood e Schramm, (1954); Defleur (1970); Modelo Helicoidal de Dance, 1967 Modelo transacional da comunicação entre duas

peessoas de Tubbs e Moss (2003).

Existem outros inúmeros modelos comunicacionais em diversas áreas e contextos. Tentar compreender a comunicação dentro da sala de aula pode parecer simples. O professor repassa conteúdo aos seus alunos através da expressão oral e outros recursos educacionais. Contudo, o processo de comunicação no ambiente escolar é mais complexo.

É possível retomar a Teoria Matemática e perceber que pode ser aplicada ao contexto escolar. Da mesma forma que a teoria matemática foi criticada por não se preocupar com o feedback dos receptores, podemos refletir a questão da comunicação no contexto escolar da mesma maneira. A mensagem, a partir de diversos aspectos psicossociais pode ser compreendida de diversas formas.

A sala é organizada na maioria das vezes em fileiras, sem possibilitar uma maior interação entre o professor e aluno. Não se olha no olho, não se observa o ambiente de forma completa e muitas vezes o que é repassado é distante e descontextualizado da realidade do aluno. Del Prette (1998, p.2) apresenta a seguinte reflexão sobre o assunto:

Os contextos atuais de ensino, situam, geralmente, o professor como transmissor e o aluno como um receptor de quem se exige apenas atenção, silêncio e cumprimento das tarefas. Nesse tipo de prática pedagógica, a participação do aluno, essencialmente passiva, deixa uma margem muito limitada à atividade auto-estruturante de elaboração pessoal dos conteúdos.

A sala de aula não é um espaço que todos os seus participantes possuem o mesmo olhar sobre o mundo. Diferentes vivências constituem um elemento que influencia na percepção do que é dito dentro do espaço escolar.

É um grande desafio lidar com experiências diversas dentro do contexto escolar. Os participantes deste processo educativo que se dá pela aula expositiva ou de outros recursos utilizados, recebem e decodificam a mensagem de formas particulares.

Quando nos referimos ao valor das interações em sala de aula,

é importante pensarmos que este referencial não compactua com a ideia de classes socialmente homogêneas, onde uma determinada classe social organiza o sistema educacional de forma a reproduzir seu domínio social e sua visão de mundo. Também não aceitamos a ideia da sala de aula arrumada, onde todos devem ouvir uma só pessoa transmitindo informações que são acumuladas nos cadernos dos alunos de forma a reproduzir um determinado saber eleito como importante e fundamental para a vida de todos (MARTINS, 2013, p. 117).

Vive-se em um momento de convergência entre diversos recursos informacionais e o processo tradicional de educação. O professor, possui caráter formativo tanto no aspecto educativo, quanto na formação de opiniões a cerca do mundo, inclusive do papel da biblioteca.

o professor [é] alguém que demonstra uma visão dinâmica de afirmação da vida e realça o seu papel formativo, disciplinador e altamente intencional. O ensino é, fundamentalmente, diálogo: o importante, para o professor, não é falar do ou sobre o aluno, mas com o aluno, um diálogo verdadeiro que implica a aptidão daquele para o relacionamento pessoal com este, que é outro. Admitida como função primordial da educação o nutrir possibilidades relacionais, a relação professor aluno deve, necessariamente, pautar-se na confiança mútua, na presença exemplar e na inteireza do professor, pela palavra, e na maneira com que o professor, efetivamente, promove métodos disciplinados, críticos e reflexivos de questionamento e indagação (TUNES; TACCA; BATHOLO JUNIOR, 2005, p. 693).

Um ensino de uma só voz, tendo como base apenas o livro didático torna-se empobrecido, diante da pluralidade de recursos e opiniões variadas sobre diversos assuntos. A biblioteca escolar deve estar inclusa neste processo educativo como agente mediador entre a informação, professores e estudantes.

[...] a biblioteca escolar vem sendo vista como um espaço de “crescimento” para professores e alunos, colocando-os em situação de igualdade no que se refere à necessária condição de aprendizagem. [...]. Se no usuário adulto esta sensação de abandono, cultivada desde a infância, o mantém distante da biblioteca, torna-se urgente repensar esta questão e apresentar novas práticas para que nossas crianças e adolescentes se acostumem com serviços diferenciados e transformem-se em adultos capazes de gerir informações e conhecimento (GARCEZ; CARPES, 2006, p. 4)

O professor tem um papel importante no processo de aprendizagem e no incentivo do uso da biblioteca. Na sala de aula, é possível conduzir trabalhos de pesquisa, onde o aluno terá o papel de investigador sobre determinado assunto.

Conforme Oliveira (2008), o termo pesquisar veio do espanhol, que por sua vez, se originou do latim, do verbo *perquiro* que significa busca cuidadosa, procura, perguntar, questionar. Seu particípio era *perquisitum*, que após diversas alterações, tornou-se a palavra utilizada em nosso idioma.

O propósito investigativo da pesquisa escolar foi se perdendo no caminho educativo. A falta de entendimento da investigação para fins de aprendizagem e a ausência de bibliotecas escolares, colaborou para o desvirtuamento da atividade no ambiente educativo, como forma de diálogo e emancipação no processo de construção do conhecimento.

Ao indicar o papel do professor na disposição de atuar como ponte, entendemos que o professor estará aproximando o aluno ao conhecimento, ou seja, atuando como intermediário ao conhecimento, enfim, colaborando no processo de consolidação das aprendizagens do aluno (ALTHAUS, 2006, p. 5)

Contudo, a mediação apenas conduzida pelo professor, torna-se hierarquizada. O aluno quando participa da modelagem do seu próprio conhecimento pode trazer conteúdos e discussões a partir das provocações do professor, dando a ele autonomia para a elaboração de sua da aprendizagem.

As tecnologias de informação e a internet também facilitam o processo de mediação da informação, pois colabora para a edificação das pontes entre o conhecimento partilhado dentro da sala de aula e outros conteúdos disponibilizados em rede, diversificando as informações ofertadas em sala de aula.

Portanto, são necessárias parcerias nos espaços pedagógicos para que haja a possibilidade de empreendimento de novas situações sociais de desenvolvimento educativo.

Segundo Almeida Junior (2009), a mediação é:

toda ação de interferência [...], direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional.

A existência da escola em si justifica a necessidade informacional de seu corpo discente. O conhecimento colabora para o nascimento de novas possibilidades de futuro, para a evolução de um país e crescimento do povo. O professor ao transmitir conteúdo para o seu aluno colabora para apropriação do conhecimento do corpo discente.

Entendemos que a mediação da informação e a biblioteca escolar pensadas de forma coletiva podem promover um conjunto de contribuições para a comunidade escolar valorizando a construção social do conhecimento, assim como valorizando as questões sociais e interacionistas que norteiam o acesso e uso da informação. Por isso, acreditamos que a mediação da informação pode ser expressa de muitas formas no âmbito das bibliotecas, inclusive a escolar, dependendo dos contextos sociais e cotidiano das comunidades que estão inseridas (SILVA; SILVA, 2012, p.2).

A biblioteca no contexto educacional pode e deve ser agente de mediação, já que a partir de seus suportes informacionais é possível se transformar conceitos, construir novos conhecimentos e explorar visões de mundo diversas.

No processo educativo, a biblioteca faz parte do método pedagógico para que seja criado o laço entre a sala de aula e os recursos informacionais oferecidos. Com isso, é mister que a biblioteca seja vista como local de aprendizagem e comunicação, integrada ao programa de ensino. É preciso manter um diálogo para que a comunicação entre professor, aluno e os serviços e produtos disponibilizados (CASTRO, 2003)

a biblioteca escolar não deve ser só um espaço de ação pedagógica, servindo como apoio à construção do conhecimento e de suporte a pesquisas. Deve ser, sim, um espaço perfeito para que todos que nela atuam possam utilizá-la como uma fonte de experiência, exercício da cidadania e formação para toda a vida. (PIMENTEL, 2007, p. 25)

A biblioteca sendo um espaço coletivo de apoio pedagógico e de

experiências de aprendizado constrói novas possibilidades de acesso a informação. Este ambiente informacional também deve ser atuante na construção do conhecimento entre o corpo estudantil.

A mediação da informação e a biblioteca escolar pensadas de forma coletiva podem promover um conjunto de contribuições para a comunidade escolar valorizando a construção social do conhecimento, assim como valorizando as questões sociais e interacionistas que norteiam o acesso e uso da informação (SILVA; SILVA 2012, p. 2).

O papel da escola deve ser muito além de transmitir informações. O papel do professor também vai além de ensinar e o do aluno apenas de receber todo o conteúdo repassado. Existem indivíduos que muitas vezes não entendem o papel da escola e do conhecimento. Existem estudantes que não entendem o porquê de se estudar determinados assuntos ou conteúdos. A escola ao mesmo tempo em que oferece informações, pode aprisionar a subjetividade do saber.

Paulo Freire (1987, p. 33) faz uma reflexão sobre a questão da aprendizagem dentro da escola.

O educador é o que educa; os educandos, os que são educados; O educador é o que sabe, os educandos, os que não sabem; o educador é o que pensa; os educandos, os pensados; o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados; o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos jamais ouvidos neste escolha.

Neste contexto, a biblioteca assume uma postura de libertação e democratização do saber. É neste ambiente informacional onde os recursos estão disponibilizados de forma acessível e autônoma.

Se a escola ainda não encontrou meios para uma construção coletiva do conhecimento, a biblioteca pode enriquecer as discussões em classe, acrescentando novos pontos de vista a partir de informações, suportes e formas diversificadas, levando assim, a uma maior pluralidade de opiniões aos estudantes que estão construindo, a cada dia, suas concepções de realidade. Um processo comunicacional efetivo e vivências que explorem o potencial da biblioteca, podem contribuir para a construção de uma representação da biblioteca de forma positiva.

4 As representações sociais frente à biblioteca escolar no ensino médio

Desde a filosofia grega, discute-se sobre o real e o imaginário. Platão ao dissertar através da alegoria da caverna sobre a sombra e luz, ignorância e conhecimento, a dicotomia entre o conceitual como perfeição, e o real e físico sendo distorcido pelos nossos sentidos, aproxima a questão sobre o que a realidade oferece e as crenças que possuímos a cerca do que vivemos.

Dentro das concepções individuais sobre o mundo, o grupo que se pertence e as experiências vivenciadas contribuem em grande parte para a constituição de conceitos. A história da humanidade se remodela através da cultura que se modifica com continuidade.

Nós muitas vezes percebemos que alguns fatos que nós aceitamos sem discussão são básicos a nosso entendimento e comportamento, repentinamente transformam-se em meras ilusões. Por milhares de anos os homens estavam convencidos que o sol girava ao redor de uma terra parada. Desde Copérnico nós temos em nossas mentes a imagem de um sistema planetário em que o sol permanece parado, enquanto a terra gira ao seu redor; contudo, nós ainda vemos que os nossos antepassados viam. Distinguimos, pois as aparências da realidade das coisas, mas nós as distinguimos precisamente porque nós podemos passar a aparência à realidade através de alguma noção ou imagem (MOSCOVICI, 2012, p.31)

As representações sociais conduzem a pensamentos que podem ser reflexos de crenças, valores e ideologias que muitas vezes, não fazem parte do real, mas alteram a percepção sobre o objeto em questão, já que se consolidam como verdade.

Como a biblioteca é vista pela comunidade escolar pode influenciar na percepção do ambiente e na interação com as atividades propostas. Entender como as representações sociais estão sendo construídas pode aproximar à necessidade dos estudantes de ensino médio com os produtos e serviços oferecidos.

A teoria das representações sociais originou-se na Europa a partir dos estudos sociológicos em psicologia social com a *publicação A psicanálise: sua*

imagem e seu público em 1961 por Serge Moscovici, psicólogo e pesquisador da área.

Foi concebida a partir dos estudos de Emile Durkheim, que apresenta o conceito de representações coletivas. Moscovici ao aprofundar tal problemática a partir da dinamicidade dos conceitos representados.

o conceito de representações coletivas de Durkheim tratava de um conhecimento muito amplo; não se interessava pela estrutura das representações, mas aceitava-as como formas de conhecimento que, uma vez produzido, era intraduzível a qualquer outra forma. Além disso, a concepção de representação adotada por Durkheim era estática, provavelmente porque explicava situações estáveis da época em que ele produziu sua obra. [...] Moscovici buscava um conceito mais dinâmico, capaz de refletir as mudanças contínuas da sua sociedade e também mais profundo, capaz de explicar a estrutura e os mecanismos internos das representações de um conhecimento específico que trata da elaboração de comportamentos e comunicação entre indivíduos (MATTOS, GOULART, 2012, p. 74)

As representações sociais não são unânimes entre os grupos. São julgamentos que muitas vezes se divergem, mas coexistem entre si, fazendo parte do imaginário dos indivíduos variando a partir de situações e particularidades inerentes a cada pessoa.

Em um contexto social onde as imagens são programadas e direcionadas com uma finalidade, Moscovici (2012, p.37) argumenta que:

Elas [as representações sociais] são impostas sobre nós, transmitidas e o são o produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são resultado de sucessivas gerações. Todos os sistemas de classificação, todas as imagens e todas as descrições que circulam dentro de uma sociedade, mesmo as descrições científicas, implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente, reflete um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente.

As concepções sobre o mundo fazem parte de universos na consciência humana, onde segundo Moscovici são definidos como consensuais, onde a partir das atividades e interações cotidianas se constroem, ou reificados, onde

se encontram o conhecimento científico e erudito, fruto de experimentos, objetivos e dotados de rigor metodológico (SÁ, 1995).

O universo consensual é todo o conhecimento espontâneo e comum, onde as opiniões são baseadas em vivências de grupo, percepções pessoais, e mitos, diferentemente do universo reificado que pelos seus métodos, atinge um nível de exatidão e de verdade (ainda que relativa) comprovável, podendo a partir da concepção dos grupos, ser completamente oposto ao senso comum (PAVARINO, 2003).

Com estereótipos negativos do bibliotecário durante séculos, historicamente criou-se uma distância entre os cidadãos do espaço informacional. Ainda hoje, é possível encontrar sinais desse pensamento que ainda permeia a imaginação dos indivíduos e podem fazer parte do universo consensual da população, inclusive dos estudantes de ensino médio.

Para os profissionais e estudiosos da área de Ciência de Informação é claro o papel da biblioteca, dentro do universo reificado, pois é objeto de estudo da área em questão. Contudo, este conhecimento pode estar distante do universo consensual dos estudantes, já que para eles, as concepções a respeito da biblioteca, grande parte das vezes é construída pelas opiniões, do senso comum, da mídia que estereotipa o profissional e o espaço e de experiências que nem sempre se passam com um bibliotecário.

O universo de opiniões se ergue por três dimensões: a atitude, a informação e o campo de representação ou imagem.

A informação relaciona-se com a organização dos conhecimentos de uma comunidade sobre o objeto das representações sociais. Este universo conceitual pode tanto estar próximo do consensual ou do reificado (MOSCOVICI, 2012).

O campo de representação seria os modelos mentais criados a partir dos conteúdos sobre o objeto em questão, nem sempre de forma estruturada, contribuindo para elementos mais simplificados para os pensamentos, em substituição a estruturas mais elaboradas.

Ao explicar a atitude, Moscovici (2012) afirma que esta “termina de explicitar a orientação global em relação ao objeto da representação social”. É agente condutor de posturas positivas ou negativas, geradas a partir dos conhecimentos obtidos e do modelo mental criado. A representação social está tanto “no mundo e na mente”, conforme Farr (2009, p. 46) e para compreendê-la a partir do sujeito e também a partir das imagens divulgadas para a comunidade de um determinado objeto.

Para Moscovici, sujeito e objeto não são funcionalmente distintos, eles formam um conjunto indissociável. Isso quer dizer que um objeto não existe por si mesmo, mas apenas em relação a um sujeito (indivíduo ou grupo); é a relação sujeito-objeto que determina o próprio objeto. Ao formar sua representação de um objeto, o sujeito, de certa forma, o constitui, o reconstrói em seu sistema cognitivo, de modo a adequá-lo ao seu sistema de valores, o qual, por sua vez, depende de sua história e do contexto social e ideológico no qual está inserido (MAZZOTTI, 2002, p.17).

Trazendo tal aspecto conceitual para a realidade pesquisada, o sujeito, neste caso em questão é o aluno e a biblioteca o objeto das representações. Este estudante ao criar sua representação sobre a biblioteca arquiteta ou remodela suas imagens mentais a partir de sua experiência pessoal, valores, meio de comunicação e também em suas vivências de grupo, sendo possível as representações serem transformadas ou ratificadas.

A primeira dimensão, a informação, são os dados/experiências que os indivíduos, no caso, os estudantes têm acesso sobre o objeto em questão: a biblioteca. Tais dados criam os campos das representações, que resgatam o objeto com significações a partir das informações obtidas. A atitude é o reflexo de tais elaborações individuais sobre o objeto que conduz para posturas e comportamentos em contato ou ao transmitir informações sobre o objeto.

As representações sociais se modificam com o passar do tempo, uma vez que os valores começam a ser analisados pelas comunidades, podendo variar a partir de interesse de grupos dominantes, da mídia e das concepções pessoais de cada indivíduo. O senso comum também faz parte dos estudos dessa área. Esta forma de ver a realidade concatena-se a uma visão de mundo que se constrói a partir das identidades sociais pertencentes às diversas

comunidades. O pensamento coletivo é mais seguro por às vezes ser quase unânime e é repassado e reforçado a partir dos valores que se deseja fortalecer (WACHELKE; CAMARGO, 2007).

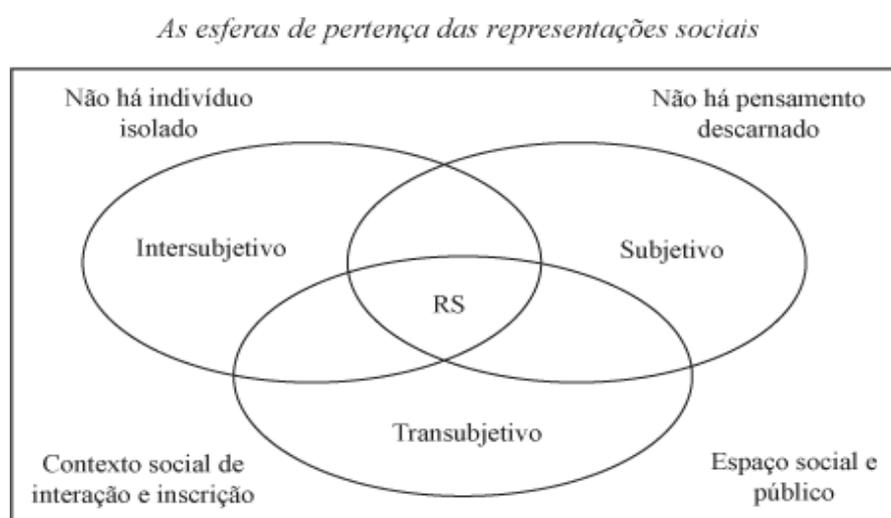
Parece fora de dúvida que a mobilização de tais Representações Sociais realmente aconteça, em todas as ocasiões e lugares onde as pessoas se encontram informalmente e se comunicam: no café da manhã, no almoço e no jantar ; nas filas do ônibus, do banco e do supermercado; no trabalho, na escola nas salas de espera; nos saguões, nos corredores, nas praças e nos bares; talvez, principalmente nos bares e botequins, em pé ou sentado, para um cafezinho, um happyhour ou uma noitada "jogando conversa fora". Faz simplesmente parte da vida em sociedade. Para Moscovici (1984a), as Representações Sociais, por seu poder convencional e prescritivo sobre a realidade, terminam por constituir o pensamento em um verdadeiro ambiente onde se desenvolve a vida cotidiana. (SÁ, 1993, p. 23)

Integrar cultura e indivíduo requer a aproximação do sujeito através de uma análise aprofundada de seus valores pessoais. Não se defende o determinismo social a partir das representações, mas também não vê o sujeito como ser dotado de liberdade total de pensamento. É preciso compreender o contexto histórico, juntamente com a subjetividade das experiências particulares que dão forças às imagens criadas (SPINK, 1993).

A representação social em resumo é caracterizada como uma forma de saber composta de estados e processos contidos em conteúdos representativos (informações, imagens, crenças, valores, opiniões, elementos culturais, ideológicos, etc.) baseados em diferentes suportes tais como linguagem, discurso, documentos, práticas, dispositivos materiais e mesmo em eventos intra-individuais ou de hipóstases coletivas (espírito, consciência de grupo) (MOSCOVICI, 2012).

Na figura 4, é possível observar os caminhos que as representações sociais podem seguir nas interações humanas.

Figura 3 – Esferas de pertença das representações sociais



Fonte: JODELET, 2009, p.695

São intersubjetivas as representações sociais quando estas são baseadas em um contexto, elaboradas da interação entre os sujeitos pelo diálogo. A interação entre indivíduos resulta em uma transferência de informação, com acordos ou divergências a propósito do objeto, causando, ainda segundo Jodelet (2009, p.697) “possibilidade de criação de significações ou de ressignificações consensuais”.

As experiências positivas e negativas que o estudante possui em sua trajetória escolar na biblioteca podem influenciar as imagens de outros colegas no momento do compartilhamento de suas histórias. O aluno de ensino médio que estará em breve fora do muro da escola, pode por meio destas representações ter comportamentos consequentes de tais vivências compartilhadas e tomar para si, os significados de outras pessoas de seu mesmo grupo.

No aspecto subjetivo, os processos inconscientes do indivíduo que ocorrem a partir de sua natureza cognitiva, emocional e empirista estão subjacentes à consciência racional do objeto, ou seja, mesmo sendo importante o pensamento de grupo para consolidação das RS, alguns

significados se criam dentro de noções modeladas no seu meio interno, de maneira particular, tendo força para influenciar o grupo (JODELET, 2009).

O estudante que dentro de um contexto negativo da biblioteca, compartilha alguma lembrança ou representação positiva, pode elaborar em outros colegas, uma nova sinapse de pensamento sobre o objeto, dando ao indivíduo, novos campos de representação. O que também acontece com o aluno que vive um contexto positivo.

A transubjetividade se compõe a partir da cultura do meio, proveniente de meio de difusão cultural que envolve o mesmo grupo e a partir disso, pode-se criar uma hegemonia de pensamento por meio da aceitação irrefletida de conceitos que modificam e interferem em uma visão mais imparcial do objeto (JODELET, 2009).

4.1 Processos de geração de representações sociais: ancoragem e objetivação

O processo de geração de representações sociais no universo consensual se dá pela ancoragem e objetivação. Esse primeiro processo refere-se à assimilação do novo objeto aos conceitos pré-estabelecidos (SPINK, 2009). Para Moscovici (2012, p. 61), “é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós parece ser apropriada.”

Aquilo que é desconhecido precisa ser encaixado em categorias pré-estabelecidas pelo indivíduo ou por outrem, para que se torne familiar até chegar o nível da naturalidade.

a ancoragem, diz respeito ao enraizamento social da representação à integração cognitiva do objeto representado no sistema de pensamento preexistente e às transformações que, em consequência, ocorrem num e noutro. Não se trata mais, como na objetivação, da construção formal de um conhecimento, mas de sua inserção orgânica em um pensamento constituído (ALVES-MAZZOTTI, 2008, p. 29).

Experimenta-se uma resistência e distanciamento inicial do objeto quando o sujeito se mostra incapaz de avaliar e descrevê-lo. A categorização acontece baseada em experiências pessoais, discursos do grupo e memórias, já que não existe conhecimento ou conceito pré-estabelecido. Contudo, a “associação da palavra com a coisa, torna-se comum e necessária” (MOSCOVICI, 2012, p.67)

Neste movimento de ancoragem ou amarração, o indivíduo torna-se capaz de manter uma das características mais significativas das representações que é a preservação da coerência, pois as novas representações apoiam-se nas já constituídas, facilitando a aceitação, incorporação e adaptando as novas ideias (ACOSTA, 2005, p. 33).

Ao classificar as imagens, buscam-se semelhanças entre o novo objeto a compor o universo das representações e as categorizações de objetos já existentes para depois levar a generalização, sendo esta decisão, vinculada sempre a uma dimensão ideológica do indivíduo.

não se trata como no caso da objetivação, da constituição formal de um conhecimento, mas de sua inserção orgânica em um outro pensamento já constituído. Na visão de GRACIA (1988, p. 50) nós "sempre vemos o novo através de lentes antigas, e o deformamos o suficiente para estar de acordo com os esquemas que nos são familiares" (ALVES-MAZZOTTI, 2008, p. 31).

Neste caso, o sujeito que não possui uma imagem pré-definida da biblioteca, em um primeiro contato, busca em sua memória categorizações a partir dos discursos, pensamentos e/ou mídia e encaixa o objeto nas categorias pré-existentes. Neste caso, o aluno que não tem uma vivência ou conceituação clara sobre a biblioteca, reproduz as categorizações que historicamente vem sendo reproduzidas. Tal processo é natural e instintivo, porém, altera a percepção do indivíduo, já que esta vem diretamente relacionada com padrões determinados anteriormente.

Algumas manifestações sobre a biblioteca e o bibliotecário para o público infantojuvenil retrata alguns estereótipos negativos. Tais imagens podem reforçar a construção de uma imagem negativa.

A objetivação é a criação de imagens, onde o que era abstrato torna-se palpável, a partir de elementos do real. Segundo Pereira e Camino (2003, p. 448) “A objetivação é o processo em que conceitos abstratos são materializados em realidades concretas”.

Neste processo, não se fala em categorização, mas sim em criação. Moscovici (2012, p.72) explica tal conceito como “a ideia de não familiaridade com a de realidade, torna-se verdadeira a essência da realidade. Percebida primeiramente como um universo puramente intelectual e remoto, a objetivação aparece, então diante de nossos olhos, física e acessível”.

A objetivação torna concreto aquilo que é abstrato. Ela transforma um conceito em imagem de uma coisa, retirando-o de seu quadro conceitual científico. Trata-se de privilegiar certas informações em detrimento de outras, simplificando-as e dissociando-as de seu contexto original de produção[...] Nesse processo se perde em "riqueza informativa (já que há simplificação) o que se ganha em compreensão. (MOSCOVICI, 2012, p. 126)

A materialização do pensamento em realidade pode reforçar ou alterar as representações e consolidar atitudes perante o objeto. Por exemplo, dependendo da visão que o grupo tenha da biblioteca, construída inicialmente historicamente e passada aos membros de uma comunidade, pode levar a uma visão desfavorável caso o objeto não proporcione percepções agradáveis ou surpreendentes, mas também pode remodelar as representações a partir de novas experiências positivas.

Os processos de ancoragem e objetivação fazem parte da construção dos modelos mentais a todo instante. A construção, a desconstrução e a reconstrução se dão a partir das experiências e da convivência em grupo e do conhecimento obtido através da informação.

5 Metodologia

A abordagem metodológica deste trabalho pode ser caracterizada como qualiquantitativa, já que para análise dos dados, serão utilizados métodos qualitativos e quantitativos, sendo definida como “a natureza discursiva e qualitativa, associada à representatividade e generalização dos resultados.” (LEFREVE, LEFREVE, 2012, p. 16)

Para Creswell, os métodos mistos são recentes nas ciências humanas e sociais, sendo originado na psicologia que buscou inicialmente a convergência das duas abordagens. Segundo o autor, este tipo de pesquisa é bem mais “que uma simples coleta e análise dos dois tipos de dados, envolve também o uso das duas abordagens em conjunto, de modo que a força geral de um estudo seja maior do que a da pesquisa qualitativa ou quantitativa isolada” (CRESWELL, 2010, p. 27).

Neste caso, buscando a integração das duas perspectivas, foi escolhida a metodologia discurso do sujeito coletivo (DSC) que consiste em “técnica de processamento de depoimentos, consiste em reunir, em pesquisas sociais empíricas, sob a forma de discursos únicos redigidos na primeira pessoa do singular, conteúdos de depoimentos com sentidos semelhantes” (LEFREVE, LEFREVE, 2012, p. 16).

5.1 Instrumentos de coleta

Os instrumentos para coleta de dados são: questionário e roteiro de entrevista semi-estruturada aplicado aos estudantes.

De acordo com Gunther (2003, p.1), o questionário é uma técnica de coleta de informações “acerca de suas ideias, sentimentos, planos, crenças, bem como origem social, educacional e financeira”.

Na primeira etapa, o questionário (APÊNDICE A) recolheu informações básicas sobre a necessidade e uso da informação dos estudantes além de

informações básicas como idade, sexo e série. Também irá abordar temas como gosto pela leitura, experiência na biblioteca escolar ou em outros espaços, frequência de uso da biblioteca e da internet e também aspectos culturais como visitas à cinemas e museus.

A segunda etapa da coleta de dados corresponde à entrevista semiestruturada, que de acordo com Alves (1992, p.4) é:

Trata-se de definir núcleos de interesse do pesquisador, que têm vinculação direta aos seus pressupostos teóricos (abordagem conceitual) e contatos prévios com a realidade sob estudo; ou seja, existe uma direção, ainda que não de forma totalmente declarada, para o conteúdo que vai ser obtido nas entrevistas (Queiroz, 1987), ao mesmo tempo em que a garantia de adequação do roteiro ao universo de vida dos sujeitos. Esse formato pede também uma formulação flexível das questões, cuja sequência e minuciosidade ficarão por conta do discurso dos sujeitos e da dinâmica que flui naturalmente no momento em que entrevistador e entrevistado se defrontam e partilham uma conversa permeada de perguntas abertas, destinadas a "evocar ou suscitar" uma verbalização que expresse o modo de pensar ou de agir das pessoas face aos temas focalizados, surgindo então a oportunidade de investigar crenças, sentimentos, valores, razões e motivos que se fazem acompanhar de fatos e comportamentos, numa captação, na íntegra, da fala dos sujeitos.

A entrevista semiestruturada (APÊNDICE C) será utilizada para coletar os depoimentos dos estudantes sobre suas experiências e representações sociais sobre a biblioteca escolar, de acordo com os objetivos propostos pelo trabalho.

5.2 Pré – teste

O primeiro pré-teste foi realizado na turma de pós-graduação na disciplina O Fator Emocional da Interação entre o Usuário e a Informação no dia 25 de junho de 2013. A turma contribuiu para reelaboração de algumas perguntas e com as observações recebidas, partiu-se para pré-teste nas escolas públicas do DF.

Foi criado também um roteiro de entrevista para ser utilizado nas escolas públicas de ensino médio após a aplicação do questionário. Foram escolhidas aleatoriamente duas escolas para aplicação do primeiro pré-teste: Centro de Ensino Médio Ave Branca (CEMAB) em Taguatinga e o Centro de Ensino Médio 304 em Samambaia (CEM 304), que aconteceu nos dias 22 e 23 de outubro de 2013, respectivamente. Foram gravados os relatos em vídeo.

Para que fosse realizada tal procedimento, a pesquisadora conversou anteriormente com os dois diretores para autorização e apresentou uma carta assinada pela orientadora.

Desde o início, não foi possível seguir o planejamento. O ambiente externo com os estudantes voluntários não foi possível em nenhuma das escolas, pois foi utilizado o próprio ambiente da sala de aula, já que as turmas disponibilizadas eram aquelas que não tinham aula no momento. Também não foi possível coletar informações com os professores, pois não aceitaram participar. Foram levados apenas dez questionários de perfil para os entrevistados, sendo aplicados após o grupo focal para os respondentes, 6 alunos no CEMAB e 5 no CEM304.

Apesar de o diálogo ter sido bastante produtivo, as respostas colhidas não foram exploradas com o detalhamento necessário para a pesquisa. Deste modo, é necessário escolher uma quantidade menor de estudantes para um diálogo mais aprofundado.

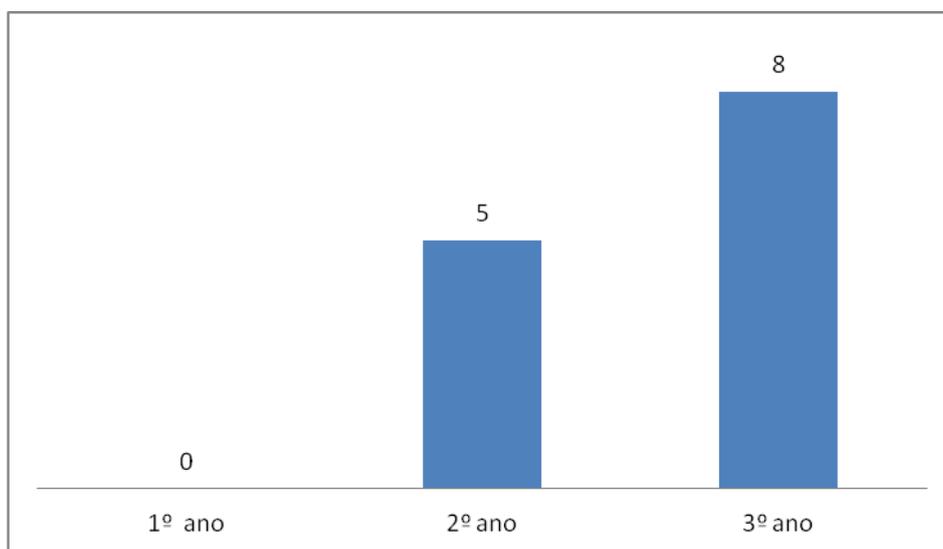
Em uma segunda experiência de pré-teste, foi aplicado o questionário a dois alunos de diferentes escolas (Centro de Ensino Médio 01 do Núcleo Bandeirante e o Centro de Ensino Médio 123 da Samambaia) de forma individualizada. Após esta etapa, o aluno era convidado a responder as perguntas do roteiro de entrevista semi-estruturada.

Com essa primeira experiência em campo, foi possível verificar a eficácia dos instrumentos de pesquisa com os objetivos do trabalho.

O gráfico abaixo apresenta as séries correspondentes aos participantes do pré-teste da pesquisa. A seleção das turmas era feita a partir da disponibilidade da escola. Participavam da pesquisa os alunos que não

estavam em alguma atividade escolar.

Gráfico 1 – Série dos estudantes pesquisados (Pré-teste)

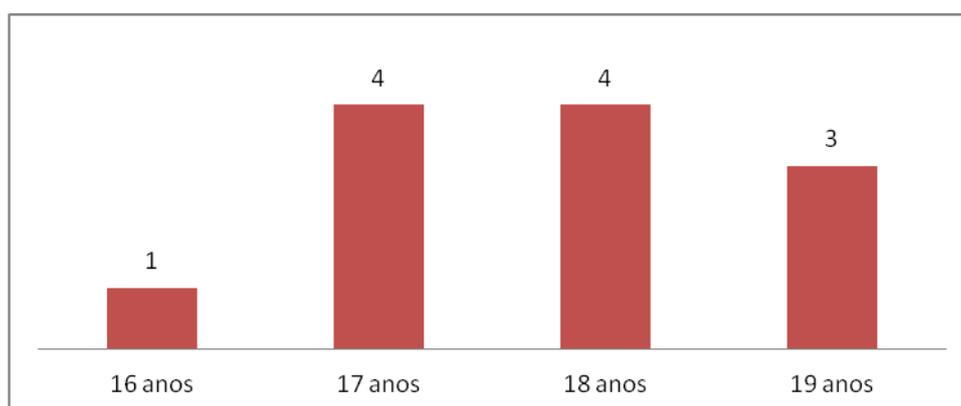


Fonte: DUARTE, 2015.

Neste caso, a amostra contou apenas com alunos do 2º e 3º ano do EM. Na coleta final, apenas os estudantes do 3º ano do ensino médio foram contemplados na pesquisa,

O gráfico 2 apresenta a faixa etária dos respondentes:

Gráfico 2– Faixa etária dos estudantes (Pré-teste)



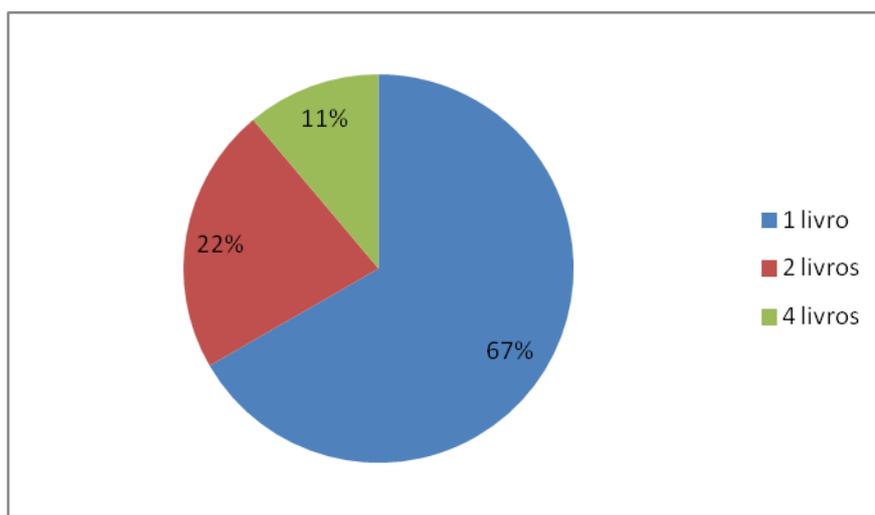
Fonte: DUARTE, 2015.

Observa-se que a faixa etária esperada para o EM é de 15 aos 17 anos. O aluno que faz toda a educação básica sem reprovação, entrando no período correto na escola, termina o ensino médio com no máximo dezoito anos.

Dentro desta amostra é significativa a quantidade de alunos com dezenove anos, inferindo-se que este grupo pode ter sofrido algum tipo de situação que impediu a conclusão no período indicado pelo Ministério da Educação (MEC).

O gráfico 3 apresenta a quantidade de livros lidos nos últimos três meses³ pelos 9 alunos que afirmaram ter hábito de leitura, correspondendo neste caso, aproximadamente 70% da amostra:

Gráfico 3– Quantidade de livros lidos nos últimos três meses (Pré-teste)

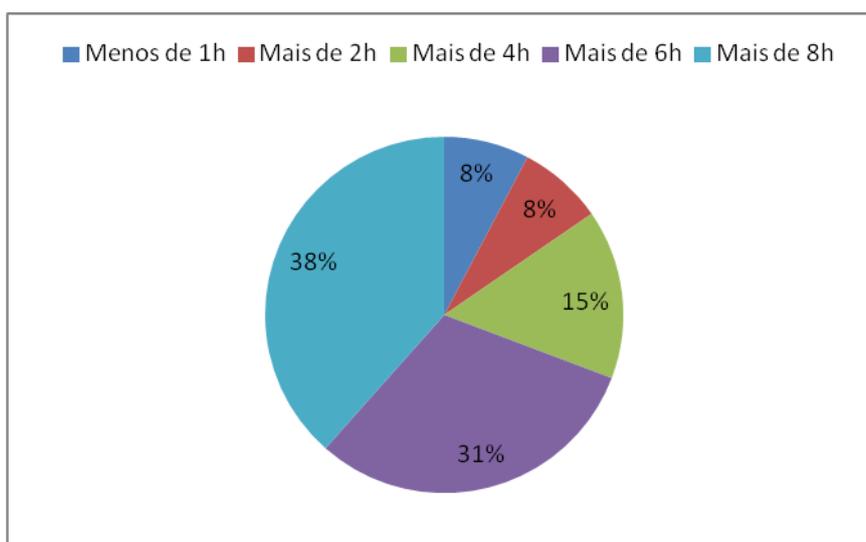


Fonte: DUARTE, 2015.

Contudo, ao serem questionados sobre a frequência de visita na biblioteca da escola, 7 dos 13 alunos responderam que não possuem este hábito, o que se pode inferir que utilizam outros espaços informacionais, que de acordo com a pesquisa são bibliotecas públicas e bibliotecas existentes em locais de trabalho. Os recursos utilizados para pesquisa por esta amostra são: Internet (7 alunos), livros pessoais (4 alunos) e a biblioteca (4 alunos).

³ Leitor é considerado pelo Instituto Pró-Livro aquele que leu pelo menos um livro nos últimos três meses.

Gráfico 4 – Uso da Internet pelos estudantes (Pré-teste)



Fonte: DUARTE, 2015.

O tempo utilizado para o uso da internet nesta amostra é de mais de 8 horas. É um tempo considerável e que poderia ser aproveitado em outros tipos de atividades. As atividades realizadas em tempo livre consistem em jogar vídeo game, ir à igreja, ouvir música, ver filmes, uso das redes sociais, sair com os amigos e praticar esportes.

Nas perguntas realizadas no grupo focal e nas entrevistas individuais, os alunos foram convidados a atribuir cinco adjetivos à biblioteca. As palavras mais citadas foram:

Figura 4 – Nuvem de adjetivos sobre a biblioteca⁴

Fonte: DUARTE, 2015.

É possível verificar nesta amostra que fatores de conforto ambiental são lembrados de forma enfática pelos estudantes. A temperatura e a acústica foram determinantes na atribuição de adjetivos (*calorenta e barulhenta*). Além da questão da organização, que também é ressaltada, alguns adjetivos negativos são dados ao espaço, como *chata, vazia e tediosa*.

É importante analisar a perspectiva da palavra *desinteressada x interessante*. Ao dar a biblioteca o adjetivo de interessante, é possível inferir que algo desperta a curiosidade destes alunos para o espaço. Ao afirmar que a biblioteca é desinteressada, pode-se perceber existe implicitamente a sensação de abandono da biblioteca ao estudante, como se esta não possuísse o interesse nele ou em suas necessidades.

Porém, houve dificuldades em atribuir adjetivos a biblioteca, por falta de compreensão do que era adjetivo. Em todas as escolas visitadas, este tópico foi o mais demorado para ser respondido. Por tal situação, esta pergunta foi alterada na coleta final de dados.

⁴ O tamanho das palavras correspondem a utilização delas pelos estudantes no momento da pesquisa.

A segunda pergunta relacionada em relação ao discurso familiar sobre a biblioteca. Neste aspecto obtiveram-se duas respostas:

a. Pais e familiares que comentaram sobre a biblioteca escolar e sua importância

Estudante 1: “Minha mãe sempre deixa eu vir para a escola em outro horário quando eu venho para a biblioteca.”

Estudante 2: “Tenho uma mãe que é professora e ela sempre me levava à biblioteca.”

Estudante 3: “Muito importante. Hoje em dia eu tenho internet em casa, mas quando eu não tinha, o único recurso era a biblioteca da escola, meu irmão sempre dizia que eu tinha que ir, me trazia e eu passei tardes e tardes pesquisando.”

b. Pais que incentivam o uso do livro, mas não comentam sobre a biblioteca escolar:

Estudante 6: “Meu pai nem tanto mas a minha mãe se ela pudesse, ela viveria só com livro. A mulher gosta, viu? Qualquer pesquisa ela manda eu ir pro livro, não é nem internet, vai no livro, procura no livro.”

Estudante 4: “Minha mãe sempre trouxe livros para mim [sic], mas eu nunca precisei ir na biblioteca.”

c. Pais que não comentam sobre a biblioteca escolar.

Estudante 11: “Meus pais nunca me falaram sobre biblioteca.”

Estudante 4: “Meus pais? Não mesmo.”

Estudante 3: “Meus pais não tiveram um ensino de qualidade e eles não leem e também nunca falaram de biblioteca.”

Percebe-se a presença maternal como grande influenciadora na utilização do espaço escolar. Pelo laço afetivo que costuma ligar mãe e filho, o aluno entende a importância que a mãe atribui à biblioteca e pode utilizá-la como recurso de aprendizagem.

A influência da mídia sobre a construção da imagem sobre a biblioteca

não foi detectada nos diálogos realizados. A mídia, de acordo com os estudos de Moscovici (2012) colabora/reforça/modifica, juntamente com as experiências pessoais para a elaboração das representações sociais.

Ao perguntar sobre a importância da biblioteca na vida das pessoas, o discurso reproduzido foi de compreensão do papel social:

Estudante 5: “A importância da biblioteca para a sociedade é a questão da educação.”

Estudante 6: “Não só pelo hábito de ler mas também para aprimoramento pessoal e para você crescer como pessoa e na sociedade. “

Estudante 10 : “Porque a leitura ajuda você a escrever melhor, a raciocinar melhor e muita gente não tem a cultura de pegar um livro assim, e ler.”

Entretanto, alguns percebem a diminuição da importância da biblioteca:

Estudante 7 : “Se a maioria dos jovens e até mesmo as pessoas mais velhas tivessem o hábito de frequentar a biblioteca, mas ela não funciona mais.”

Estudante 8 : “Diminuiu muito o uso da biblioteca por conta da informação mais rápida que a gente encontra na internet.”

Sobre a importância da biblioteca na vida dos estudantes, alguns tem uma visão negativa:

Estudante 13 : “Depois que existiu a internet, a biblioteca deixou de ser importante para mim.”

Estudante 3 : “A gente lê, porque o professor manda, mas não vou à biblioteca.”

Estudante 11 : “Não temos uma cultura de ler. Não vamos à biblioteca.”

Sobre a biblioteca da escola, as opiniões são focadas no ambiente físico:

Estudante 2 :’ ‘Eu acho um lugar muito bagunçado. A gente quer um livro e tem que procurar em todas as prateleiras.”

Estudante 8 : “Teria que ser arejada. Porque a daqui do colégio

e a que eu frequento, a Machado de Assis elas são muito abafadas.”

Estudante 6: “Sinceramente? Eu vou raramente na biblioteca da minha escola, raramente, raramente mesmo. Mas as minhas amigas que gostam de ler vão lá, ai de vez em quando eu vou lá com elas. Mas não tem nada.”

Estudante 1: “Eu acho o espaço da biblioteca bom, mas podia ser atualizada e não tem ninguém pra trabalhar e nem todo dia ela tá aberta então a gente não pode usar direito. Tem uma mulher mas ela não tem um dia certo pra abrir.”

Alguns estudantes responderam negativamente sobre a biblioteca:

Estudante 7: “Eu prefiro ficar em casa porque não tem um bibliotecário me mandando calar boca toda hora.”

Estudante 4: “Nem chego perto daquele cemitério.”

Sobre a biblioteca ideal, os alunos sugeriram ampliação do horário, serviços diversificados e facilidade de encontrar os livros. Alguns não percebem atividades diversificadas no espaço:

Estudante 8: “Aberta 24 horas por dia. Tem muita gente que não tem tempo. Quando a pessoa tem tempo, a noite, a biblioteca tá fechada.”

Estudante 5: “Eu não sei. Não é só pra emprestar livros? E o que ela poderia fazer além disso?”

Estudante 7: “Nunca parei pra pensar nisso. Biblioteca pra mim é só livro. Mas poderia ter outras formas de se comunicar, ilustrações, estantes coloridas, usar livro para fazer brincadeiras.”

Estudante 4: “Eu vou na biblioteca pra descontrair a mente, então acho que além dos livros poderia ter outras opções. Lá poderia ser um lugar não apenas pra sentar e ler. Ninguém gosta. As vezes as pessoas tem dificuldade de entender o que tá escrito, mas entendem em outras formas, com filme, com música, com apresentações. Eu amo. É uma forma de aprender.”

Estudante 13: “Seria fácil de achar os livros, com um computador de pesquisa igual eu vi na biblioteca demonstrativa, aqui na escola anota todos os livros no caderno.

Até você saber quem tá com o livro, demora muito.”

Estudante 10: “Colorida, ventilada, é coisas simples. A biblioteca já é ideal só por ter livros.”

As experiências positivas vividas na biblioteca envolvem desde à castigos, encontros afetivos e momentos de leitura. As negativas são intervenções agressivas de funcionários, momentos obrigatórios de leitura, ambiente fantasmagórico:

Estudante 4: “Eu gostava de ficar de castigo na biblioteca porque eu ficava longe da sala e podia ler gibis.”

Estudante 11: “Minha experiência positiva na biblioteca era encontrar X na hora do intervalo e poder ficar com ela sem ninguém ver.”

Estudante 5: “A biblioteca sempre foi especial. Lá tem paz. Toda vez que eu saia do intervalo, eu ficava lá um pouquinho olhando os livros.”

Estudante 7: “Minhas experiências na biblioteca foram sempre porque eu era obrigado. Tinha que ir lá toda semana pegar livro e ficar fazendo fichamento. Um saco.”

Estudante 9: “A biblioteca da minha escola quando era pequeno, parecia um castelo mal assombrado e a bibliotecária, uma bruxa.”

Com tais situações que marcaram as histórias individuais de cada estudante, implicando sensações e reações ao vivenciarem novos momentos na biblioteca. As representações sociais vão sendo alteradas a partir de novos momentos, quando estes causam impactos emocionais. A elaboração do discurso do sujeito coletivo a partir da fala dos estudantes foi criado a partir da coleta final de dados.

5.3 Delimitações da pesquisa e amostragem para coleta final

No Distrito Federal existem 86 escolas de ensino médio espalhadas em

23 regiões administrativas (RA's). Por conta de custos, falta de pessoas e tempo hábil, escolheu-se a amostragem não probabilística, que segundo Mattar (MATTAR, 2012, p. 132). “é aquela em que a seleção dos elementos da população para compor a amostra depende ao menos em parte do julgamento do pesquisador ou do entrevistador no campo”.

Optou-se utilizar como parâmetro o resultado do ENEM como recorte de pesquisa. Neste caso, em 2013 das 86 escolas existentes no Distrito Federal, 83 participaram do exame.

Com as limitações de tempo e distância, as escolas selecionadas obedeceram os seguintes critérios:

- a. Escolas que obtiveram as melhores notas no ENEM.
- b. Escolas que obtiveram as piores notas no ENEM.
- c. Escolas localizadas no perímetro urbano do Distrito Federal

Por meio deste recorte, 72 escolas poderiam fazer parte da amostra pesquisada. Para isso, 40 escolas foram notificadas por e-mail ou telefone e apenas dez aceitaram colaborar para a pesquisa no período de 11 a 23 de março de 2015, correspondendo aproximadamente 14,5% da população das escolas públicas do DF, as outras escolas não foi possível entrar em contato por falta de informações corretas.

Neste caso, este tipo de processo, dentro das possibilidades da amostragem não probabilística é definido como amostra por conveniência, que segundo Amattuzi et al (2006, p.53) “é uma amostragem não probabilística, definida metodologicamente como aquela em que há escolha deliberada de respondentes.”

A partir da experiência do pré-teste com turmas de 30 a 35 alunos, percebeu-se a dificuldade em manter um diálogo produtivo com este número tão significativo de alunos. Nas escolas que permitiram tal prática percebeu-se que além de ter que interromper a aula, a presença de alguns professores inibiam respostas mais sinceras, fora a dispersão no momento de diálogo pelos colegas.

Em outros espaços educacionais, foi permitido que fossem entrevistados no máximo dois ou três alunos. Tal padrão foi seguido nas escolas visitadas, já que facilitava o trabalho da escola em convocar alunos para a realização da pesquisa.

Os alunos selecionados receberam explicações sobre a pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tendo garantido com isso a ética e segurança científica nos resultados obtidos pela pesquisa.

5.4 Coleta de dados

Dos dias 9 a 20 de março de 2015 foram realizadas as coletas finais após a modificação dos instrumentos de pesquisa a partir das análises realizadas no pré-teste. Neste ínterim foram visitadas 10 escolas que tinham participado do ENEM, levando em consideração que cinco das escolas tiveram bons resultados e as outras cinco, tiveram resultados inferiores, porém, o objetivo não era de usar tais critérios como fatores determinantes na pesquisa, mas apenas para conhecer diferentes espaços informacionais com maior variabilidade de experiências e opiniões.

Em cada escola, foi agendado um momento para conhecer a biblioteca, aplicar o questionário e realizar a entrevista com os estudantes.

5.4.1 Perfil das escolas visitadas

a) Colégio Militar Dom Pedro II (CMDP II):

Localizado em Brasília, região administrativa do Distrito Federal de alta renda, o Colégio Militar Dom Pedro II (CMDP II) é de característica híbrida (pública e privada) e pertencente ao Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal. Dentre as escolas pesquisadas, foi a que teve o melhor desempenho no ENEM em 2013, com média 581,70. É a única das bibliotecas pesquisadas que possui bibliotecário.

Figura 5 - Acervo Biblioteca Colégio Dom Pedro II



Fonte: Arquivo pessoal (2015).

b) Centro de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional Técnica do Gama (CEMI)

O CEMI oferece para os seus alunos o ensino integral, a partir da junção do Ensino Médio e a Educação Profissional. A escola é localizada no Gama, região de média baixa renda no Distrito Federal. No ENEM, ficou com média 539,13 nas provas objetivas, entre as melhores do Distrito Federal (segundo lugar). Não foi permitido tirar fotos da biblioteca por estar desorganizada devido a entrega dos livros didáticos.

c) Centro de Ensino Médio Setor Oeste (CEMSO)

Localizada na região administrativa de Brasília, obteve nota no ENEM de 522,22, (terceiro lugar). Não foi permitido tirar fotos da biblioteca por estar desorganizada devido a entrega dos livros didáticos.

d) Centro de Ensino Médio Setor Leste

Localizada na região administrativa de Brasília, a nota do ENEM é de 518,12 (quarto lugar). A biblioteca oferece projetos diferenciados de incentivo à

leitura.

Figura 6 – Projeto de incentivo à leitura – Biblioteca CEM Setor Leste

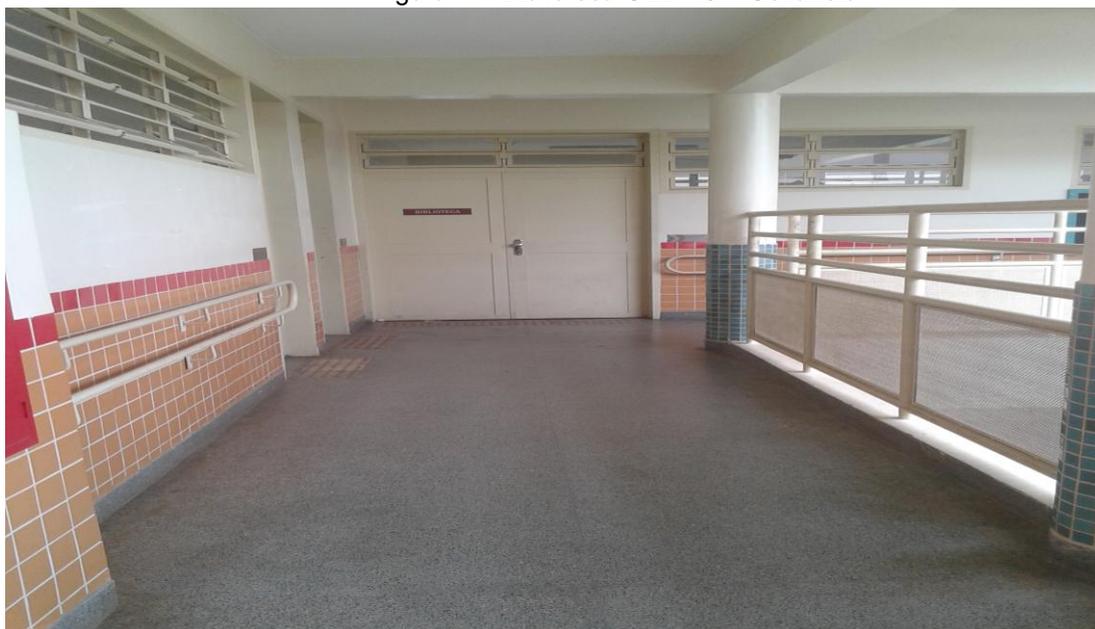


Fonte: Arquivo pessoal (2015).

e) Centro Educacional 15 de Ceilândia

Localizada na região administrativa de Ceilândia, a escola obteve a posição 72º das 73 escolas que fazem parte do recorte da pesquisa, com a nota 469,58. No dia da visita, a biblioteca estava fechada.

Figura 7 – Biblioteca CED 15 – Ceilândia



Fonte: Arquivo pessoal (2015).

f) CED 310 - Santa Maria

O Centro Educacional 310 é localizado em Santa Maria, região administrativa de média baixa renda do Distrito Federal. Ficou em 63ª posição no ranking do ENEM com a nota 475, 78 nas provas objetivas.

Figura 8 – Biblioteca CEM 310



Fonte: Arquivo pessoal

g) Centro de Ensino Médio 111 – Recanto das Emas

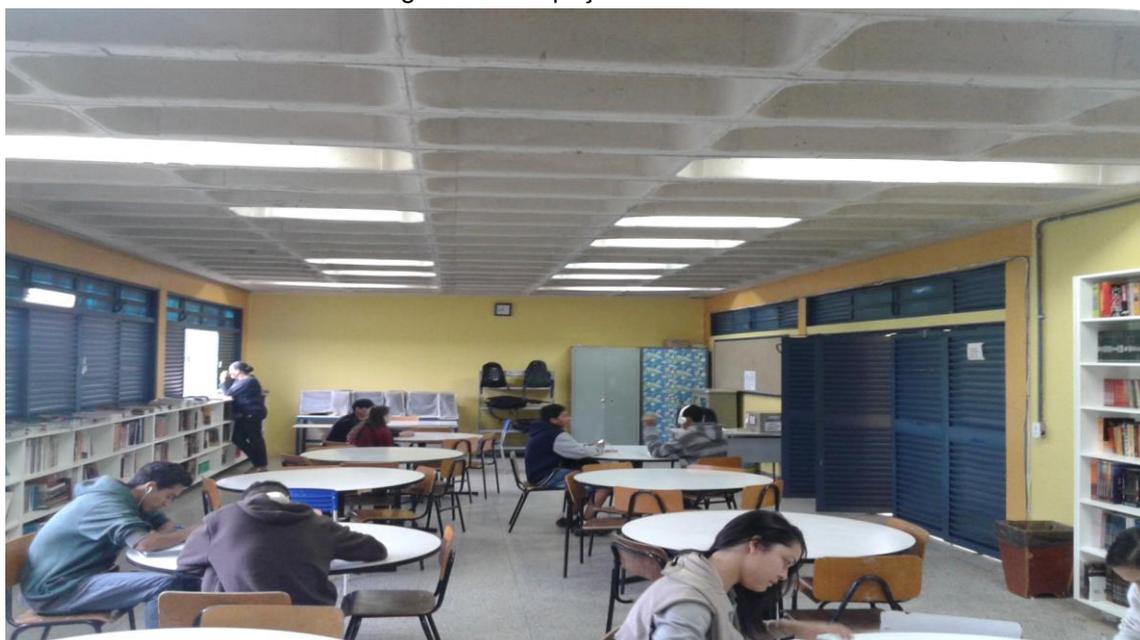
O Centro Educacional 111 é localizado no Recanto das Emas, região administrativa de baixa renda do Distrito Federal. Ficou em 66ª posição no ranking do ENEM com a nota 473, 54 nas provas objetivas.

Figura 9 – Acervo Biblioteca CEM 111



Fonte: Arquivo pessoal (2015).

Figura 10 – Espaço físico CEM 111



Fonte: Arquivo pessoal (2015).

h) Centro de Ensino Médio Elefante Branco

O Centro de Ensino Médio Elefante Branco (CEMEB) localizada em Brasília, região administrativa de renda alta do Distrito Federal. Não foi permitido tirar fotos da biblioteca por estar desorganizada devido a entrega dos

livros didáticos. Sua nota no ENEM foi de 509,30, ficando no 9º lugar do ranking brasileiro.

i) Centro de Ensino Médio 304

O Centro de Ensino Médio 304, localizada em Samambaia, região administrativa de média baixa renda do Distrito Federal. A nota no ENEM foi de 475,36 ficando no 64º lugar.

Figura 11 – Parte do acervo CEM 304



Fonte: Arquivo pessoal (2015).

Figura 12 – Biblioteca CEM 304



Fonte: Arquivo pessoal (2015).

j) Cem 404 Santa Maria

O Centro de Ensino Médio 404, localizada em Santa Maria, região administrativa de média baixa renda do Distrito Federal. A nota no ENEM foi de 475,36 ficando no 70º lugar.

Figura 13 – Espaço físico da biblioteca do CEM 404 Santa Maria



Fonte: Arquivo pessoal (2015).

Figura 14 – Tapete da biblioteca CEM 404



Fonte: Arquivo pessoal (2015).

5.5 Discurso do sujeito coletivo (DSC)

Esta metodologia nasceu por meio dos estudos dos pesquisadores Fernando Lefreve e Ana Maria Lefreve da Universidade de São Paulo, desde a década de 1990 a partir de análises das representações sociais em diversos aspectos.

A proposta é reunir diferentes discursos correlatos para que seja possível analisar as nuances das diferentes perspectivas de um coletivo que pensa semelhante, mas às vezes, por razões diferentes. Possui sua base teórica nas Representações Sociais.

O DSC permite a categorização sistemática dos discursos correlatos, que contém em sua essência, a questão da individualidade do sujeito, mas a coletividade de uma opinião muitas vezes construída através da sua experiência no contexto social.

Estes conteúdos de mesmo sentido, reunidos num único discurso, por estarem redigidos na primeira pessoa do singular, buscam produzir no leitor um efeito de “coletividade falando”; além disso, dão lugar a um acréscimo de densidade semântica nas Representações Sociais, fazendo com que uma ideia ou

posicionamento dos depoentes apareça de modo “encorpado”, desenvolvido, enriquecido, desdobrado (LEFEVRE, 2008).

As respostas dadas pelos estudantes possuem um teor comum em diferentes abordagens que são reunidas em um único discurso a partir do DSC. Com isso, é possível condensar as ideias correlatas em uma mesma expressão discursiva. As RS são percebidas a partir dos discursos, atitudes e sentimentos do objeto pesquisado.

O senso comum, apesar de possuir limitações conceituais e empíricas, traz a tona aspectos que podem ser observados com maior atenção pelo universo acadêmico.

toda teoria científica ou filosófica tende a se tornar primeiro o senso comum de um grupo restrito, de uma minoria, que é então distribuído, em conexão com a vida prática, através da maioria da sociedade, onde ele se torna senso comum, com o conteúdo renovado e uma nova maneira de pensar (MOSCOVICI, 2012, p. 353).

Para a construção do DSC os discursos são analisados em quatro perspectivas:

- a. Expressão chave: (ECH): são trechos destacados que revelam a essência do discurso.
- b. Ideia central (IC): é a expressão que sintetiza o tema principal do discurso.
- c. Ancoragem (AC): são trechos do discurso que mostram explicitamente teorias, ideologias, generalizações do sujeito.
- d. DSC: é a reunião dos discursos correlatos em uma só fala, agrupando o pensamento coletivo em uma “fala de primeira pessoa”.

A intenção do DSC é criar uma ponte entre o senso comum e o conhecimento científico a partir do paralelo entre as duas realidades. Conforme Spink (1993, p. 302) esta aproximação possibilita a “ampliação do olhar, de modo a ver o senso comum não mais como cidadão de segunda classe, mas como conhecimento legítimo e motor das transformações sociais.”

Um sujeito coletivo, no DSC, vem se constituindo numa tentativa de reconstituir um sujeito coletivo que, enquanto

pessoa coletiva, esteja, ao mesmo tempo, falando como se fosse indivíduo, isto é, como um sujeito de discurso “natural”, mas veiculando uma representação com conteúdo ampliado” (LEFREVE, LEFREVE, 2006, p. 519).

Busca-se com esta metodologia expor os dados de forma coletiva em discurso de primeira pessoa e aproximar-se da realidade e da linguagem dos sujeitos pesquisados, já que nos estudos de representação social, tais aspectos são relevantes para entendimento das imagens criadas.

Por isso, o DSC, como esse sujeito de discurso aparentemente paradoxal, já que redigido na primeira pessoa do singular, mas reportando um pensamento coletivo, é, sociologicamente, possível. [...] A coletividade, falando na primeira pessoa do singular, não apenas ilustra o regime regular de funcionamento das representações sociais como também é um recurso para viabilizar as próprias representações sociais como fatos coletivos atinentes a coletividades qualitativas (de discursos) e quantitativas (de indivíduos) (LEFREVE, LEFREVE, 2006, p. 521).

Também se busca a aproximação do universo reificado apresentado a partir dos estudos teóricos em contraposto com a simplicidade da linguagem da fala estudantil que carrega em sua essência, aspectos significativos para o entendimento sobre o papel da biblioteca no movimento escolar.

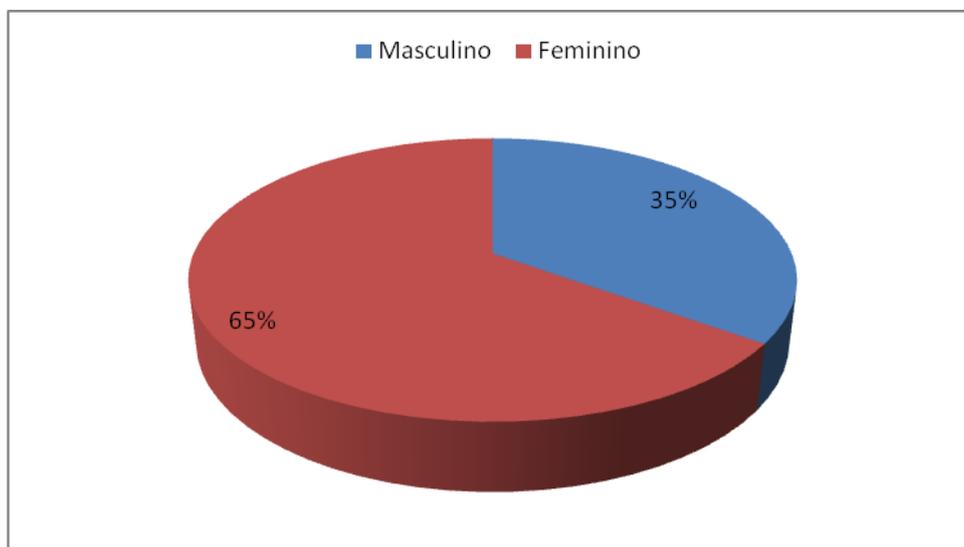
Além disso, nos estudos das representações sociais, explicitadas por meio do discurso do sujeito coletivo, é possível notar a heterogeneidade das falas. Não basta dizer que sim ou que não. As peculiaridades dentro desta construção diz muito sobre as diferentes vertentes que a biblioteca deve atender.

5. 5.1 Perfis dos participantes

O primeiro passo para a coleta final de dados para pesquisa foi a aplicação de um questionário para mensurar dados a respeito de hábitos de leitura, uso da internet, atividades culturais, experiências na biblioteca, entre outros. Tais informações são necessárias para que seja possível abranger

maiores detalhes sobre os estudantes no momento da entrevista. Todos os alunos respondentes foram do 3º ano do Ensino Médio por conta da questão da participação do ENEM.

Gráfico 5 – Gênero dos participantes.

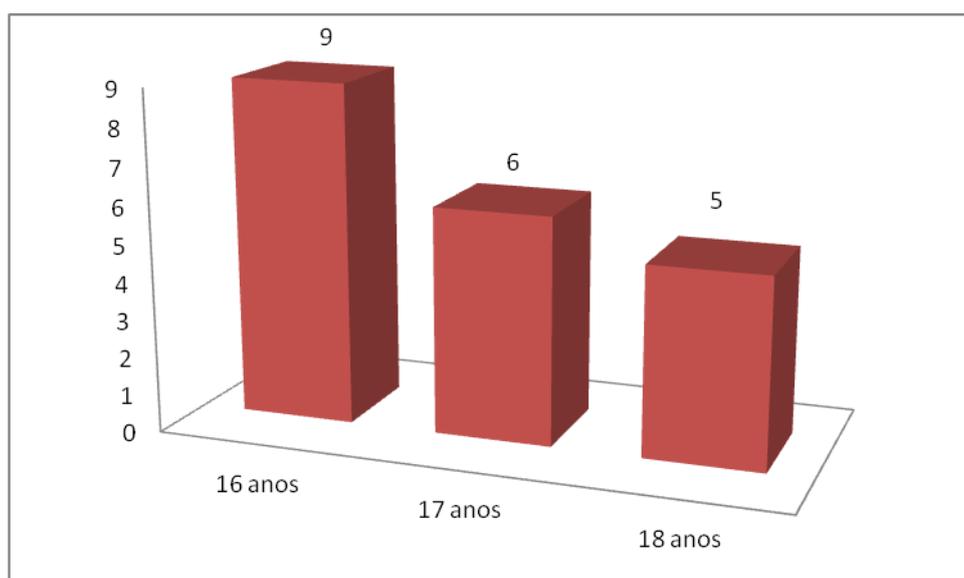


Fonte: DUARTE, 2013.

O gráfico 6 apresenta o número de mulheres e homens que responderam a pesquisa, 65% e 35%, respectivamente.

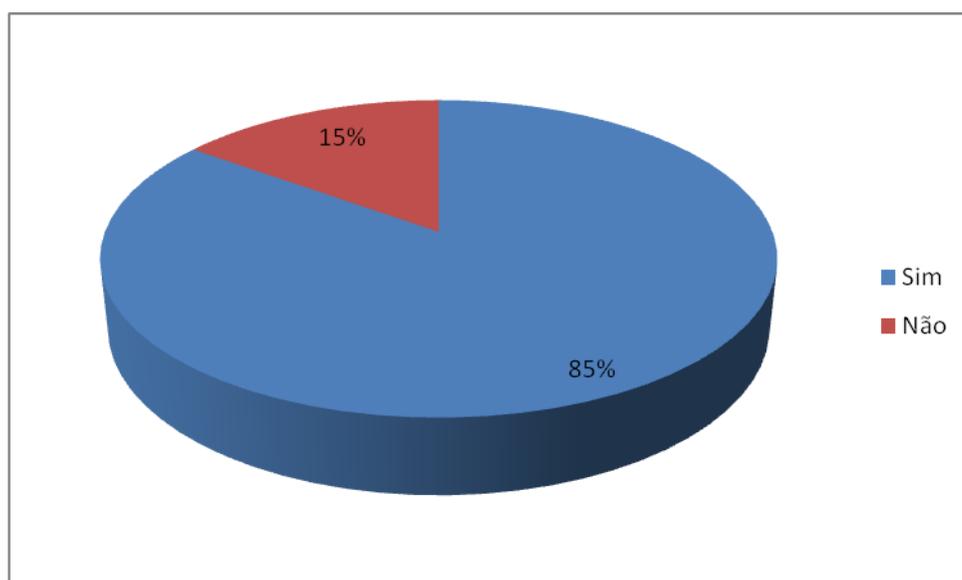
A idade dos respondentes variou entre 16 a 18 anos, conforme gráfico abaixo.

Gráfico 6 – Idade dos participantes da pesquisa.



Fonte: DUARTE, 2013.

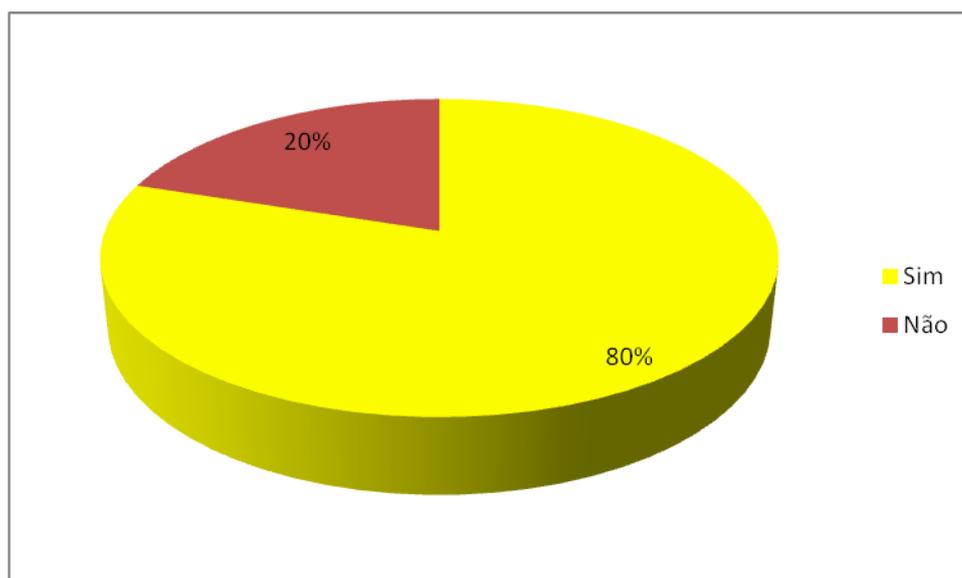
Gráfico 7 – Pergunta 1: Você gosta de ler?



Fonte: DUARTE, 2013.

No gráfico 8, a pergunta sobre o hábito de leitura é para confrontar com os dados sobre o uso da biblioteca. A pergunta é ampla, justamente para abarcar outros tipos de leitura fora o livro impresso. Além dos livros, foram apontados blog, sites de notícias, *Facebook*, *fanfictions*, gibis, mangás.

Gráfico 8 - Você leu algum livro nos últimos três meses?



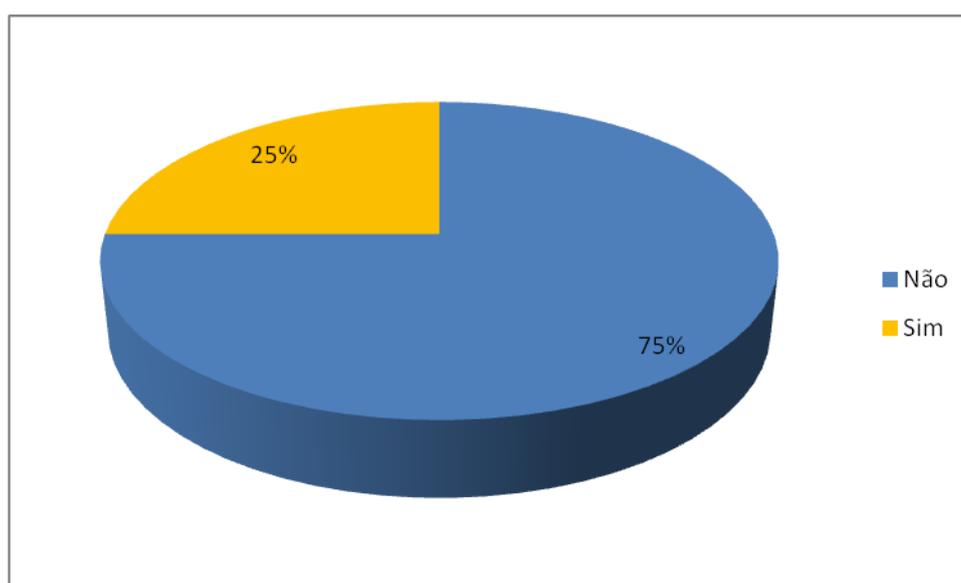
Fonte: DUARTE, 2013.

Percebe-se que existe ainda a procura pelo livro nesta fase, embora podendo inferir que neste caso, a cobrança de livros para provas escolares e vestibulares aumente este número, o que não deixa de ser importante.

Os livros lidos citados pelos estudantes foram: Retalhos, Saga os Imortais, Diário de Anne Frank, O mundo de Sofia, Desapego, Chamado a orar, Crepúsculo dos ídolos, Sobrenatural, O diário de um vampiro, O pequeno príncipe, A menina que roubava livros, A cabana, Um dia, O segredo de Hitler.

Deve-se ressaltar que nenhum livro de literatura brasileira foi citado pelos estudantes entrevistados. Grande parte dos livros citados tem ou terão adaptações cinematográficas.

Gráfico 9 - Seus pais/responsáveis/familiares já comentaram algo sobre bibliotecas com você?

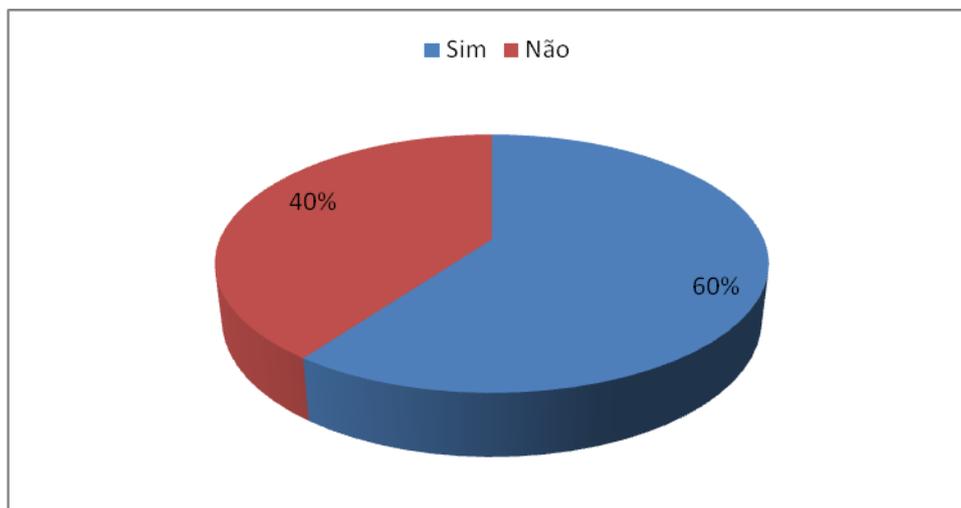


Fonte: DUARTE, 2013.

No gráfico 10, apresenta-se os dados a respeito da participação das famílias na construção das imagens sobre biblioteca. Apenas 25% da amostra possui algum tipo de diálogo familiar a respeito da biblioteca.

No gráfico 11, é possível notar que 60% dos estudantes tiveram experiências na biblioteca quando criança. Tais informações serão melhor exploradas no DSC.

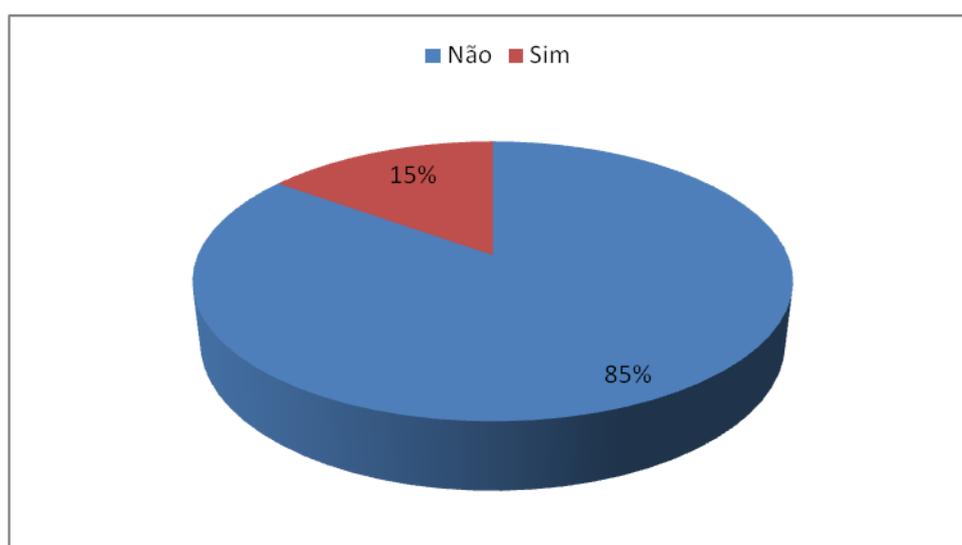
Gráfico 10 - Você teve experiências em bibliotecas quando criança?



Fonte: DUARTE, 2013.

O uso de outros espaços informacionais é muito baixo, conforme gráfico 12, não faz parte da realidade de 85% dos estudantes.

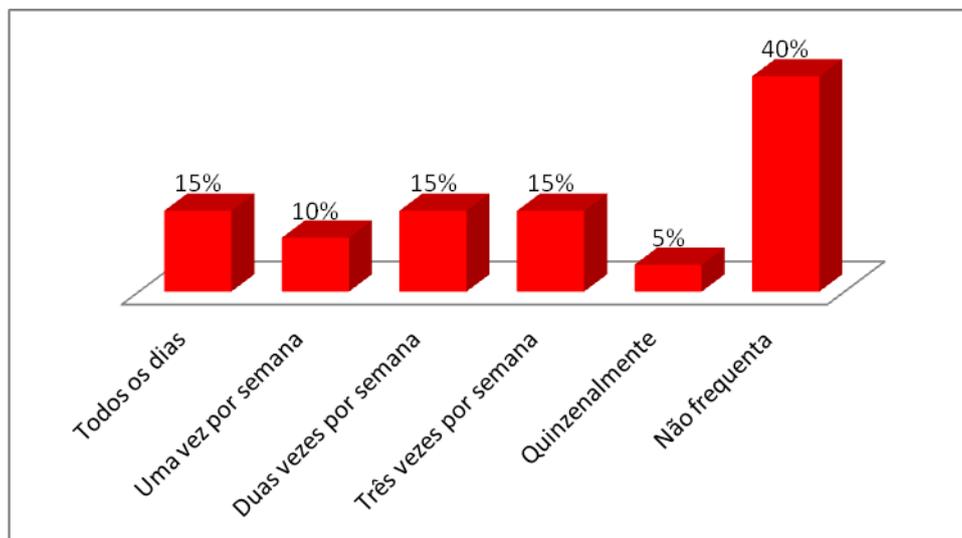
Gráfico 11 - Você frequenta outras bibliotecas?



Fonte: DUARTE, 2013.

A frequência em na biblioteca da escola, varia entre todos os dias, duas ou três vezes por semana, com 15% dos alunos, quinzenalmente 5% e 40% dos estudantes não frequentam o espaço.

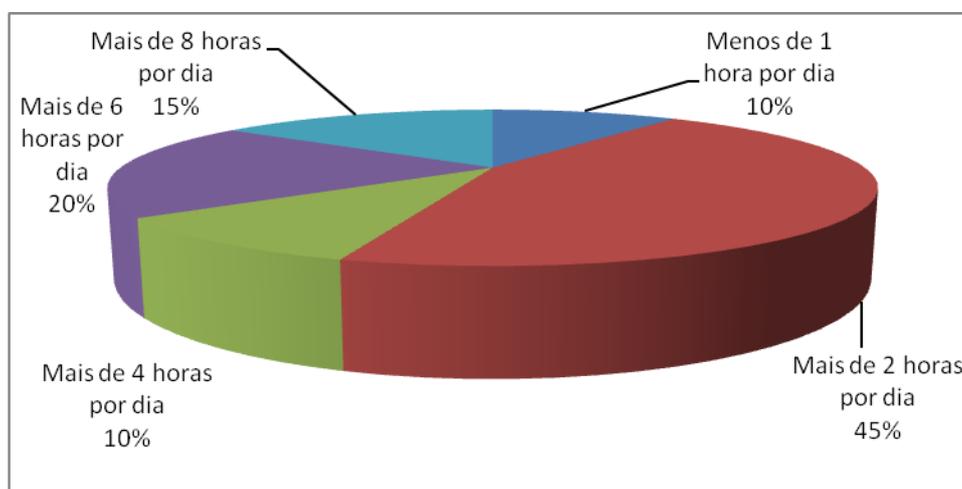
Gráfico 12 - Você costuma ir na biblioteca de sua escola?



Fonte: DUARTE, 2013.

O tempo conectado a internet destes estudantes variam em menos de uma hora por dia e mais de quatro horas por dia (10%), mais de oito horas por dia (15%) em mais de seis horas por dia (20%) e 45 % ficam mais de duas horas por dia.

Gráfico 13 - Quanto tempo você fica conectado na internet?



Fonte: DUARTE, 2013.

Os estudantes, após responderem o questionário, eram convidados a participarem da entrevista. Inicialmente, foi exposto o propósito da pesquisa, explicou-se sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, falava-se da gravação em áudio e abria espaço para perguntas.

5.5.2 DSC 1 – Aspectos sobre a percepção da biblioteca

A primeira pergunta era “O que vem em sua mente quando falam em biblioteca? O que te chama atenção quando está em uma?”

Obteve-se 9 tipos de ideias centrais na pergunta em questão. A referência da biblioteca como local de pesquisa se fez presente no imaginário de 36% dos estudantes pesquisados. O acervo, a referência ao livro, foi lembrada por 28%. A biblioteca como local ruim, ambiente de fuga ou sagrado, tiveram referência de 9%. Como local de espera e lembranças olfativas, 4,4% das respostas.

É possível notar no discurso sobre a referência ao acervo que possivelmente a imagem construída vem por meio do acesso aos livros. As generalizações “*todo livro que eu quero ler, tem*” ou por exemplo, “*quando a gente precisava ler algumas obras do PAS, o Alienista, eu ia procurar na biblioteca e tinha*”. A existência de um acervo que atenda as necessidades de informação dos estudantes pode contribuir para uma maior aproximação deles com a biblioteca. Também nota-se a referência familiar a respeito da função da biblioteca escolar.

Em contraponto com as referências positivas, no DSC que se refere à biblioteca como lugar ruim, os estudantes fizeram referências aos castigos, ao estado físico das obras e da sensação de tédio que o espaço desperta. É preciso, então, refletir sobre o tradicionalismo das atividades e da própria função da biblioteca escolar, para que seja possível renovar as sensações dos estudantes com algo que favoreça o aprendizado ao longo da vida.

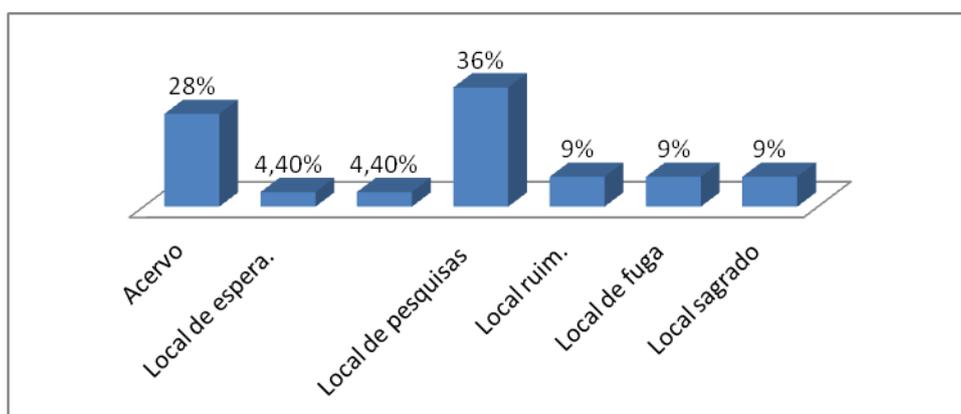
A sacralização do espaço da biblioteca é vista quando estudantes remeteram a imagem da biblioteca como lugar sagrado. Infere-se que tal

imagem, que refere a biblioteca como um livro, traz consigo a possibilidade uma postura mais austera do estudante dentro do espaço. Quando se tem “um monte de gente lendo em silêncio”, pode se restringir outras vivências no local e até o distanciamento deste estudante, caso ele não deseje tal tipo de experiência.

A biblioteca como local de fuga, pode mostrar a necessidade da escola possui um local com maior liberdade ao estudante. Às vezes, ele procura um ambiente que ele possa sentir-se livre: “Ninguém fica perguntando o que você tá fazendo lá”. O ócio vivido em uma biblioteca, de certa forma, pode levar o estudante a descobrir algo que o interesse e também deve ser pensado em aproveitar este tempo que ele está na biblioteca como algo produtivo, da mesma forma com os estudantes que usam a biblioteca como local de espera. As lembranças olfativas remetem a uma maior afetividade com o objeto do livro.

A biblioteca como local de pesquisa, teve seu discurso bem próximo ao do acervo. É mister aproveitar tais representações como “*tudo que você precisa, vai encontrar em uma biblioteca*” para que seja fortalecidas as convicções através de ações diretas neste aspecto. O quadro 2 apresenta os discursos coletivos de cada ideia central encontrada.

Gráfico 14 – Ideias centrais da pergunta 1: “O que vem em sua mente quando falam em biblioteca? O que te chama atenção quando está em uma?”



Fonte: DUARTE, 2015.

Quadro 3 – Discurso do sujeito coletivo sobre imagem da biblioteca (pergunta 1)

Pergunta 1: O que vem em sua mente quando falam em biblioteca? O que te chama atenção quando está em uma?	Ideia central	Discurso do sujeito coletivo / Expressões chaves (negrito)	Ancoragens (sublinhado)
	Acervo.	Eu gosto, principalmente aqui da escola, todo livro que eu quero ler tem , tem muitas opções. Eu falo bem demais até, da escola, da biblioteca, <i>mas tem outras que eu conheci não tinha quase nada ou então a gente nunca achava as coisas</i> . A biblioteca ajuda bastante. Ano passado, por exemplo, quando a gente precisava ler algumas obras do PAS, o Alienista, eu ia procurar na biblioteca e tinha . Às vezes a gente até acha na internet os livros, mas tem gente não gosta de ler na internet. Além disso, com os livros, você pode ter diversão e viajar sem sair do lugar. Desde cedo, meu pai também gosta muito de ler e sempre me mostrou os livros da biblioteca e ensinou que é lá onde eu tenho acesso a livro e gibis . Vem essa lembrança muito forte da infância... queria as bibliotecas de hoje fossem iguais a que tive.	
	Local de espera.	Quando eu era menor passava muito tempo na biblioteca dos colégios porque tinha que esperar várias vezes minha avó me buscar e ficava muito tempo lendo . Quando eu estava aqui no oitavo ano tinha de esperar porque saia 11h55, mas o ônibus passou a me buscar as 12h40, então eu sempre ficava aqui e li vários livros e desde então de sair da aula e passar um tempinho aqui... dá paz .	
	Local sagrado.	Um monte de gente lendo em silêncio. Biblioteca tipo... parece uma igreja, silenciosa . Biblioteca deve vir de bíblia, né?. Porque bíblia é o livro sagrado. <u><i>A biblioteca é um lugar sagrado.</i></u>	Sacralização da biblioteca.
	Lembranças olfativas.	Desde quando eu comecei a ler os livros tem um cheiro muito diferente . É um cheiro bom quando o livro é novo. Adoro passar o tempo lendo e sentindo o cheiro do livro. Bibliotecas me remetem a esse tipo de sensação...	

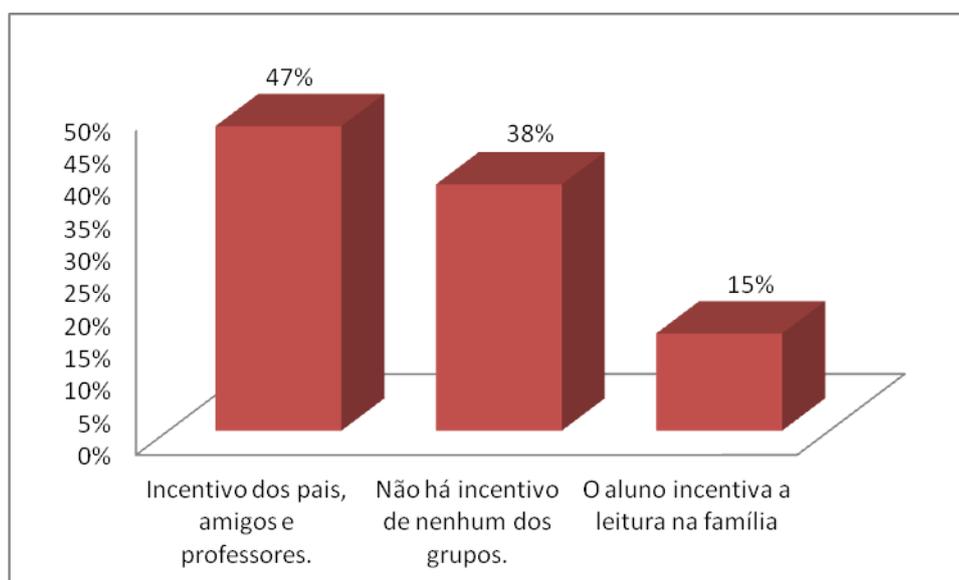
Pergunta 1: O que vem em sua mente quando falam em biblioteca? O que te chama atenção quando está em uma?	Ideia central	Discurso do sujeito coletivo / Expressões chaves (negrito)	Ancoragens (sublinhado)
	Local de pesquisa	<p>É um ambiente que você vai para fazer suas pesquisas, <u>tudo que você precisa, vai encontrar em uma biblioteca.</u> E um lugar onde tem bastante conhecimento, basta você querer se interessar. Tipo... lá tem muitas coisas que eu não sei, aí eu vou lá mais por curiosidade para eu saber muito mais, tirar dúvidas... É uma local de conhecimento, de aprendizado porque as vezes na Internet não tem o que você vai ver num livro na biblioteca tipo, é mais específico, sabe. Lá você se mantém mais focado. Nos tempos de internet, ter uma biblioteca é uma mordomia, já que é um lugar próprio para estudar, tem muito silêncio, a gente consegue pensar, consegue desenvolver um aprendizado, de ter algumas informações que de alguns temas que não estão na internet. Especificamente é um bom lugar para estudar.</p>	A biblioteca atende as necessidades de informação do indivíduo.
	Local ruim.	<p>Lembra livro. Castigo. Coisa velha. Eu não acho legal. Sei lá, não tenho o hábito de ficar... indo por diversão. Vou lá para fazer trabalho. Não frequento porque gosto...eu acho entediante. Só tem livro... Livro, não tem mais nada lá além disso.</p>	
	Local de fuga.	<p>De vez em quando falar a verdade eu vou só para sair da sala de aula ou de casa. Ninguém fica perguntando o que você tá fazendo lá. Eu vou de vez em quando mesmo só para passar o tempo da sala, quando eu vou é só mesmo para sair da sala de aula e ficar lá de boa.</p>	

5.5.3 DSC 2 – Aspectos relacionados aos grupos de convivência do estudante

No que se diz respeito a pergunta “Sua família, amigos ou professores falaram ou falam com você sobre a biblioteca?” a intenção era captar a influência dos grupos em que grande parte dos estudantes fazem parte sobre a questão da biblioteca. Na construção das representações sociais, a comunidade na qual o indivíduo está inserido, tem participação neste processo.

O gráfico 18 apresenta as ideias centrais da fala dos estudantes relacionada ao incentivo dos diferentes grupos:

Gráfico 15 - Ideias centrais da pergunta 2 - “Sua família, amigos ou professores falaram ou falam com você sobre a biblioteca?”



Fonte: DUARTE, 2015.

A influência dos pais esteve presente em 45% das falas. Nota-se o incentivo, mesmo quando os alunos alegam que os pais não leem. Os familiares são fundamentais neste processo de construção das RS, pois ao utilizar a comparação entre a realidade atual e as experiências vividas cria-se um elo maior entre as famílias e torna possível o entendimento do papel da biblioteca no aprendizado.

O professor, quando incentiva o uso da biblioteca e contextualiza com o conhecimento de sala de aula é lembrado, por exemplo, “*Os professores falam, com certeza, toda vez que tem trabalho fala... antes de ir pra internet, gente, procura no*

livro, vai na biblioteca.” Porém, este profissional que deveria ter um papel mais significativo por estar diretamente ligado às questões educativas, nesta amostra, demonstrou ter uma passiva. As falas “A gente só olha no Google e coloca lá no trabalho, imprime e leva pro professor. Professor nem lê os trabalhos que a gente faz, e nem incentiva a pesquisar na biblioteca” mostram certa negligência com a prática da pesquisa escolar.

Nos discursos onde o estudante não tem estímulo da família, ele se torna agente de incentivo às práticas de leitura (15% dos discursos), como por exemplo *“Levei livros de romance pra minha irmã e minha mãe acabou lendo também... mas a iniciativa não partiu deles, assim, sabe... sou eu que tenho contato na escola e levo pra casa... Vamos ver se eu incentivo eles a ler”* ou *“Família comenta pouco, bem pouquinho mesmo de livro, mas fala que é importante ler, por exemplo, eles perguntam “ah, você gosta de biblioteca?” Porque eu sempre apareço com livro em casa e eu gosto de comentar com eles sobre as coisas que temos aqui”*.

Os amigos, neste caso quando possuem hábito de leitura, comentam e compartilham informações entre si. Tais experiências intensificam a imagem da biblioteca e do livro a partir dessas vivências trocadas.

Na pergunta 3 “O que você já viu na TV, jornais ou na internet sobre bibliotecas?” foram encontrados no discurso questões como aspectos negativos da escola e da biblioteca, imagens de redes sociais, reportagens, eventos literários e pessoas que obtiveram sucesso por meio de estudo.

No quadro 3, apresenta-se o discurso correspondente a cada ideia central encontrada.

Quadro 4 - Discurso do sujeito coletivo sobre a participação família, professores e amigos no incentivo do uso da biblioteca.

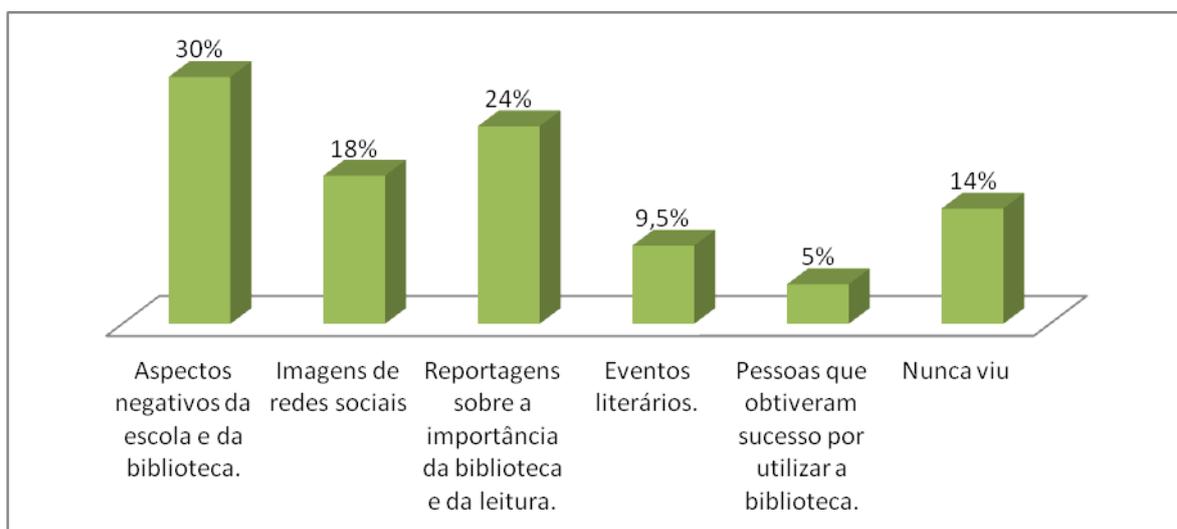
Pergunta 2: Sua família, amigos ou professores já falaram ou falam com você sobre a biblioteca?	Ideia central	Discurso do sujeito coletivo / Expressões chaves (negrito)	Ancoragens (sublinhado)
	Incentivo dos pais, amigos e professores.	<p>A minha mãe não lê, ela sempre fala, “é bom que você leia”, assim, lá em casa, só eu mesmo que leio. E tenho amigos, tipo essa aqui (abraça a colega), que lê também. Então a gente está sempre na biblioteca, comentando com os amigos e tal. Dois ou três amigos que gostam de ler e falam muito de biblioteca e me chamam... A gente conversa muito sobre biblioteca, das novidades que a gente encontra, tipo clube do livro... Tem uma amiga mesmo que quase toda semana e ela vai para a biblioteca para estudar e tudo o mais e ela sempre chama. <i>Meus pais falam que devo procurar mais coisas em bibliotecas, que é uma forma mais tradicional do que ficar sempre na internet</i>, porque na biblioteca porque você vai aprender, a buscar mais, tem que ler antes de saber se é o assunto que você tá procurando, na internet você coloca o tema e já aparece tudo. Eles falam que eles gostavam muito de ficar lá na biblioteca e sempre comentavam a diferença com o lance da internet. Que eles tinham de ir pegar uma enciclopédia, copiar as coisas em folha pautada e era mais difícil. Hoje com a internet é muito mais fácil. Você tem sempre informação. Eles falam que pra estudar tenho que ir para a biblioteca, pois hoje a gente só olha no Google e coloca lá no trabalho, imprime e leva pro professor. Os professores falam, com certeza, toda vez que tem trabalho fala... antes de ir pra internet, gente, procura no livro, vai na biblioteca. E em especial na escola que eu estudo, então o aluno tem muito mais influência com livros, com leituras, com algo mais focado para o para o Enem, é um aluno que sempre esta cumprindo com a literatura, então os amigos sempre comentam. Professor sempre tá incentivando.</p>	Professor não lê os trabalhos.
	O aluno incentiva a leitura na família	<p>Eles perguntam “ah, você gosta de biblioteca?” Porque eu sempre apareço com livro em casa e eu gosto de comentar com eles sobre as coisas que temos aqui. Como a maioria dos alunos frequentam a biblioteca, todo mundo acaba comentando, se interessando, e a família vendo isso, até começa a se interessar. Levei livros de romance pra minha irmã e minha mãe acabou lendo também... mas a iniciativa não partiu deles, assim, sabe... sou eu que tenho contato na escola e levo pra casa... Vamos ver se eu incentivo eles a ler.</p>	

Pergunta 2: Sua família, amigos ou professores já falaram ou falam com você sobre a biblioteca?	Ideia central	Discurso do sujeito coletivo / Expressões chaves (negrito)	Ancoragens (sublinhado)
	Não há incentivo nenhum dos grupos.	<p>Meus pais nunca falam nada e nem gostam de ler. Tudo é só <i>novela e Globo...</i> Esse negócio de leitura não é com eles. Meus pais não entendem nada de livro, de biblioteca, então não falam nada. Ninguém na minha família fala nada sobre isso. Normalmente meus amigos também, porque nem todos se interessam por livros, tão querendo outras coisas... os outros não gostam de biblioteca, só zoar. Professor então... Fala nada. <u><i>Professor só manda fazer trabalho, mas falar de biblioteca, de pesquisa, não. Hoje em dia a gente está na sala o professor mesmo fala, “pega seu celular e pesquisa”, nem lembra mais que tem biblioteca na escola. Professor nem lê os trabalhos que a gente faz, e nem incentiva a pesquisar na biblioteca.</i></u> Professor não comenta muito não, não comenta nada. Quando os professores tem costume de pedir para a gente ler algum livro eles pedem para a biblioteca trazer a gente pega na sala mesmo.</p>	Professor não incentiva o uso da biblioteca e em a prática de pesquisa.

5.5.4 DSC 3 – Aspectos relacionados à influência da mídia na construção de representações sociais.

Neste quesito, obteve-se 6 ideias centrais nos discursos proferidos, conforme gráfico abaixo:

Gráfico 16 - Ideias centrais da pergunta 3 “O que você já viu na TV, jornais ou na internet sobre bibliotecas?”



Fonte: DUARTE, 2015.

A respeito dos aspectos negativos, que esteve presente em 30% das falas, é possível perceber que parte dos estudantes acompanham a situação das bibliotecas no Distrito Federal, contudo, tais notícias geram o sentimento de repulsa e de distanciamento, como se apresenta na seguinte fala “ *só falando de coisas ruins. De falta de livros, de pessoas que não leem, mas é muito raramente. Não dá nem vontade de ir*”.

No que tange as imagens de redes sociais, presente em 18% dos discursos, os estudantes afirmam que veem fotos de bibliotecas mais bonitas do mundo, de campanhas que incentivam a intelectualidade e quadrinhos que falam de livros e bibliotecas.

As reportagens apresentadas em 24% do discurso mostra a importância de se fazer campanhas de incentivo a leitura e divulgar eventos literários, como a Bienal

do Livro. Tais iniciativas midiáticas podem ter impacto na consolidação da imagem sobre a biblioteca, desde que a realidade do estudante reforce os estímulos positivos, servindo de caráter motivador para uso efetivo do espaço.

O exemplo de estudantes que tem destaque em exames de seleção para universidades e que vinculam o estudo e a biblioteca como fator importante lembrados em 9,5% dos diálogos, também colaboram para a resignificação da biblioteca para o estudante.

O quadro 4 apresenta os discursos completos sobre a mídia e a imagem da biblioteca.

Quadro 5 - Discurso do sujeito coletivo sobre a participação da mídia na construção das RS

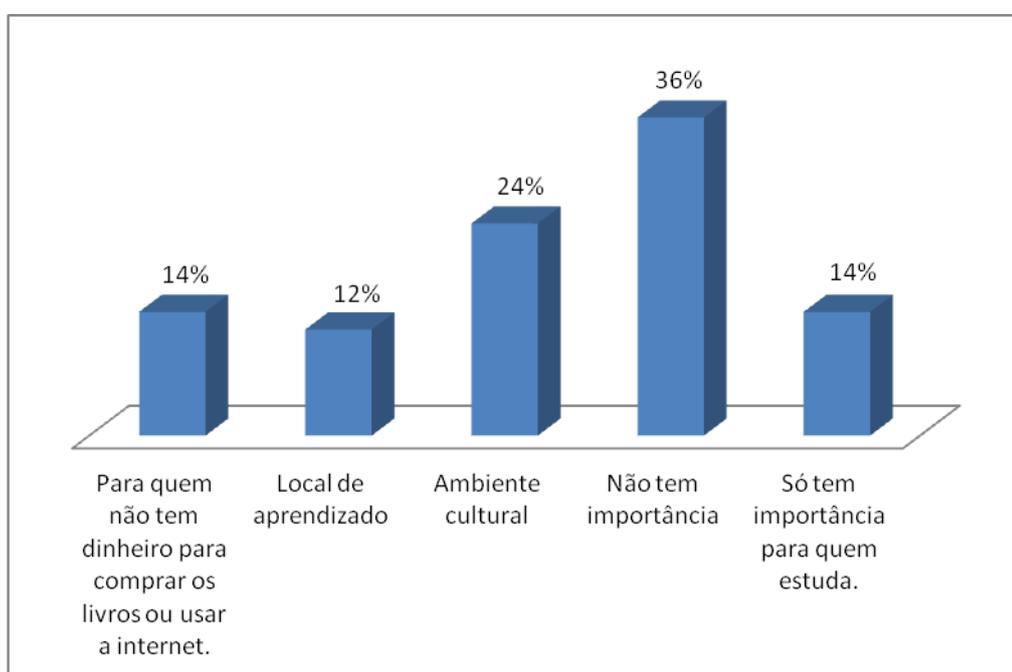
Pergunta 3: O que você já viu na TV, jornais ou na internet sobre bibliotecas?	Ideia central	Discurso do sujeito coletivo / Expressões chaves (negrito)	Ancoragens (sublinhado)
	Aspectos negativos da escola e da biblioteca.	Que eu me lembre, é só falando de coisas ruins. De falta de livros, de pessoas que não leem. Não dá nem vontade de ir. Eu vi na TV que falam que a bibliotecas de Brasília são descuidadas, não tem uma qualidade. É uma biblioteca basicamente dessa daqui né? Vi também da biblioteca demonstrativa, que está fechada por causa da reforma, porque a biblioteca tinha infiltrações, essas coisas. Vejo na televisão sobre biblioteca é que falta livro. É muita desorganização, que não funciona, os alunos não podem nada, que tem livro em armário... Principalmente as bibliotecas das cidades- satélites, assim que é... Também vejo que falam que a educação tá ruim é porque não se incentiva a leitura e não pagam bem os professores. A biblioteca é sempre comentada, pois não funciona nas escolas.	As reportagens na TV fazem os alunos perderem o interesse de ir à biblioteca.
	Imagens de redes sociais	Vejo falando a respeito de bibliotecas mais bonitas do mundo na internet. Muito quadrinho de biblioteca, de livro, de gente burra porque não lê, no facebook. Vi uma do bombado e do inteligente porque um malhava o corpo e o outro o cérebro. Na TV nunca vi... Na TV não. Eu vejo na internet os quadrinhos do Armadinho e ele já falou de livro, de biblioteca.	
	Reportagens sobre a importância da biblioteca e da leitura.	Às vezes passa reportagem, no jornal sobre a importância da leitura, da biblioteca nas escolas... O que eu vi no máximo foi na globo. <u>Eu já vi uma reportagem que estava incentivando a leitura e eu acho ruim porque não fazem tantas campanhas para incentivar a leitura e isso é muito ruim.</u> Já vi, por exemplo, ah, a biblioteca tal recebeu tantos livros de doação... Tanto de verba do governo para comprar livros, essas coisas assim, mas nunca mais detalhado, por dentro assim do que acontece de legal. Eu só vi de bibliotecas sendo reformadas e tal. A gente sempre vê notícias sobre inauguração de bibliotecas, novos acervos, novos livros, sempre a gente vê.	Não há muitas campanhas de incentivo à leitura.

Pergunta 3: O que você já viu na TV, jornais ou na internet sobre bibliotecas?	Ideia central	Discurso do sujeito coletivo / Expressões chaves (grifos)	Ancoragens.
	Eventos literários.	Já vi passando na televisão sobre a Bienal, acho que é exposição de livros, né, teve uma vez que eu dei uma pesquisadinha já para saber o que era essa bienal, até cheguei a ir, faz um tempinho já. Sempre divulgam na TV.	
	Pessoas que obtiveram sucesso por utilizar a biblioteca.	A única coisa que eu vi sobre a biblioteca foi do menino que passou no Enem que ficava na biblioteca estudando sempre... <u>Dá até vontade de estudar, fico motivado.</u>	Motivação causada pelo sucesso de pessoas que estudam.

5.5.5 DSC 4 – Importância da biblioteca para a sociedade

Ao serem questionados a respeito da importância da biblioteca na sociedade, no intuito de conhecerem as intenções futuras de uso do espaço informacional, foram encontradas as seguintes ideias centrais nos discursos, conforme gráfico abaixo:

Gráfico 17 – Ideias centrais sobre a importância da biblioteca para a sociedade



Fonte: DUARTE, 2015.

Em 36% dos discursos, há uma imagem de que a biblioteca não tem importância. Em outras falas, encontram-se afirmações de que existe importância apenas para quem estuda (14%), para quem não tem dinheiro para comprar livros e usar a internet (14%), ambiente cultural (24%), local de aprendizado (12%).

No discurso dos estudantes a respeito da biblioteca como local de acesso à informação às pessoas sem recursos ou que não dispõem de acesso à internet, este espaço é notado como um local de referência no uso da informação como se observa na fala “a biblioteca deveria ser esse lugar que a gente encontra tudo que precisa.”.

No que se refere como local de aprendizado, o discurso apresenta a imagem da biblioteca como um local aberto e receptivo a todos, como explícito na fala “Biblioteca é importante porque é um local onde todas as pessoas podem ir, sem preconceito para aprender”, também apresenta indagações sobre o acesso apenas às pessoas da escola, já que os próprios estudantes não sabem onde tem outra biblioteca “Eu acho que a biblioteca devia ser acessível para o pessoal de fora também porque geralmente o único lugar que aparece livro para ler é a escola, e depois que você se forma não pode mais pegar livros.”.

Também é possível notar a consciência a respeito da atualização para obter novas oportunidades, como explicitado no seguinte extrato “Quem não estuda, deveria usar a biblioteca para adquirir mais conhecimento pra ter melhores possibilidades pra a gente aprender outras coisas e ter outras oportunidades de trabalho”. Com bibliotecas públicas mais atuantes é possível que tal realidade se torne mais concreta no Distrito Federal.

Sobre a questão cultural, os discursos dos estudantes cobram uma posição mais atuante da biblioteca escolar, expandido sua atuação para questões além do livro e da leitura, para um espaço que promova o acesso à cultura, além de ser um local de interação social.

Sobre a falta de importância citada na fala dos estudantes, muitos atribuem o celular como ferramenta de acesso à informação e falam da visão de que algumas pessoas atribuem aos meios de comunicação como único canal informativo, além de acreditarem na falta do hábito de leitura do brasileiro, conseqüentemente o deles mesmo. Para outros, a importância da biblioteca é apenas para quem está em fase escolar, mostrando, talvez a falta de compreensão da informação para a evolução do indivíduo. No quadro 5, são apresentados os discursos de cada ideia central citada, detalhando cada ideia central revelada.

Quadro 6- Discurso do sujeito coletivo sobre a importância da biblioteca nos dias atuais

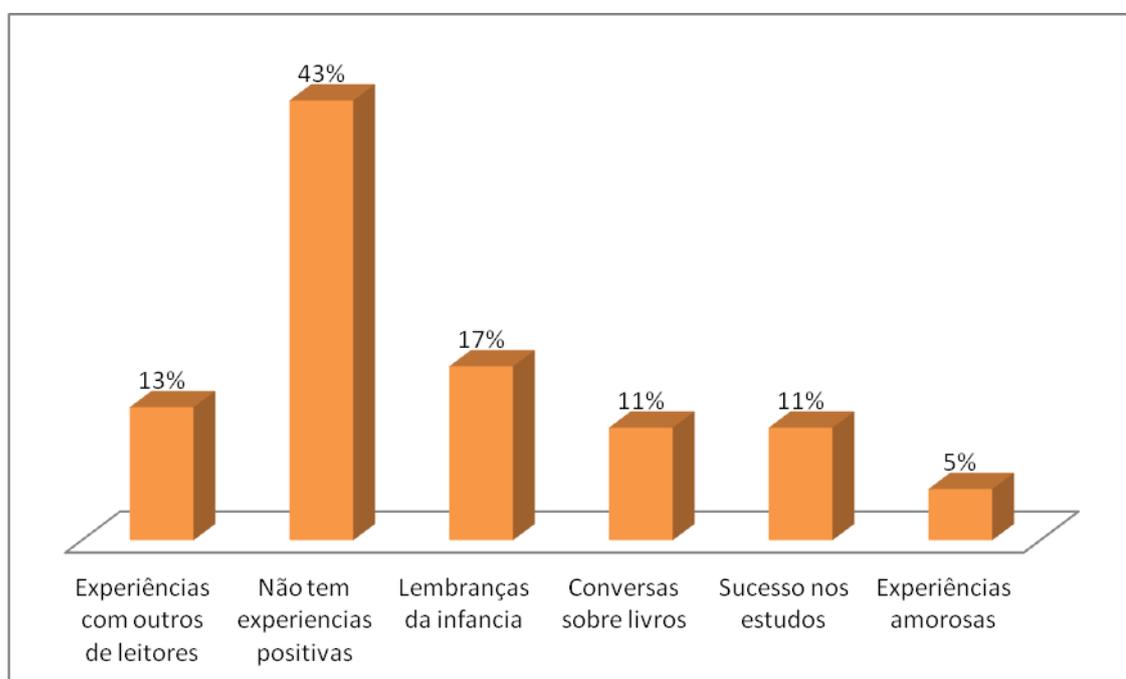
Pergunta 4: Qual a importância da biblioteca na sociedade atual?	Ideia central	Discurso do sujeito coletivo / Expressões chaves (negrito)	Ancoragens (sublinhado)
	Para quem não tem dinheiro para comprar os livros ou usar a internet.	Ah, interessante, porque tem gente que, tipo, não pode comprar livro aí elas chegam lá e lê, aí vai que elas comecem e passem a gostar. Só que eu não sei onde tem outra biblioteca sem ser a da escola. Pra quem não tem dinheiro pra ir na lan house, pra comprar livro pra concurso, a biblioteca deveria ser esse lugar que a gente encontra tudo que precisa. Aqui, pelo menos a biblioteca da escola tem muita coisa boa, mas muita coisa boa mesmo, não só livros didáticos que são mais usados, como livros de diversão mesmo. Poderia ter mais divulgação das bibliotecas que tem para poder ajudar quem não tem os livros em casa, não tem acesso à internet. É caro, não tem livraria aqui perto.	A biblioteca deveria ser o local de encontrar as informações necessárias.
	Local de aprendizado	Biblioteca é importante porque é um local onde todas as pessoas podem ir, sem preconceito para aprender. <u>Ela é aberta pra todo mundo sentar lá e lê, é só querer.</u> É muito importante você pegar um jornal, uma notícia, uma coisa assim e ler, você entende mais sobre o mundo e para isso não é preciso estar na escola. Eu acho que a biblioteca devia ser acessível para o pessoal de fora também porque geralmente o único lugar que aparece livro para ler é a escola, e depois que você se forma não pode mais pegar livros. Tinha uma biblioteca para todo mundo, mas não abre mais, não funciona mais e também não tinha muitos livros. Então <u>eu acho que a da escola devia ser sim aberta ao público até porque aqui tem muito livro, livros muito bons, muito bons.</u> A gente não pode parar de estudar. Eu até já indiquei para minha irmã, falo para ela às vezes vir aqui me trazer alguma coisa e dar uma “entradinha” para olhar ver os livros que tem, aí se ela quiser eu pego no meu nome para ela. <u>Quem não estuda, deveria usar a biblioteca para adquirir mais conhecimento pra ter melhores possibilidades pra a gente aprender outras coisas e ter outras oportunidades de trabalho.</u> Porque a biblioteca fornece vários meios de explicações com os livros e tem o que gente precisa, né? Para fazer concurso, para estudar em casa, porque acho que nem tudo é verdade na internet. Pras pessoas que não estão na escola, tem que ter um local pra ter informação de confiança. Tem muita informação boa. Sobre muitos assuntos. O professor, chefe, qualquer pessoa que mande na gente não é dono da verdade, a gente tem que buscar informação de outros lugares. E fora da escola a gente precisa se manter informado.	A biblioteca é um local que recebe todas as pessoas. A biblioteca escolar deve ser aberta ao público. O indivíduo que não estuda deveria utilizar a biblioteca para aprender.

Pergunta 4: Qual a importância da biblioteca na sociedade atual?	Ideia central	Discurso do sujeito coletivo / Expressões chaves (negrito)	Ancoragens (sublinhado)
	Ambiente cultural	<p>Tem uma biblioteca de bairro em Taguatinga que tinha um teatrinho perto e a gente que não estudava na escola podia participar também, era massa. A biblioteca sempre divulgava e fazia coisas além de livro, de leitura. Ela é importante por isso. Bom, eu penso que a biblioteca é um grande aprendizado, <u>e nessa sociedade hoje que a gente vive, tão integrada na internet, tão afastada da leitura, a biblioteca ela serve como um meio conector.</u> Pessoas se encontram, pessoas pegam livros, <u>estimulam o hábito da leitura que está tão esquecido na sociedade atual, e começa a estimular esse hábito. Por isso que as bibliotecas são tão necessárias.</u></p>	<p>A biblioteca é um meio conector entre as pessoas.</p> <p>O hábito de leitura está esquecido.</p>
	Não tem importância	<p><u>Eu acho que está com pouca importância para as pessoas porque agora tem celular, não vai se interessar ir fazer o trabalho na biblioteca, procurar... Pode deixar no celular, entendeu? O professor manda a gente pesquisar no celular, mas não manda ler livro. Imagina para quem não estuda... Uns acham que não tem importância, porque já que não precisam de nada, acham que só a televisão já é uma boa informação para eles. Não tem importância. A gente é obrigado a ler os livros e depois que sai da escola, se livra disso. As pessoas no geral podem gostar de ler, só que não fazem, e não querem aprender nada. Porque a maioria da população ela pouco se importa em buscar conhecimento. <u>O brasileiro não gosta de estudar. O brasileiro é isso.</u></u></p>	<p>O celular é uma fonte de informação.</p> <p>A televisão é uma fonte de informação.</p> <p>O brasileiro não gosta de estudar.</p>
	Só tem importância para quem estuda.	<p>Acho que serve só para quem estuda. Quem tá fora da escola só quer saber de trabalhar. Só serve para quem quer estudar ou para quem está na faculdade.</p>	

5.5.6 DSC 5 – Experiências positivas na biblioteca

O gráfico 21, apresenta as ideias centrais da pergunta “Você se recorda de alguma experiência positiva na biblioteca?”, onde foram expostas as seguintes situações: experiências com outros leitores (13%), não tem experiências positivas (43%), lembranças da infância (17%), conversas sobre livros (11%), sucesso nos estudos (11%) e experiências amorosas (5%).

Gráfico 18 – Ideias centrais a respeito das experiências positivas do estudante na biblioteca



Fonte: DUARTE, 2015.

A maior parte dos discursos apresenta a falta de experiências positivas na biblioteca (43%), alegando que a biblioteca “sempre serviu pra pegar e devolver livro... Isso quando tinha o que eu queria ler.” Mostra certo tradicionalismo às funções desempenhadas na biblioteca que não contempla outros interesses dos estudantes, como um espaço lúdico, por exemplo.

As lembranças da infância, que foram apontadas em 17% dos discursos, remetem mais ao ambiente lúdico e infantil da biblioteca. O mobiliário colorido e a contação de histórias foram marcantes para que isso fosse marcante como experiência positiva. Repensar o ambiente da biblioteca também para um público de

ensino médio, pode começar surtir efeito para vivências no ambiente.

As conversas sobre os livros, apresentadas em 11% dos discursos, apresentam também a interação com o profissional da biblioteca e a sua influência no que diz respeito à formação leitora dos estudantes.

A conquista de bons resultados individuais conseguidos por meio dos momentos de estudo, criam uma vinculação afetiva com espaço da biblioteca e ressignifica seu papel na vida do estudante, presente em 11% dos discursos e reafirmadas na seguinte fala *“quando tô estudando neste espaço e aprendo as coisas, são experiências muito lucrativas, muito mesmo, são experiências que a gente leva para a vida, livros que a gente leu na infância, as coisas que a gente acha difícil e quando se dedica, consegue aprender.”*

No quadro da página seguinte, é possível observar os discursos de cada ideia central citada.

Quadro 7 – Discursos do sujeito coletivo sobre as experiências positivas na biblioteca.

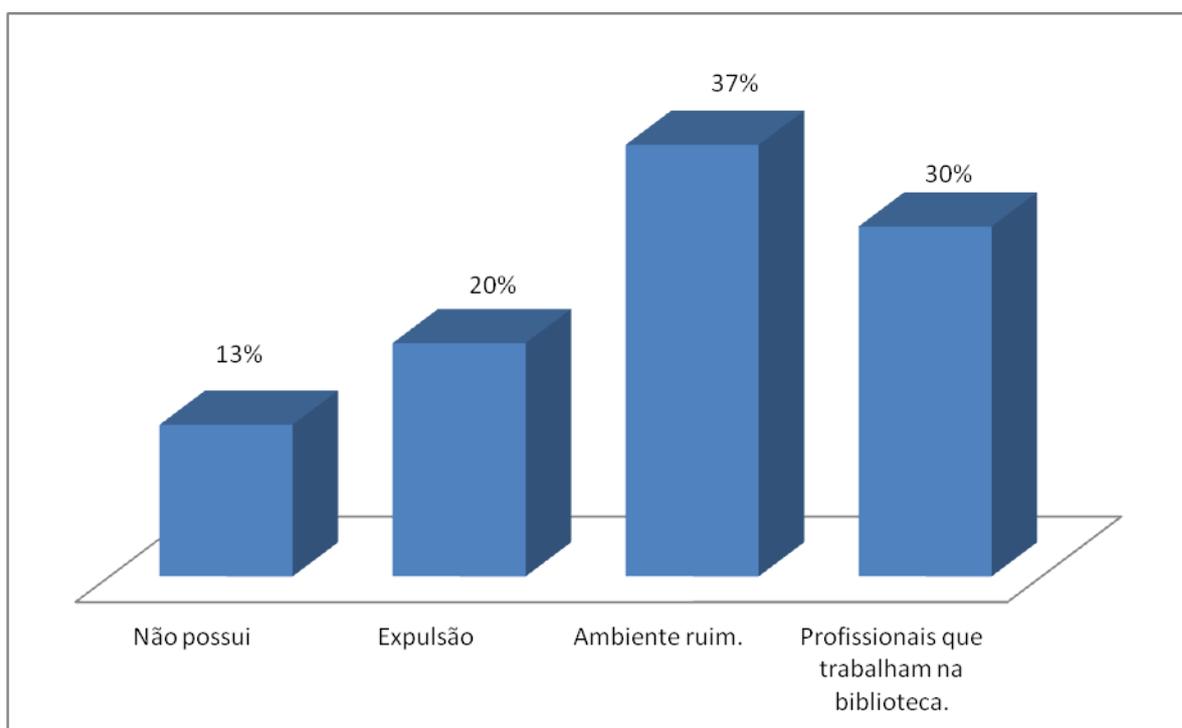
	Ideia central	Discurso do sujeito coletivo / Expressões chaves (negrito)	Ancoragens (sublinhado)
Pergunta 5: Você se recorda de alguma experiência positiva na biblioteca?	Experiência com outros de leitores	Eu acho que no sexto ano eu estava na escola, mas na biblioteca do outro e tinha uma pessoa cega e ela estava lendo em Braille e comecei a conversar com ela e achei muito legal porque era uma coisa que nunca tinha visto antes e diferente e tinha lá vários livros e materiais e eram os mesmo livros que eu já tinha lido então dava para conversar com ela sobre coisas... sobre leitura que ela não conseguia, assim, arrumar mas ela lia em Braille. Eu... Eu conheci pessoas que realmente gostavam de ler.	
	Não tem experiências positivas	Não me lembro de nada em especial , Nenhuma experiência marcante. Não tive experiências boas. Só castigo mesmo. <u>Aqui sempre serviu pra pegar e devolver livro...</u> Isso quando tinha o que eu queria ler.	A função da biblioteca é emprestar livros.
	Lembranças da infância	A biblioteca da minha escola na infância era muito fofa . Bem decoradinha, com personagem, toda cheia de cor e as cadeirinhas eram pequenas, coloridas. E lá a gente ia para a professora contar histórias. Minha mãe nunca me contou história, mas a professora contava. Eu dormia às vezes porque era tão bom ouvir alguém lendo pra mim que eu queria estar em casa, no sofá com a minha mãe lendo... Sempre tinha alguma coisa na biblioteca. Coisas bonitas de olhar, sabe. Era um lugar tão bonito, tão colorido, que toda vez que ia eu ficava encantado. Eu morava na Ceilândia e quando eu estudei em uma escola particular, meu sonho era ter a carteirinha da biblioteca, lá você podia pegar o que você quisesse, aí eu gostava de lá, mas também a biblioteca era uma coisa incrível. Eu acho assim, igual eu te falei, eu gostava muito de ler gibi da Mônica, eu amava aquilo, lá tinha de tudo.	
	Conversas sobre livros e interação com os servidores da biblioteca.	Na escola que eu estudava, quase todo dia eu chegava atrasado. E quando você chega atrasado, tem que esperar o segundo horário, aí todo dia eu ia para a biblioteca e ficava conversando com a tiazinha lá, aí ela me indicava livros, a gente comentava sobre os livros que eu já tinha lido, ou que ela me indicava . A moça da biblioteca sempre me ajudava a encontrar os livros sobre o assunto e era muito bom. Ah, eu gosto bastante dos bibliotecários, dessa daqui e o que fica à tarde, teve um dia que eu cheguei aqui, não sabia o que ler, e pedi para ela e ela foi e falou o livro e eu passei a gostar da série.	

Pergunta 5: Você se recorda de alguma experiência positiva na biblioteca?	Ideia central	Discurso do sujeito coletivo / Expressões chaves (negrito)	Ancoragens (sublinhado)
	Sucesso nos estudos.	Acho que, às vezes, a hora de estudo em grupo na biblioteca é importante. Você estudar aquela questão e ela realmente cair na prova no outro dia acho que isso marca muito e já teve várias vezes que aconteceu isso. Quando tô estudando neste espaço e aprendo as coisas, são experiências muito lucrativas, muito, são experiências que a gente leva para a vida, livros que a gente leu na infância, as coisas que a gente acha difícil e quando se dedica, consegue aprender. É aqui que eu reforço tudo que eu aprendi.	
	Experiências amorosas.	Foi uma experiência bacana. Dei meu primeiro beijo.	

5.5.7 DSC 6 – Experiências negativas na biblioteca

A respeito das experiências negativas na biblioteca, as ideias centrais apresentadas foram os profissionais que trabalham na biblioteca (26%), o ambiente ruim (23%), expulsões (20%), multas e os que não tem experiências negativas 13% e comportamento inadequado com 5%.

Gráfico 19– Ideias centrais sobre experiências negativas na biblioteca



Fonte: DUARTE, 2015.

No que tange ao aspecto do profissional que trabalha na biblioteca, tópico principal apresentado no discurso, o estudante não compreende que nem toda a pessoa que está na biblioteca é bibliotecário, conforme *fala “E a única coisa ruim, às vezes, da biblioteca é a bibliotecária, o resto...”* ou por exemplo *“Nunca acho o livro e fico com raiva... E nunca a pessoa da biblioteca ajuda.”*. Percebe-se que tal situação acontece com regularidade para que se torne algo tão forte nos depoimentos coletados.

As expulsões também fizeram parte das experiências negativas. A sensação de afastamento, mesmo que por motivos cabíveis, gera um desconforto e também

um distanciamento do estudante com a biblioteca. É possível que ele, em seus depoimentos na sua comunidade, provoque no outro, a partir desta experiência ruim, a repulsa pelo espaço, como observado no que diz respeito ao ambiente.

A fala “Quando troquei de escola, a biblioteca era muito ruim, escura, bagunçada. Eu não gostava de ir lá, mesmo gostando de ler. Passei muito tempo sem ir, porque era muito feia” demonstra o quanto o espaço físico pode ser influente na aproximação dos estudantes. Um ambiente convidativo, jovial, respeitando os aspectos ergonômicos, garante uma maior adesão dos estudantes a frequentar o espaço da biblioteca.

O quadro 8 apresenta os discursos correspondentes às experiências negativas dos estudantes.

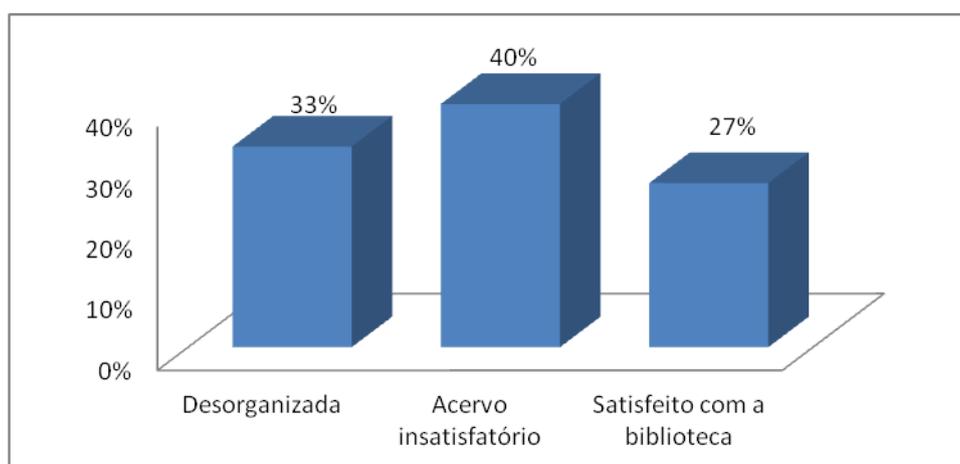
Quadro 8 – DSC correspondentes às experiências negativas na biblioteca

Pergunta 6: Você se recorda de alguma experiência negativa na biblioteca?	Ideia central	Discurso do sujeito coletivo / Expressões chaves (negrito)	Ancoragens (sublinhado)
	Não possui	Não, nunca fui de frequentar biblioteca. Não tenho experiências negativas, não.	
	Expulsão	Na biblioteca da LBV já... estava fazendo lá meus estudos e minha amiga do meu lado também estava, nós não estava conversando né? Estava na biblioteca e uma amiga fez uma pergunta. No momento em que ela me fez uma pergunta, uma mulher lá veio gritando, falando que nós estávamos atrapalhando o estudo dela, aí começou o bafafá, uma discussão, mas esse foi um momento ruim, um momento ruim eu acho, na biblioteca, nunca é bom ser expulso . Também teve uma vez quando estava na idade de 10 anos eu fui expulso da biblioteca. Eu coloquei o pé para uma criança cair e a mulher me deu um grito e me mandou embora. Uma vez eu quis ser expulso só da sala para eu ir para a biblioteca. Não. Acho que só bronca às vezes de grupo. Você está na biblioteca e está falando um pouco alto, coisa assim mas não foi coisa ruim porque é um local de leitura e tudo mais.	
	Ambiente ruim.	Quando troquei de escola, a biblioteca era muito ruim, escura, bagunçada. <i>Eu não gostava de ir lá, mesmo gostando de ler. Passei muito tempo sem ir, porque era muito feia. A estrutura da biblioteca não é boa para os alunos. Eu não encontro nada.</i> A biblioteca é chata. Tediosa. Só tem livro. <i>Na escola a gente só tem que saber de estudar e de ler? Não tem como ter boas experiências assim.</i>	
	Profissionais que trabalham na biblioteca.	E a única coisa ruim, às vezes, da biblioteca é a bibliotecária, o resto... É que às vezes elas não estão muito pacientes, sabe? Quando alguns alunos fazem bagunça elas ficam estressadas demais, tratam mal. Ai também tem uma situação constrangedora... quando eu pego um livro muito grande aí sai uma semana, eu fico com vergonha de renovar, a mulher olha com cara feia. Nunca acho o livro e fico com raiva... E nunca a pessoa da biblioteca ajuda.	

5.5.8 DSC 7 – Aspectos sobre a biblioteca da escola

Nos aspectos relacionados às experiências atuais, foram levantadas 3 ideias centrais: a desorganização (33%), o acervo insatisfatório (30%) e da satisfação com a biblioteca (27%).

Gráfico 20 – Ideias centrais sobre a biblioteca da escola



No que diz respeito à desorganização da biblioteca, os estudantes alegam que não encontram aquilo que desejam e não entendem a lógica de organização. Mostra-se a necessidade de um bibliotecário para que facilite o acesso à informação. Parece óbvio, contudo, não existem bibliotecários lotados em nenhuma escola pública do Distrito Federal.

O acervo insatisfatório deve-se não apenas pela falta de títulos na biblioteca, mas também pela falta de critério na seleção de obras do acervo, conforme a seguinte fala “*Você vê, olha esses livros, estão impecáveis, intocados, não tem nenhum que ninguém pegou para ler, de tão assim... chato. Eu acho que aluno aqui usa mais assim quando os professores pedem, por isso que tem muita repetição, ao invés de ter uns 5 livros de cada e ter mais variedade, tem 40, 50 livros iguais. Ninguém aguenta. É muito pequena, não tem gibi, não tem revista*”.

No que diz respeito à satisfação sobre a biblioteca, à participação nas escolhas dos livros e um acervo atualizado, já gera um impacto positivo na percepção do estudante. O quadro abaixo mostra os discursos relacionados.

Quadro 9 – DSC sobre a percepção da biblioteca da escola

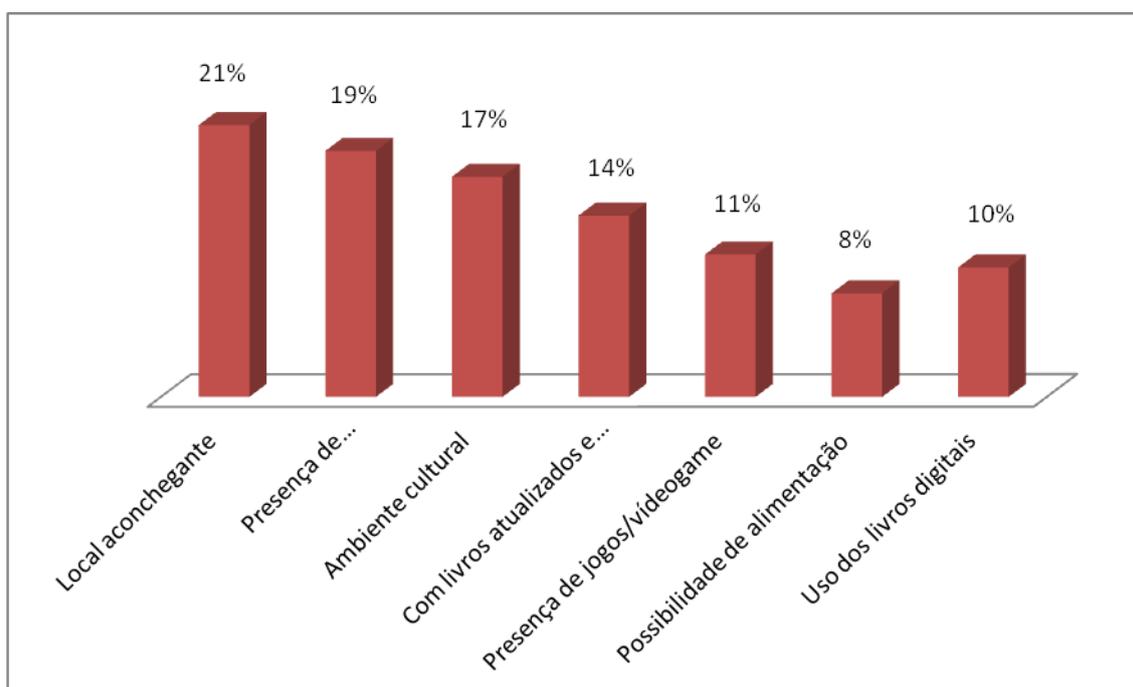
	Ideia central	Discurso do sujeito coletivo / Expressões chaves (negrito)	Ancoragens (sublinhado)
Pergunta 7: O que você acha da biblioteca da sua escola?	Desorganizada	Era pior. Mas aí entrou um novo professor e teve uma pequena mudança. Era uma biblioteca descuidada, os livros eram muito antigos, não tinham limpeza e agora melhorou muito. Ela está ainda desorganizada por causa da entrega dos livros didáticos, mas por exemplo: no intervalo, essa biblioteca fica lotada de alunos , mas mesmo assim é muito bagunçada. Ninguém acha nada. Eu não entendo como os livros são guardados aqui. Todo dia o livro tá em um lugar diferente, não tem uma lógica. E quando eu pergunto, não sabem explicar, é difícil gostar de ler quando não se acha nada que a gente procura.	
	Acervo insatisfatório	A biblioteca da escola é muito pobre de livro, falta muita coisa, porque a gente vem procurar o livro e não encontra. Tem livro que ninguém nunca ouviu falar, mas o que a gente quer mesmo até os clássicos, mais antigos não tem nenhum. Só tem livro que ninguém quer ler. Você ver olha, estão impecáveis, intocados, não tem nenhum que ninguém pegou para ler, de tão assim... chato. Eu acho que aluno aqui usa mais assim quando os professores pedem, por isso que tem muita repetição, ao invés de ter uns 5 livros de cada e ter mais variedade, tem 40, 50 livros iguais. Ninguém aguenta. É muito pequena, não tem gibi, não tem revista. Muito livro que eu já até pensei em procurar aqui, nunca achei nenhum, por isso que eu até desisti de entrar aqui, eu nunca entro aqui. Aqui na escola tem bastante projeto, mas nunca da biblioteca. A maioria dos projetos que têm é para fora da escola. Projeto de arte. Aqui nunca tem uma coisa legal, diferente. Muita coisa para saber de outros estados, a cultura de tudo, todo ano tem, a gente aprende um monte de coisa, mas biblioteca ninguém nem lembra, essa biblioteca aqui é quando a gente não tem nada na sala e vem para cá conversar. Diferente da biblioteca da minha escola do ano passado, eu acho que não gostei daqui. Porque lá acho que é mais organizado. Aqui sempre tá fechado, tem que esperar voltar. Até para pegar livro didático no dia, não tem como.	

Pergunta 7: O que você acha da biblioteca da sua escola?	Ideia central	Discurso do sujeito coletivo / Expressões chaves (negrito)	Ancoragens (sublinhado)
	Satisfeito com a biblioteca	<p>Eu acho a melhor biblioteca que eu já entrei, que tenho acesso. Essa aqui a gente faz a carteirinha e usa o ano todo... Paga a taxa de 3 reais... Paga 3 reais, mas é por causa do material da carteirinha, ajudar na biblioteca. Aqui é uma estrutura bem bacana. Porque assim... Em comparação a muitas escolas. Aqui é maravilhoso. Eu acho que a biblioteca das que já estudei, uma das mais equipadas. Mesmo que o espaço não seja muito grande, o espaço tem muitos livros, tanto que no ano passado teve a bienal e teve uma lista que passou entre as turmas para a gente escolher o livro que a gente queria, coisas que não eram didáticas, então isso incentiva muito porque você ter a oportunidade de ler um livro que você realmente quer e você não vai ter que comprar e pega seu dinheiro para você comer. Tem um prazo pra devolver mas um prazo que sempre dá para estender um pouquinho então dá para ler tranquilo então é muito bom. Antes para fazer trabalhos da escola, sempre copiava de algum colega ou ia na lan house e imprimia o que achava na internet. Quando não tinha como imprimir, eu não fazia. Aqui eu não faço muitas pesquisas, mas venho para pegar livros de literatura. Tem um bocado de livro para escolher, né?</p>	

5.5.9 DSC 8 – Aspectos sobre a biblioteca ideal

No questionamento a respeito da biblioteca ideal, foram encontrados discursos que contemplam desde a presença de livros digitais (10%), da possibilidade de alimentação no espaço (8%), local agradável (21%), ambiente cultural (17%), livros e computadores (14%) e jogos (11%).

Gráfico 21 - Ideias centrais sobre a biblioteca ideal



Fonte: DUARTE, 2015.

A presença dos livros digitais e do uso do videogame ou outros jogos como prática educativa apresentam-se como uma inovação na função da biblioteca escolar. Com a ampla utilização da internet pelos estudantes, é possível explorar diferentes suportes para este público que atualmente é tão conectado e também utilizar outros meios para passar informações.

O local aconchegante imaginado pelos estudantes, tem como referências às livrarias. Também é exposta a questão sobre o uso das cores e do mobiliário e do desconforto de móveis não planejados no espaço da biblioteca e de suas influências na motivação ao estudo, conforme a seguinte fala “*A biblioteca tem que ser um lugar*

que você se sinta bem confortável porque geralmente se a gente ficar aqui nessa cadeira, aí dá uma “dorzinha” na coluna à gente já desiste de estudar.”

A presença de um bibliotecário ou de um profissional que seja apoio na pesquisa e no auxílio pedagógico é presente no discurso dos estudantes, juntamente com um acervo atualizado e a internet. Porém, contrariando a maioria das regras de comportamento na biblioteca, os alunos argumentam a respeito da dificuldade em se alimentar no espaço da biblioteca e a possibilidade da criação de um espaço para tal finalidade.

Quadro 10 – DSC sobre a biblioteca ideal

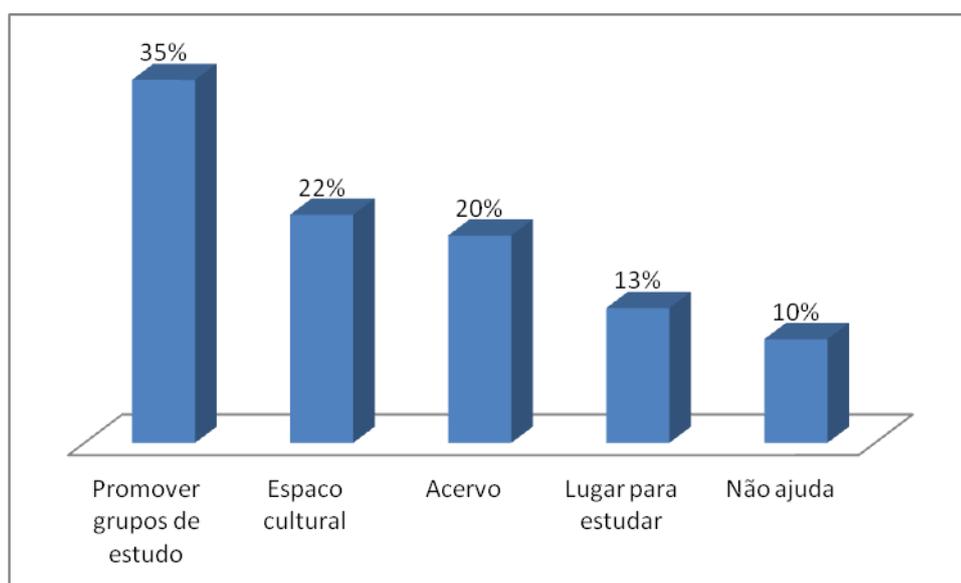
Pergunta 8: Como seria a sua biblioteca ideal?	Ideia central	Discurso do sujeito coletivo / Expressões chaves (negrito)	Ancoragens (sublinhado)
	Ambiente cultural	Seria local de silencio, mas também local de encontrar amigos, cinema, livros, claro e muita coisa pra fazer. Quebra-cabeça, joguinhos pra aprender... Teatro, filme. Tudo. Não tinha que ter livro, só computador, filme.	
	Com livros e computadores	Caraca, cada andar ia ser um estilo de livro assim, ficção e outros livros, os que eu gosto. Com internet de verdade porque aqui a gente tem a sala de informática, mas os computadores não funcionam, aqui na biblioteca tem computador, mas também não funciona. É mesmo, olha lá como está os computadores lá. E se você tem um livro você tem muita informação, se você tem um computador você tem muito, muito, se você junta os dois e pesquisa ao mesmo tempo, nossa, é perfeito. Ah, eu já pensei em ter uma biblioteca em casa, acho que nossa, ia ser cheia de prateleiras de livro, desses tipos de livros assim, muito livro, muito livro Tinha que ser ventilada, com espaço pra conversar, ver filme, ver coisas interessantes, de conhecimento mesmo.	
	Com a presença de bibliotecário ou professores	Bibliotecários, muitos bibliotecários para atender... mas bibliotecários legais. Tipo aqueles sabem super bem e sabem explicar tudo o que você pesquisa, com computador também, porque com computador e o livro você sabe tudo. Tipo um professor tipo explicando dando reforço, né... entendeu, né? Tipo falando onde está às coisas, né. Acho que poderia ter tipo um professor mesmo assim para ajudar, não sei. Tipo de reforço, assim, acho que poderia ter sempre um a disposição.	
	Possibilidade de alimentação	Aqui por exemplo se você precisar fazer um trabalho à tarde, você ficou aqui, tem que ficar aqui até ...você vai comer, você não vai comer aqui então tem que ir lá no cantinho que é lá longe, comprar alguma coisa, comer lá e depois voltar. Quebra assim. Para tudo, sair do lugar, bebe água, para depois voltar. Ia ter que ter comida... Ai gente, quando você está lendo sempre dá fome, daí você tem que comer alguma coisa. Tinha que ter um lugarzinho pra comer e tal.	

	Ideia central	DSC	Ancoragens
Pergunta 8: Como seria a sua biblioteca ideal?	Local aconchegante	Eu acho que tinha que ser tipo que uma casinha. Tipo um lugar aconchegante que você chega e fica quietinho lá e lê. Tipo um lugar aconchegante que você chega e fica quietinho lá e lê. A biblioteca tem que ser um lugar que você se sinta bem confortável porque geralmente se a gente ficar aqui nessa cadeira, aí dá uma “dorzinha” na coluna a gente já desiste de estudar. Mais espaço para dormir e fazer tudo o mais, com computadores mais equipados. Colorida porque quando você lê, você viaja muito e se tivesse aquela cor, aquela diversão, eu acho que melhor você estar num ambiente desse, para você que está lendo, você viajaria muito mais. Seria parecida com a uma livraria. Uma cultura muito grande, uma variedade muito grande de livros. Você vai poder ler sobre qualquer coisa. Se você quiser aprender línguas. Teria computadores para acessar a internet se estivesse interessado, poltronas, pufes local pra ler confortavelmente. Um espaço que tivesse como fazer um pouco mais de barulho quando fosse estudo em grupo mas nada de bagunça e tudo o mais, estudo mesmo. Eu acho que seria isso. Eu penso que a biblioteca podia ser o ponto de encontro né? Ter departamentos, departamento para você conversar, outro para você poder estar se divertindo.	
	Presença de jogos/ videogame	Porque não jogos educativos? Brinquedos para as crianças? Então, assim, pode jogar videogame porque é um espaço de cultura e de lazer e o lazer se dá no videogame, se dá no computador, na leitura também, então... E uma partidazinha de xadrez...	
	Acervo atualizado	Acho que seria com todos os livros que está na atualidade agora, livros de literatura... É, também teria livros de pesquisa mas de outra forma porque uma biblioteca assim a gente lê, a gente se interessa pelo que a gente lê, acho que biblioteca está mais para caçar, pesquisar, essas coisas. Ela ia ser cheia de andares. Cada andar um gênero, NE. A biblioteca não precisa ser só um lugar para ficar calado, mas poderia, ser que nem livraria, com várias prateleiras, vários livros, de tudo que a humanidade já criou, pensou, escreveu. Ter uma quantidade de livros necessárias, todos os livros bem cuidados, organizados legazinhos e a biblioteca ser considerada um ponto de encontro, eu acho que isso deveria ser o ponto.	
	Uso dos livros digitais	Quando eu ganhei um IPAD e lá tem um aplicativo que é como o netflix mas é de livros, chamado Scribd e passei a ler por lá que é mais fácil, assim... as bibliotecas podiam ter livros digitais...	

5.5.10 DSC 9 – Contribuição da biblioteca para os resultados do ENEM.

A última pergunta da entrevista questionava sobre a o papel da biblioteca para garantir bons resultados no ENEM. Foram apresentadas 5 ideias centrais, conforme gráfico abaixo:

Gráfico 22 – Ideias centrais sobre o papel da biblioteca no resultado do ENEM



Com 35 % de discursos presentes, o estudante idealiza que a biblioteca possa promover grupos de discussões em seu espaço, já que favorece a interação social e pela proximidade de fonte de pesquisas, pode contribuir para discussões mais embasadas.

A biblioteca como espaço cultural, com 22% dos discursos, tem como objetivo a concepção interdisciplinar da prova e também com a ideia da potencialidade que a biblioteca tem como agente cultural, já que em alguns meios é a única fonte de cultura de uma comunidade.

O acervo (20%) e o local de estudo (13%) já são papéis desempenhados, contudo precisam ser revistos e atualizados a partir das demandas dos estudantes, para que a fala “livros desatualizados, sujos e que não dão vontade de estudar” seja substituída por discursos mais otimistas sobre a biblioteca.

Quadro 11- Participação da biblioteca nos resultados do Exame Nacional do Ensino Médio

Pergunta 9: Você irá fazer a prova do ENEM em 2015? Como a biblioteca poderia ajudar para a conquista de bons resultados?	Ideia central	DSC	Ancoragens
	Não ajuda	<p>Não faço ideia. Acho que não ajuda em nada. Eu me vejo estudando em outra biblioteca, em casa, em outro lugar mais não aqui. Talvez tenha algum livro, mas ninguém sabe. Prefiro fazer cursinho pro Enem do que depender dessa biblioteca. Acho que ao invés de ajudar, atrapalha. Livros desatualizados, sujos e que não dão vontade de estudar.</p>	
	Promover grupos de estudo	<p>Agora mesmo a gente está fazendo grupo de estudo, né? Para estudar para o ENEM e para o vestibular agora do meio do ano. A biblioteca ajuda muito porque a gente pode vir para cá e estar estudando em grupo e debatendo sobre o assunto, sobre as provas que já se passaram, então ajuda muito. A biblioteca poderia ter essa iniciativa e expandir isso para os outros alunos e tal. Seria bom pra todo mundo, perto do livro, do computador, poder discutir.</p>	
	Lugar para estudar	<p>Acho que ajuda só porque tem cadeira e mesa pra estudar. Basicamente como lugar pra estudar... Pois não oferece nada além disso. Acho que a biblioteca só pode ajudar com os livros mesmo... Quando eu quero reforçar meu aprendizado, eu venho, pego outros livros e fico fazendo mais exercício porque como tem mais livros que não são os nossos, tem como fazer outros exercícios, tem como praticar mais e se tiver com alguma dificuldade na matéria talvez tenha que buscar na internet as respostas talvez, mas o livro está lá para ajudar a estudar melhor.</p>	
	Espaço cultural	<p>Acho que ajuda porque tem a questão bagagem cultural... com o livro a gente amplia o olhar que temos do mundo. Podia ter outras formas também, mas sei que seria a pessoa que sou sem essa biblioteca e isso influencia no ENEM, já que eles cobram conteúdos além da sala de aula. Aqui é o local certo para isso, para aumentar esse conhecimento.</p>	

	Ideia central	DSC	Ancoragens
<p>Pergunta 9: Você irá fazer a prova do ENEM em 2015? Como a biblioteca poderia ajudar para a conquista de bons resultados?</p>	Acervo	<p>Acho que pode ajudar tendo os livros que vão cair no ENEM né? Nunca tem. Pode por que... porque o ENEM é uma prova que precisa muito de leitura, né, tem que ler muito e a biblioteca ajuda, né. Depende muito da interpretação, né?. Os professores falam que têm coisas que caem, que a gente vê aqui, aí acho que aqui tem vários livros que dá para pesquisar, só não sei qual ainda, tem que dar uma olhada depois.</p>	

6 Considerações finais

A partir de valores difundidos em um círculo, muitas vezes não questionados, geram-se atitudes de distanciamento ou de rejeição sobre o objeto. Alguns alunos evitam aproximar-se da biblioteca por acreditarem que é um ambiente hostil e tedioso, sendo este o discurso mais difundido e reforçado pelos estudantes e por outras camadas da sociedade, contudo, tais grupos não tiveram outras experiências que possam modificar tais pensamentos.

Reproduzir apenas o discurso que a biblioteca escolar precisa ser modificada a partir do universo reificado, ou seja, dos pesquisadores da área, pode afastar o principal interessado dentro deste contexto: o estudante. Dar voz a quem utiliza este espaço para dizer o que pensa, pode criar uma ponte entre estes dois universos que se complementam e não se invalidam.

Aproximar-se das representações sociais dos estudantes de ensino médio podem abrir novos caminhos para produtos e serviços nas bibliotecas escolares, colaborando para desconstruir a imagem cultural de um ambiente distante, intocável e entediante. Para isso, é necessário proporcionar experiências que possam gerar percepção mais amigável do ambiente e para que de fato, a biblioteca assuma seu papel mediador para atender necessidades de informação no contexto educativo.

Na interação do ser humano com o mundo, o inconsciente, as experiências, a mídia e o grupo no qual o indivíduo está inserido, influenciam na forma de perceber as partes que compõem a estrutura de diferentes meios no qual ele faz parte.

No caso das bibliotecas escolares não é diferente. Com a história do Brasil que não favoreceu a construção e consolidação de muitos espaços com estrutura eficaz a atender a comunidade escolar, é possível que exista uma resistência e até um distanciamento dos estudantes com este espaço de possibilidades, de aprendizado e interação.

O ensino médio passa por desafios para estabelecer sua identidade como etapa crucial para a juventude, melhorando o seu papel na vida do

estudante, garantindo a ele, melhores oportunidades para construção dos sonhos, perspectivas e desejos.

A biblioteca, no contexto educacional possibilita ao estudante uma maior pluralidade de conhecimentos, autonomia para escolha de conteúdo baseado em suas necessidades informacionais. A biblioteca é um espaço de descoberta e liberdade.

Aproximar-se daquilo que o estudante pensa a respeito sobre a biblioteca é dar voz dentro de um contexto onde ele é apenas receptor de informações que julgaram ser interessantes, necessárias, sem explicá-lo o porquê. A teoria das representações sociais tenta enxergar no discurso, suas ideologias, pensamentos que muitas vezes se distanciam daquilo que a Academia se propõe a pesquisar.

Os resultados obtidos mostram que a negligência com as vivências na biblioteca escolar, favorece o distanciamento do estudante, criando barreiras na comunicação e mediação da informação, colaborando talvez para que no futuro, tal distanciamento se perpetue por meio das interações grupais e compartilhamento de experiências.

Estes alunos que fizeram parte desta amostra, em sua maioria tem algum tipo de relação com a leitura, até mesmo por conta do contexto escolar. Aproveitar tal oportunidade e criar atividades que além de promover este hábito, possam trabalhar com aprendizado para a vida, dá autonomia e garante um indivíduo consciente da importância da informação para tomadas de decisão.

A família é importante na construção das RS, já que são eles que ajudam a construir uma perspectiva de mundo destes jovens. A biblioteca tal informação, pode também realizar atividades que integrem o núcleo familiar em experiências leitoras de forma a fortalecer tais laços.

As RS que compõem o imaginário do estudante variam de forma positiva e negativa. Por mais que algumas falas sejam carregadas de sentimentos negativos e de repulsa, com investimento, criatividade e integração com o projeto pedagógico é possível transformar tais imagens em positivas,

garantindo assim, uma maior abertura para outros espaços informacionais fora da escola. Outros, pelas experiências positivas, têm uma visão otimista e compreendem a importância da biblioteca para a construção do conhecimento.

A compreensão em menor ou maior proporção sobre o papel da biblioteca na trajetória escolar e na vida em sociedade existe. O que é necessário é fazer uma parceria entre as necessidades educacionais, pessoais em um ambiente democrático da informação, sendo possível uma construção conjunta de um local agradável, dinâmico e com colaboração de toda a comunidade escolar. A sociedade através dos projetos de lei, começa a se mobilizar para que tal feito seja garantido pelo Estado.

Porém, a grande contribuição pessoal deste trabalho foi a escuta. Valorizar cada experiência humana nos mostra o quanto é necessário que a humildade esteja presente em nossas práticas profissionais. O bibliotecário não sabe mais do que o seu usuário. É necessário que para que nos aproximemos de nosso público, sejamos parte dessa comunidade que tanto carece de informação para ser livre. Ouvi-los e respeitá-los são os primeiros passos.

7 Referências

ACOSTA, Sandra Ferreira. **Escola:** as imagens que as representações sociais revelam. 2005. 225 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Psicologia da Educação, Departamento de Programa de Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/23/TDE-2005-05-16T09:50:33Z-834/Publico/tese.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2013.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. 2009. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/viewArticle/17>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

ALTHAUS, M. T. M. O ensino na sala de aula: a mediação como tema constitutivo na formação e atuação docente. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO: Mediação Pedagógica, 5. 2006. São Paulo. **Anais...** 2008. Disponível em: <<http://www.maiza.com.br/adm/producao/28.pdf>> Acesso em: 11 abr. 2014.

ALVÂNTARA, Anelise Montañes; VESCE, Gabriela Eyng Possolli. **As representações sociais no discurso do sujeito coletivo no âmbito da pesquisa qualitativa.** Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/724_599.pdf> Acesso em: 12 out. 2013.

ALVES, Zélia Mana Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, n. 2, July 1992. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1992000200007&lng=en&nrm=iso>>. Acesso em: 30 maio 2014.

ALVES-MAZZOTTI, A J. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. *Rev. Múltiplas Leituras*, v. 1, p.18-43, jan/jun. 2008. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ML/article/viewFile/1169/1181>> Acesso em: 23 mai. 2013

AMATUZZI, Maria Luiza L. et al. LINGUAGEM METODOLÓGICA-Parte.**Acta Ortop Bras**, v. 14, n. 1, p. 53, 2006.

ANDRADE, Eduardo de Carvalho; SOIDA, Ivan Akio Itocazo. O ranking das escolas de ensino médio baseado no ENEM é confiável?. 2012. Disponível em: <http://www.insper.edu.br/wp-content/uploads/2012/12/2012_wpe283.pdf> Acesso em: 22 maio 2015.

ANDRADE, Eduardo de Carvalho; SOIDA, Ivan Akio Itocazo. O ranking das escolas de Ensino Médio baseado no ENEM é confiável? São Paulo, REAP, 2012. Disponível em: < <http://reap.org.br/wp-content/uploads/2012/12/048-O-ranking-das-escolas-de-ensino-m%C3%A9dio.pdf>>. Acesso em: 29 de mai. 2015.

ARAUJO, C. A. A pesquisa norte-americana. In: HOLHFELDT, Antonio; MARTINO, L. C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010. p. 119-131.

ASSIS, Leonardo da Silva de. **Bibliotecas públicas e políticas culturais: a Divisão de Bibliotecas do Departamento de Cultura e Recreação da Prefeitura de São Paulo (1935)**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2013.

AVALIAÇÕES das Bibliotecas escolares no Brasil. São Paulo: SM, 2011. Disponível em: <<http://www.oei.es/bibliobrasil.pdf>> Acesso em: 23 mai. 2013

BRAGA, Gilda Maria. Informação, ciência da informação: breves reflexões em três tempos. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 1, 1995. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000144/>>. Acesso em: 22 jul. 2013.

BRANDAO, Carlos da Fonseca. O ensino médio no contexto do Plano Nacional de Educação: o que ainda precisa ser feito. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 31, n. 84, ago. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622011000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 jun. 2013.

BRASIL. Decreto n. 7559, de 1º de setembro de 2011. Dispõe sobre o Plano Nacional do Livro e Leitura - PNLL e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7559.htm Acesso em: 01 jun. 2013.

_____. Decreto nº 1.331-A, de 17 de Fevereiro de 1854. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1331-a-17-fevereiro-1854-590146-publicacaooriginal-115292-pe.html>> Acesso em: 01 jun. 2013

_____. Decreto nº 7.247, de 19 de Abril de 1879. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7247-19-abril-1879-547933-publicacaooriginal-62862-pe.html> Acesso em: 01 jun. 2013

_____. Decreto-lei n. 4.244 - de 9 de abril de 1942. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/5_Gov_Vargas/decreto-lei%204.244-1942%20reforma%20capanema-ensino%20secund%E1rio.htm> Acesso em: > Acesso em: 05 set. 2013

_____. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação. Brasília: MEC, 2012. Disponível em: <portal.mec.gov.br/index.php?option...id...diretrizes...educacao-basica> Acesso em: > Acesso em: 05 set. 2013

_____. Ministério da educação. **Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 05 set. 2013

_____. Ministério da Educação. Resolução nº 2, DE 30 de janeiro de 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1741>

7&Itemid=866> Acesso em: > Acesso em: 05 set. 2013

CAMPELLO, Bernadete. Como o estudante constrói significados da biblioteca escolar. In:_____. **Biblioteca escolar**: conhecimentos que sustentam a prática. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

CARNEIRO, Moaci Alves. **O nó do ensino médio**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

CASTRO, C. A. Ensino e biblioteca: um diálogo possível. **Transinformação**, Campinas, v.15, n.1, jan./abr., 2003. Disponível em:
<www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=15142> Acesso em: 25 nov. 2013

CODEPLAN. Distribuição de renda na Área Metropolitana Integrada de Brasília – AMIB. 2013. Disponível em:
<http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/etene/etene/docs/6-distribuicao_renda_area_metropolitana_integrada_brasilia_amib.pdf> Acesso em: 11 maio 2015.

COSTA, Gilvan Luiz Machado. O ensino médio no Brasil: desafios à matrícula e ao trabalho docente. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 94, n. 236, 2013.

CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DEL PRETTE, Zilda A. Pereira et al. Habilidades sociais do professor em sala de aula: um estudo de caso. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 1998, vol.11, n.3 [cited 2014-05-31], pp. 591-603 . Available from:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000300016&lng=en&nrm=iso>.

DELANEZE, Taís. A proclamação da República e a primeira reforma educacional do novo regime: democracia x educação popular. 2006. Disponível em:<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario7/TRABALHOS/T/Tais%20delaneze.pdf> Acesso em: 15 jun. 2014.

DISTRITO FEDERAL . PDLL : Plano do Distrito Federal do Livro e da Leitura : Brasília, capital da leitura. Brasília : [s.n.], 2012. Disponível em:<<http://www.cultura.df.gov.br/images/anexos/pdll.pdf>> Acesso em: 20 mai. 2014.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Educação do Distrito Federal. **Currículo em movimento da educação básica**. 2014. Disponível em:
<http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/curric_mov/cad_curric/5ens_medio.pdf> Acesso em: 20 mai. 2014

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Educação. **IDEB**. 2013. Disponível em:
<<http://www.se.df.gov.br/educacao-df/rede-publica/numeros-da-educacao/273-ideb.html>> Acesso em: 15 jun. 2014.

DUARTE, Yaciara Mendes et al. Hora do conto, semana da biblioteca e da arte e a Kombi de livros: relato de experiência da biblioteca do colégio La Salle Núcleo Bandeirante (DF). In: Anais do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,

Documentação e Ciência da Informação-FEBAB. 2013. p. 59-69.

FARR, R. M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Org). **Representações sociais**. 11. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p. 31-62.

FAVERO, Leonor Lopes. Heranças: a educação no Brasil colônia. **Rev. ANPOLL**, n. 8, p. 87-102, jan./jun. 2000. Disponível em: <<https://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/viewFile/351/360>> Acesso em: 20 mar. 2013

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. Historiografia da educação na América Portuguesa: balanço e perspectivas. **Revista Lusófona de Educação**, v. 14, p. 111-124, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/rle/n14/n14a08.pdf>> Acesso em:

FORTES, E. V. Análise dos métodos educacionais no Brasil: Descobrimento ao final do Império. **Itinerarius Reflectionis**, v. 2, n.13, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ritref/article/viewFile/22332/13198>> Acesso em:

FRANÇA, V. V. O objeto da comunicação/ A comunicação como objeto. In: HOLHFELDT, Antonio; MARTINO, L. C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010. p. 39-61.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados Cortez, 1989. Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf>. Acesso em: 29 de mai. 2015.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS. **Os jovens e o gargalo do Ensino Médio brasileiro**. 2013. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/wpcontent/uploads/2014/06/Primeira_Analise_n5_ago_sto_2013.pdf> Acesso em: 12 mai. 2014.

FURTADO, Cassia Cordeiro; OLIVEIRA, Lídia. A biblioteca escolar na formação de comunidades de leitores-autores via web. *Inf. & Soc.:Est.*, João Pessoa, v.20, n.1, p. 13-23, jan./abr. 2010. Disponível em: <http://www.repositorio.ufma.br/xmlui/bitstream/handle/1/274/Comunidades_leitores_autores_web.pdf?sequence=3> Acesso em: 20 abr. 2015.

GARCEZ, Eliane Fioravante; CARPES, Gyance. Gestão da informação na biblioteca escolar. **Revista Acb**, Santa Catarina, v. 1, n. 11, p.63-73, set. 2006. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/466>>. Acesso em: 14 abr. 2013.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias; TESCAROLO, Ricardo. Desafios

para implementar o letramento informacional na educação básica. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 41-56, Apr. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 jun. 2014.

GOMES, Sonia de Comti. *Bibliotecas e sociedade na Primeira República*. São Paulo: Pioneira, 1983.

GUIMARÃES, Janaina. A biblioteca escolar e o PNBE no processo de formação de leitores competentes. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17., 2009, Campinas. **Anais eletrônicos**. São Paulo: Unesp, 2009., p. 1 - 7.

GUNTHER, Hartmut. **Como elaborar um questionário**. Brasília: UnB, 2003. Disponível em: <<http://www.ic.unicamp.br/~wainer/cursos/2s2006/epistemico/01Questionario.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2013

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **ENEM**: Relatório pedagógico. Brasília: ENEM/ Ministério da Educação, 2000. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000127.pdf>> Acesso em: 29 de mai. 2015.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sobre o Enem**. 2015. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/enem/sobre-o-enem>> Acesso em: 29 de mai. 2015.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Nota técnica**: Teoria de resposta ao item. 2011. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/nota_tecnica/2011/nota_tecnica_tri_enem_18012012.pdf> Acesso em: 29 de mai. 2015.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. EDITAL Nº 01, DE 08 DE MAIO DE 2013. Acesso em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/edital/2013/edital-enem-2013.pdf> Acesso em: 29 de mai. 2015.

JODELET, D. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 679-712, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v24n3/04.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2013.

JONHSON, D. Power Up!: The New School Library. **Leveraging Teacher Leadership**. v. 71, n. 2, p.84-85, out. 2013. Disponível em: <<http://www.ascd.org/publications/educational-leadership/oct13/vol71/num02/The-New-School-Library.aspx>> Acesso em: 24 maio 2015.

KRAWCZYK, Nora. **O ensino médio no Brasil**. São Paulo: Ação Educativa,

2009.

LASSWELL, Harold D. **The structure and function of communication in society**. 1948. Disponível em:

<<http://www.dhpescu.org/media/elip/The%20structure%20and%20function%20of.pdf>>

LASSWELL, Harold D. The structure and function of communication in society. **The communication of ideas**, v. 37, p. 215-228, 1948.

LE COADIC, Yves-François. A Ciência da Informação. Brasília: Briquet de Lemos, 2003.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. O sujeito coletivo que fala. **Interface - Comunic, Saúde, Educ**, v.10, n.20, p.517-24, jul/dez, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v10n20/17.pdf>> Acesso em:

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. **Pesquisa em representação social**: um enfoque qualitativo. 2. ed. Brasília: Liberlivro, 2012.

LEMOS, Antonio Agenor Briquet de. Bibliotecas. In: CAMPELLO, Bernadete; CALDEIRA, Paulo da Terra. (Org.). **Introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.

MACIEL, Lizete Shizue Bomura; SHIGUNOV NETO, Alexandre. A educação brasileira no período pombalino: uma análise histórica das reformas pombalinas do ensino. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 32, n. 3, Dec. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 Jun. 2014.

MAROTO, Lucia Helena. Biblioteca escolar, eis a questão!: do espaço de castigo ao centro do fazer educativo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

MARTINO, L. C. De qual comunicação estamos falando? In: HOLHFELDT, Antonio; MARTINO, L. C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010. p. 11-27.

MARTINS, João Carlos. **Vygotsky e o Papel das Interações Sociais na Sala de Aula**: Reconhecer e Desvendar o Mundo. 2013. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p111-122_c.pdf> Acesso: 14 abr. 2013

MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 1996.

MATTOS, Max Cirino de; GOULART, Íris Barbosa. Da possibilidade de uma GIC ampla: reflexões iniciais entre a Ciência da Informação e a Psicologia Social. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 65-81, jul./dez. 2012.

MAZZOTTI, A. J. A. A Abordagem estrutural das representações

sociais. *Psicologia da Educação*, São Paulo, PUC/SP, n. 14/15, p.17-37, 2002.
McQUAIL, Denis; WINDAHL, Sven. **Modelos de Comunicação para o Estudo da Comunicação de Massas**. Lisboa: Editorial Notícias, 2003.

MELO, José Marques de. **Comunicação Social: teoria e pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 9-79.

MENDONÇA, Ana Valéria Machado; MIRANDA, Antônio Lisboa Carvalho de. O processo de comunicação aplicado à inclusão digital: produção de conteúdos, estudos de recepção e mediação à luz da Ciência da Informação. In: ENCONTRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 16., 2006, São Bernardo do Campo. **Anais...**. São Paulo: [s.n], 2006. p. 1 - 15.
Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0046-1.pdf>>.
Acesso em: 12 abr. 2013.

MORO, Eliane L. da Silva. Ambientes virtuais de aprendizagem e recursos da web 2.0 em contexto hospitalar: rompendo a exclusão temporária de adolescentes com fibrose cística. Porto Alegre: PPGEDU/

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 9.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

NEUBAUER, Rose et al. Melhores práticas em escolas do ensino médio do Brasil. **Brasília: MEC**, 2010.

NOBREGA, Manuel de. **Cartas do Brasil: 1549-1960**. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1931. Disponível em:
<<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00381610#page/7/mode/1up>>
Acesso em: 11 de out 2013

OLIVEIRA, Carla Ariella de. **A pesquisa escolar em tempos de internet: reflexões sobre essa prática pedagógica**. 2008. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Departamento de Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. Disponível em: <http://www.ppge.ufpr.br/teses/M08_oliveira.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2013.

OLIVEIRA, Lúcia. A biblioteca escolar na formação de comunidades de leitores-escretores via web. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 2, n. 1, 2010.

PAIVA, Cláudio Cardoso de. O campo híbrido da informação e da comunicação. In: AQUINO, Miriam de Albuquerque. (Org.). **O campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificidades**. João Pessoa: UFPB, 2002. p. 165-198. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/paiva-claudio-campo-hibrido-informacao-comunicacao.html>> Acesso em: 20 abr. 2013.

PAVARINO, Rosana Nantes. Teoria das representações sociais: pertinência para as pesquisas em comunicação de massa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26, 2003. Belo Horizonte. **Anais...** Belo

Horizonte, 2003. Disponível em:

<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/70751144839831914511186731265578835368.pdf>> Acesso em: 12 maio 2014.

PEREIRA, Cícero; CAMINO, Leôncio. Representações sociais, envolvimento nos Direitos Humanos e ideologia política em estudantes universitários de João Pessoa. **Revista Psicologia Reflexão e Crítica**. Rio Grande do Sul: Pós-Graduação em Psicologia da UFRGS, v.16, n.3, p.447-460, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n3/v16n3a04.pdf> >. Acesso em: 12 maio 2014.

PESQUISA do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): leitura e biblioteca nas escolas públicas brasileiras. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16896&Itemid=1134> Acesso em: 12 abr. 2014.

PIMENTEL, Graça; BERNARDES, Liliâne; SANTANA, Marcelo. **Biblioteca escolar**. Brasília: UnB, 2007. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/biblio_esc.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2013.

RIBEIRO, M. L. S. **História da educação brasileira**: organização escolar. 20. ed. São Paulo: Autores associados, 2007.

ROCHA, Lúcia Maria da Franca; PEREIRA, Eva Waisros. **Escola Parque de Brasília**: uma experiência de educação integral. 2006. Disponível em:

<www2.faced.ufu.br/columhe06/anais/arquivos/457EvaWaisros_LuciaRocha.pdf> Acesso em: 12 abr. 2014.

ROCHA, Maria Aparecida dos Santos. **A Educação Pública antes da independência**. 2013. Disponível em:

<<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/104/3/01d06t02.pdf>> Acesso em: 12 abr. 2014.

ROSA, Flávia Goullart Mota Garcia; ODDONE, Nanci. Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 35, n. 3, dez. 2006. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652006000300017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 set. 2013.

SÁ, C. P. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In:

SPINK, M. J. P. (org.). **O conhecimento no cotidiano**: As representações sociais na perspectiva da Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 86-107.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações.

Perspec. Ci. Inf., Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SHANNON, C. N. A Mathematical Theory of Communication. **The Bell System Technical Journal**, v. 27, p. 379–423, jul/ oct, 1948. Disponível em:

<<http://cm.bell-labs.com/cm/ms/what/shannonday/shannon1948.pdf>> Acesso: 14 abr. 2013

SILVA, J. C. da; ROSÁRIO, M. J. A. **A educação jesuítica no Brasil Colônia**. 2004. Disponível em:

<<http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2004/GT.11/GT3.PDF>> Acesso em: 12 maio 2013.

SILVA, J. L. C. S; SILVA, A. S. A mediação da informação como prática pedagógica no contexto da biblioteca escolar: algumas considerações. **Bibl. Esc. em Rev.**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 1-30, 2012. Disponível em: <<http://revistas.ffclrp.usp.br/BEREV/article/viewFile/128/pdf>> Acesso em: 25 nov. 2013

SILVA, L. L. M da; FERREIRA, N. S. de A.; SCORSI, R. de A. Formar leitores: desafios da sala de aula e da biblioteca escolar. In: SOUZA, R. J. de. **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. São Paulo: Mercado das Letras, 2009. p.49 -51.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media**. [s. n]: Porto, 2006.

SPINK, M. J. P.. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 9, n. 3, Sept. 1993 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1993000300017&lng=en&nrm=iso>. > Acesso em: 25 nov. 2013

TEIXEIRA, Anísio. Plano de construções escolares de Brasília. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v.35, n.81, jan./mar. 1961. p.195-199. Disponível em: <http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/> Acesso em: 04 set. 2013

TOBIAS, A. **História da educação brasileira**. 4.ed. São Paulo: IBRASA, 1985.

TRAVITZKI, Rodrigo. **ENEM: limites e possibilidades do Exame Nacional do Ensino Médio enquanto indicador de qualidade escolar**. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

TUNES, Elizabeth; TACCA, Maria Carmen V. R.; BATHOLO JUNIOR, Roberto dos Santos. O professor e o ato de ensinar. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 126, set./dez. 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n126/a08n126.pdf>> Acesso em : 14 abr. 2013 UFRGS, 2011.

UNESCO. DIRETRIZES DA IFLA/UNESCO PARA A BIBLIOTECA ESCOLAR. 2005. Disponível em:

<http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:1hSCIVQrk1UJ:scholar.google.com/&hl=pt-BR&as_sdt=0,5> Acesso em: 23 abr. 2014.

VÁLIO, Else Benetti Marques. Biblioteca escolar: uma visão histórica. *Transinformação*, v. 2, n. 1, p. 15-24, jan./abr. 1990.

WACHELKE, J. F. R.; CAMARGO, B. V. Representações sociais, representações individuais e comportamento. **Interam. j. psychol.**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, dez. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902007000300013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: em 01 jun. 2014.

ZOTTI, Solange Aparecida. **Sociedade, educação e currículo no Brasil**: dos jesuítas aos anos de 1980. Campinas: Autores Associados, 2004.

APÊNDICE A - Questionário

Caro estudante,

Este questionário é parte da dissertação de mestrado, intitulado como As representações sociais no ensino médio do DF: a biblioteca escolar pública sob o olhar do aluno.

Peço que as perguntas sejam respondidas com sinceridade. As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários.

Desde já agradeço sua participação.

Yaciara Mendes Duarte

Perfil informacional

1 Série: _____

2 Sexo:

() Feminino

() Masculino

3 Idade: _____

4 Você gosta de ler? () Sim () Não

5 Você leu algum livro nos últimos três meses?

() Sim . Quantos aproximadamente? _____

() Não

6 Seus pais/responsáveis/familiares já comentaram algo sobre bibliotecas com você?

() Sim . O que? _____

() Não

7 Você teve experiências em bibliotecas quando criança?

() Sim () Não

8 Você costuma ir na biblioteca da sua escola?

() Sim. Com qual frequência? _____

() Não

9 Você frequenta outras bibliotecas?

() Sim. Qual(is) _____

() Não

10 Em que meios você costuma fazer pesquisas?

() Livros () Enciclopédias () Jornais () Internet () Bibliotecas

() Outro. Qual(is) _____

11 Quanto tempo fica conectado na Internet?

() Menos de 1 hora por dia

() Mais de 2 horas por dia

() Mais de 4 horas por dia

() Mais de 6 horas por dia

() Mais de 8 horas por dia

APÊNDICE B – Roteiro para entrevista

Roteiro

A partir da leitura prévia do questionário, conduzir a entrevista a partir das respostas obtidas e perguntar sobre as seguintes questões:

- a. O que vem em sua mente quando falam em biblioteca? O que te chama atenção quando está em uma?**

Objetivo: Entender as palavras – chaves ao evocar a imagem mental da BIBLIOTECA.

- b. Sua família e amigos ou professores falaram ou falam com você sobre a biblioteca?**

Objetivo: Perguntar sobre o contexto familiar e afetivo sobre a biblioteca. Entender a influência dos diferentes grupos inseridos no processo de construção da imagem.

- c. O que você já viu na TV ou na internet sobre bibliotecas?**

Objetivo: Mensurar a influência da mídia na elaboração das representações sociais

- d. Qual a importância da biblioteca na sociedade atual?**

Objetivo: Compreender a visão macro do estudante sobre o papel da biblioteca.

Possíveis intervenções:

- Além da escola, qual o papel para as pessoas no dia-a-dia?
- Como você a utilização da biblioteca fora do ambiente da escola?

- e. Qual a importância da biblioteca na sua vida escolar?**

Objetivo: Compreender o significado pessoal para o estudante na etapa vivenciada.

Possíveis intervenções:

- Experiências positivas e/ou negativas.
- Recordações de momentos ou atividades.
- Perguntar sobre a participação da família e dos amigos.

f. O que você acha da biblioteca da sua escola?

Objetivo: Percepção da realidade vivida pelo estudante.

Possíveis intervenções:

- Percepções sobre o espaço e o ambiente.
- Atividades realizadas e acervo.

g. Como seria a sua biblioteca ideal?

Objetivo: Permitir a participação do estudante no processo de construção coletiva da biblioteca. Compreender o imaginário do estudante sobre a biblioteca que favorece o seu interesse.

APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido

Universidade de Brasília
Faculdade de Ciência da Informação

Prezado aluno,

Eu, Yaciara Mendes Duarte, orientada pela prof. Dr. Ivette Kafure Muñoz, o convido para participação na pesquisa de mestrado intitulada **As representações sociais no ensino médio do DF: a biblioteca escolar pública sob o olhar do estudante**. Esta pesquisa pretende identificar alternativas de intervenção na biblioteca pública escolar a partir das representações sociais dos estudantes de ensino médio.

Para tal, serão realizados os seguintes procedimentos: aplicação de questionário e entrevista. Sua participação constará de responder as perguntas presentes nos dois instrumentos de pesquisa. Os benefícios que esperamos com o estudo são propiciar melhores ambientes informacionais nas escolas a partir das demandas dos estudantes.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato por telefone 9114-8959 ou e-mail yaciara18@gmail.com.

Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

Serão também utilizadas como forma de registro gravação de vídeo e áudio exclusivamente para fins acadêmicos.

Aceitando tais condições, desde já agradeço a participação nesta pesquisa.

Voluntário: _____

ANEXO A - Carta de apresentação da pesquisa

 **Universidade de Brasília** Faculdade de Ciência da Informação e Documentação (FCI)

Brasília - DF, 10 de junho de 2014

Da: Profa. Dra. Ivette Kafure
Faculdade de Ciência da Informação - UnB
Assunto: Solicitação de colaboração para realização de trabalho prático de dissertação

Ilmo(a). Senhor(a):

Venho, por meio deste, solicitar a colaboração desta instituição possibilitando que a aluna Yaciara Mendes Duarte realize o trabalho prático de dissertação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPG-Cinf) da Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da Universidade de Brasília (UnB) sobre as representações sociais no ensino médio do DF: a biblioteca escolar pública sob olhar do aluno.

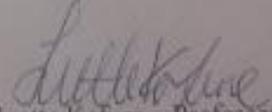
O trabalho prático consiste em investigar sobre a influência das representações sociais na comunicação e mediação entre o estudante de ensino médio e a biblioteca de escola pública do Distrito Federal, que contempla, em linhas gerais, as seguintes etapas e procedimentos:

- **Análise preliminar:** pesquisa bibliográfica sobre o tema ensino médio e biblioteca escolar;
- **Coleta de dados:** esta etapa consiste basicamente em aplicar um questionário e uma entrevista estruturada em função da situação-problema deverão ser utilizados na coleta de dados para aplicação da metodologia do discurso do sujeito coletivo.
- **Sistematização e análise dos dados:** análise de dados em relação às representações sociais dos estudantes.
- **Formalização e discussão dos resultados:** esta etapa consistirá na formulação de um diagnóstico pontual e descrição de resultados.

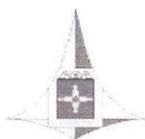
Em síntese, são estes os aspectos metodológicos mais importantes do trabalho a ser desenvolvido pela aluna. Para eventuais esclarecimentos, coloco-me a vossa disposição pelos telefones 3107-2635, 3107-2601 ou e-mail ivettek@unb.br.

Na expectativa de ter fornecido as informações indispensáveis sobre o tipo de atividade a ser desenvolvida pelo aluna e esperando contar com a vossa colaboração,

Atenciosamente,


Prof. Ivette Kafure – Professora Adjunta FCI/UnB
Grupo de pesquisa Informação, Design e Usabilidade
e-mail: ivettek@unb.br – ivettekead@gmail.com
Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=C821986>

ANEXO B – Documento da Secretaria de Educação sobre a quantidade de bibliotecários no Distrito Federal.



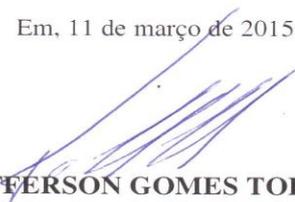
GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
Coordenação de Provimento, Movimentação e Modulação

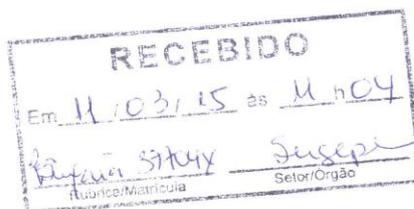
REFERÊNCIA: REG 061256/2015
ASSUNTO: LEI DE ACESSO A INFORMAÇÃO
INTERESSADO: OUVIDORIA

À Subsecretaria de Gestão dos Profissionais da Educação,

Informamos que após levantamento feito no Sistema Único de Gestão de Recursos Humanos –SIGRH, existe 1 (um) servidor da Carreira Assistência, Analista Gestão Educacional em Biblioteconomia na Secretaria de Educação e o mesmo está cedido para o Arquivo Público do Distrito Federal.

Em, 11 de março de 2015.


JEFFERSON GOMES TORRES
Coordenação de Provimento, Movimentação e Modulação
Coordenador



Coordenação de Provimento, Movimentação e Modulação
SGAN 607 Projecção D, Sala 7
70.850-070 – Brasília - DF
Fone: (61) 3901.2292

ANEXO C – Lista de escolas públicas que participaram do ENEM 2013

SIGLA DA UF	NOME DO MUNICÍPIO	DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA	LOCALIZAÇÃO	NOME DA ENTIDADE	MÉDIA TOTAL DA PROVA OBJETIVA	Posição
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	COL MILITAR DOM PEDRO II	581,70	1,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM INTEGRADO A EDUC PROFISSIONAL DO GAMA	539,13	2,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM SETOR OESTE	522,92	3,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM SETOR LESTE	518,12	4,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM ASA NORTE - CEAN	517,06	5,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED 03 DO GUARA	514,72	6,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM AVE BRANCA	513,91	7,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED 02 DO GUARA	512,06	8,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM ELEFANTE BRANCO	509,30	9,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED 06 DE CEILANDIA	508,88	10,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM TAGUATINGA NORTE	508,70	11,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED 01 DO CRUZEIRO	506,10	12,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM 01 DE SOBRADINHO	505,51	13,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM 01 DE BRAZLANDIA	505,36	14,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED 05 DE TAGUATINGA	503,44	15,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM PAULO FREIRE	501,94	16,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM 01 DO GAMA	501,01	17,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM 04 DE CEILANDIA	498,57	18,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM 03 DE TAGUATINGA	497,77	19,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM JULIA KUBITSCHEK	496,36	20,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM 03 DO GAMA	495,68	21,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED GISNO	495,59	22,00

DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED DO LAGO	494,74	23,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED 02 DE SOBRADINHO	493,57	24,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM 09 DE CEILANDIA	493,45	25,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED 04 DO GUARA	493,41	26,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED 01 DO GUARA	492,99	27,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED 03 DE SOBRADINHO	492,15	28,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED 02 DO CRUZEIRO	491,24	29,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM EIT	491,10	30,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM 01 DO PARANOIA	490,43	31,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM 10 DE CEILANDIA	489,65	32,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM 02 DE PLANALTINA	489,62	33,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED DARCY RIBEIRO	489,31	34,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED 04 DE TAGUATINGA	489,10	35,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM 01 DO NUCLEO BANDEIRANTE	489,04	36,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM 02 DE CEILANDIA	488,46	37,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED 06 DE TAGUATINGA	487,34	38,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM 414 DE SAMAMBAIA	486,90	39,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM 02 DO GAMA	485,26	40,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED 07 DE CEILANDIA	485,21	41,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED 11 DE CEILANDIA	484,70	42,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM 01 DO RIACHO FUNDO	483,84	43,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED 07 DE TAGUATINGA	482,91	44,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED STELLA DOS CHERUBINS GUIMARAES TROIS	482,53	45,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED 08 DO GAMA	482,45	46,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM 03 DE CEILANDIA	482,26	47,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM 417 DE SANTA MARIA	481,47	48,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM 01 DE SAO SEBASTIAO	480,28	49,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED AGROURBANO IPE RIACHO FUNDO	480,20	50,00

DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED VALE DO AMANHECER	479,98	51,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED SAO FRANCISCO	479,77	52,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED POMPILIO MARQUES DE SOUZA	479,58	53,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED 04 DE SOBRADINHO	478,95	54,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED 06 DO GAMA	478,68	55,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED 01 DE PLANALTINA	478,66	56,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED 03 DE PLANALTINA	478,41	57,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED 104 DO RECANTO DAS EMAS	477,69	58,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM 12 DE CEILANDIA	477,68	59,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM 804 DO RECANTO DAS EMAS	476,73	60,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED MYRIAM ERVILHA	476,58	61,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED 03 DE BRAZLANDIA	476,40	62,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED 310 DE SANTA MARIA	475,58	63,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM 304 DE SAMAMBAIA	475,36	64,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED 14 DE CEILANDIA	474,65	65,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM 111 DO RECANTO DAS EMAS	473,54	66,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED 123 DE SAMAMBAIA	473,37	67,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED DO LAGO NORTE	472,82	68,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED 619 DE SAMAMBAIA	472,55	69,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CEM 404 DE SANTA MARIA	471,14	70,00
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED 01 DO RIACHO FUNDO II	470,27	71
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED 15 DE CEILANDIA	469,58	72
DF	BRASILIA	Estadual	Urbana	CED DONA AMERICA GUIMARAES	461,23	73